

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Ricardo Stedile Neto

**A (I)MATERIALIDADE DA CULTURA ITALIANA NO MUNICÍPIO DE  
SERAFINA CORRÊA/RS: AS RELAÇÕES CULTURAIS RURBANAS**

Santa Maria, RS  
2019

**Ricardo Stedile Neto**

**A (I)MATERIALIDADE DA CULTURA ITALIANA NO MUNICÍPIO DE SERAFINA  
CORRÊA/RS: AS RELAÇÕES CULTURAIS RURBANAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Geografia**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Tit. Dr.<sup>a</sup> Meri Lourdes Bezzi

Santa Maria, RS  
2019

Stedile Neto, Ricardo

A (I)MATERIALIDADE DA CULTURA ITALIANA NO MUNICÍPIO  
DE SERAFINA CORRÊA/RS: As relações culturais rurbanas /  
Ricardo Stedile Neto.- 2019.

118 p.; 30 cm

Orientadora: Meri Lourdes Bezzi

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de  
Pós-Graduação em Geografia e Geociências, RS, 2019

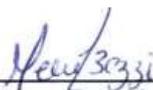
1. Geografia Cultural 2. Imigrantes 3. Imigração  
italiana 4. Códigos Culturais I. Bezzi, Meri Lourdes II.  
Título.

**Ricardo Stedile Neto**

**A (I) MATERIALIDADE DA CULTURA ITALIANA NO MUNICÍPIO DE SERAFINA  
CORRÊA/RS: AS RELAÇÕES CULTURAIS RURBANAS**

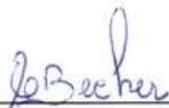
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Geografia**

**Aprovado em 08 de janeiro de 2019:**



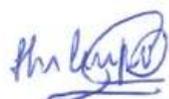
---

**Meri Lourdes Bezzi, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)



---

**Elsbeth Léia Spode Becker, Dr.<sup>a</sup> (UFN)**



---

**Helena Brum Neto, Dr.<sup>a</sup> (IFF)**

Santa Maria, RS  
2019

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus por ter me guiado por esta caminhada sempre com saúde e coragem para ultrapassar as dificuldades que me foram impostas;

- à Universidade Federal de Santa Maria, pelo ensino público de qualidade;
- ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa;

- à minha Orientadora Dr.<sup>a</sup> Meri Lourdes Bezzi por ter dedicado seu tempo e confiança em me transmitir seus conhecimentos, que foram além da vida acadêmica;

- à Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa, em especial à Secretaria de Cultura do Município, representada por Fernanda Tapparo Pedot, pelo grande auxílio e disponibilidade em atender as solicitações de minha pesquisa;

- as habitantes do município, que sempre foram muito prestativos e acolhedores durante os trabalhos de campo;

- aos responsáveis pelas indústrias do município por participarem da pesquisa;

- aos colegas do Núcleo de Estudos Regionais e Agrários (NERA), em especial Ligian Gomes, Thales Souto e Paloma Saccol, por todo o apoio e auxílio durante a realização desta dissertação;

- às minhas avós, Glaci Corrêa da Silva (*in memoriam*) e Rosa dos Santos Stedile, que sempre me apoiaram e me incentivaram a ir em busca dos meus sonhos, e sempre foram exemplo de vida e perseverança;

- agradeço, aos meus pais Marco Antônio Corrêa da Silva e Andréa Stedile por sempre respeitarem minhas decisões e me auxiliarem a alcançar todos os meus objetivos;

- aos meus tios, padrinhos, madrinhas e primos, em especial à Fernanda Stedile, Glani Medeiros e Eric Pires;

E a todas as pessoas que de alguma forma me auxiliaram e contribuíram para a construção deste trabalho.

*“Sem a cultura, e a liberdade  
relativa que ela pressupõe, a sociedade, por mais  
perfeita que seja, não passa de uma selva. É por  
isso que toda a criação autêntica é um dom para o  
futuro”.*

*- Albert Camus*

## RESUMO

### **A (I)MATERIALIDADE DA CULTURA ITALIANA NO MUNICÍPIO DE SERAFINA CORRÊA/RS: AS RELAÇÕES CULTURAIS RURBANAS**

AUTOR: Ricardo Stedile Neto  
ORIENTADORA: Meri Lourdes Bezzi

A Geografia Cultural tem sido foco de atenção dos geógrafos destacando-se como uma temática reflexiva que explica a diversidade dos grupos. O fato de os estudos culturais inserirem o modo de vida ao espaço privilegia o entendimento das diferentes formas de sua ocupação e reorganização. A cultura é responsável pela orientação das ações de determinado grupo social, pois a mesma consiste em um conjunto de crenças e valores, os quais estão intrínsecos na sua essência. No Brasil, as pesquisas de Geografia Cultural se aprofundam, principalmente, com os estudos dos processos migratórios a partir do século XIX. Vindos da Europa, os imigrantes, alemães e italianos, principalmente, foram se reterritorializando no estado gaúcho e organizando-o de acordo com seus códigos culturais e a disponibilidade de recursos naturais encontrados, formando paisagens culturais diversificadas. A imigração italiana para o Rio Grande do Sul iniciou oficialmente na década de 1870. Os colonos que chegaram trouxeram seus costumes que caracterizam muitos municípios do estado sulino até os dias atuais. Neste sentido, a pesquisa tem como problemática central analisar a (i)materialidade da cultura frente as dinâmicas socioespaciais de Serafina Corrêa. Tem-se como objetivo geral analisar a (i)materialidade da cultura italiana em Serafina Corrêa, compreendendo as relações culturais existentes no urbano. Especificamente buscou-se: a) Identificar como a (i)materialidade cultural italiana está inserida no cenário do município atualmente; b) Compreender a dinâmica socioespacial e econômica ocorrida no recorte espacial em estudo e quais os impactos que a mesma gerou na cultura local e c) Analisar as ações públicas locais com o intuito de preservar a cultura na atualidade. Metodologicamente, a pesquisa elegeu dois métodos de pesquisa, o fenomenológico e o dialético, pois julgou-se necessário realizar uma relação entre os dois métodos para atender de forma satisfatória os objetivos propostos. Posteriormente, dividiu-se a pesquisa em 5 etapas. Na primeira etapa trabalhou-se com a consolidação da temática e a definição do problema, dos objetivos e dos métodos científicos do trabalho. A segunda etapa da pesquisa, consistiu no levantamento de dados em fontes secundárias. A terceira etapa foi o momento em que se elaborou um instrumento de pesquisa que foi utilizado no trabalho de campo para buscar as informações in loco, o qual consistiu em questionários. A quarta etapa da pesquisa, consistiu no trabalho de campo, o qual foi realizado em diferentes períodos. A última etapa é a de análise e interpretação dos resultados. Com a elaboração desta pesquisa, conclui-se que a cultura italiana ainda é bastante presente nas relações rurbanas do município, apesar disso, as novas dinâmicas socioespaciais na unidade territorial impactaram nessas relações. A oralidade, religiosidade e gastronomia se sobressaem entre os códigos culturais presentes no município. É importante destacar, que a unidade territorial possui uma grande potencialidade de turismo alicerçado no viés cultural.

**Palavras-chave:** Geografia Cultural; Imigrantes; Imigração italiana; Códigos Culturais.

## ABSTRACT

### THE (IM)MATERIALITY OF ITALIAN CULTURE IN THE CITY OF SERAFINA CORRÊA/RS: RURBAN CULTURAL RELATIONS

**AUTHOR:** Ricardo Stedile Neto

**ADVISOR:** Meri Lourdes Bezzi

Cultural Geography has been the focus of geographers' attention being highlighted as a reflective theme that explains the diversity of groups. The fact that cultural studies integrate the way of life into the space helps the understanding of different forms of its occupation and reorganization. The culture is responsible for the orientation of the actions of a particular social group, because it consists of a set of beliefs and values, in which are intrinsic to their essence. In Brazil, the research on Cultural Geography is deepening, mainly with the studies of migratory processes from the 19th century. Coming from Europe, immigrants, mostly Germans and Italians, were reterritorializing the state of Rio Grande do Sul and organizing it according to their cultural codes and the availability of natural resources discovered, forming diverse cultural landscapes. The Italian immigration to the state of Rio Grande do Sul officially began in the 1870s, and the mores that characterize many cities of the southern state to the present days were brought by Italian settlers. In this sense, the research has as central problem to analyze the (im)materiality of the culture in the socio-spatial dynamics of Serafina Corrêa. The main goal is to analyze the (im)materiality of the Italian culture in Serafina Corrêa, understanding the cultural relations prevailing in the rurban. Specifically, it was sought to: a) Identify how the Italian cultural (im)materiality is inserted in the current city scenario; b) Understand the socio-spatial and economic dynamics that occurred in the spatial clipping under study and which impacts it has generated in the local culture; and c) Analyze the local public actions with the intention of preserving the culture in the present time. Methodologically, the research listed two methods of research, the phenomenological and the dialectical, because it was considered necessary to make a relation between the two methods to satisfactorily meet the proposed objectives. Afterward, the research was divided into 5 stages. In the first stage, we worked with the consolidation of the theme and the definition of the problem, the objective and, the scientific methods of the work. The second stage of the research consisted of data collection in secondary sources. The third step was the moment in which a research instrument was elaborated and used in the field work to search the information in loco, which consisted of questionnaires. The fourth stage of the research consisted of fieldwork, which was carried out in different periods. At the last step was done the analysis and interpretation of the results. Through the elaboration of this research, it was concluded that the Italian culture is still quite present in the rurban relations of the city, nevertheless, the new socio-spatial dynamics in the territorial unit impacted on these relations. Orality, religiosity and gastronomy stand out among the cultural codes present in the city. It is important to emphasize that the territorial unit has a great tourism potential based on the cultural bias.

**Keywords:** Cultural Geography; Immigrants; Italian Immigration; Cultural Codes.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 -	Localização de Serafina Corrêa/RS.....	13
Figura 1 -	Fluxograma do caminho metodológico utilizado na realização da pesquisa.....	49
Quadro 1 -	Temáticas e autores utilizados na construção da revisão bibliográfica da pesquisa.....	50
Gráfico 1 -	População residente no município de Serafina Corrêa por religião.....	58
Figura 2 -	Mosaico fotográfico sobre o Talian no município.....	63
Fotografia 1 -	Dicionário de Talian.....	64
Fotografia 2 -	Parreiral no distrito de Silva Jardim/Serafina Corrêa/RS.....	66
Fotografia 3 -	Plantação de milho abandonada no distrito de Silva Jardim/Serafina Corrêa/RS.....	67
Figura 3 -	Mosaico fotográfico sobre a gastronomia de Serafina Corrêa.....	68
Figura 4 -	Mosaico fotográfico sobre a Festipizza.....	70
Figura 5 -	Localização da Via Gênova em Serafina Corrêa/RS.....	73
Fotografia 4 -	Monumento Nave Degli Immigranti/Serafina Corrêa/RS.....	74
Figura 6 -	Mosaico fotográfico sobre a Via Gênova.....	75
Figura 7 -	Edificações clássicas e modernas em Serafina Corrêa/RS....	76
Figura 8 -	Edificações típicas italianas na área rural de Serafina Corrêa/RS.....	77
Fotografia 5 -	Pórtico de entrada de Serafina Corrêa/RS.....	78
Fotografia 6 -	Outdoor anunciando a 30ª Romaria de Nossa Senhora do Rosário/Serafina Corrêa/RS.....	79
Figura 9 -	Capitéis na área rural de Serafina Corrêa/RS.....	80
Figura 10 -	Mosaico fotográfico do Cristo Redentor e da Via Sacra.....	81
Figura 11 -	Localização da Via Sacra em Serafina Corrêa/RS.....	82
Figura 12 -	Monumentos religiosos em Serafina Corrêa/RS.....	83
Gráfico 2 -	Crescimento da população de Serafina Corrêa/RS.....	85
Fotografia 7 -	Comercio informal nas ruas de Serafina Corrêa/RS.....	86
Figura 13 -	Empresa BRF e Credeal em Serafina Corrêa/RS.....	87
Figura 14 -	Identificação da BRF nas propriedades rurais de Serafina Corrêa/RS.....	88
Fotografia 8 -	Mercado BRF destinado aos funcionários/Serafina Corrêa/RS.....	89
Fotografia 9 -	Sede da COOPERLATE no centro de Serafina Corrêa/RS....	90

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	16
2.1	A GEOGRAFIA CULTURAL RENOVADA E SUAS CONTRIBUIÇÕES	16
2.2	CONCEITUAÇÕES ACERCA DE CULTURA, CÓDIGOS CULTURAIS E IDENTIDADES CULTURAIS.....	22
2.3	A CONSTRUÇÃO DO LUGAR E DA PAISAGEM CULTURAL.....	29
2.4	OS IMIGRANTES ITALIANOS NA COLONIZAÇÃO DO BRASIL E DO RIO GRANDE DO SUL.....	40
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	45
3.1	OS MÉTODOS FENOMENOLÓGICO E DIALÉTICO COMO APORTE DA PESQUISA.....	45
3.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	48
<b>4</b>	<b>O MUNICÍPIO DE SERAFINA CORRÊA: ORGANIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E CULTURAL</b> .....	53
4.1	CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS E NATURAIS.....	53
<b>5</b>	<b>A (I)MATERIALIDADE DA CULTURA ITALIANA E A DINÂMICA SOCIOESPACIAL DE SERAFINA CORRÊA</b> .....	60
5.1	A (I)MATERIALIDADE DA CULTURA ITALIANA EM SERAFINA CORRÊA.....	60
5.1.1	<b>Código Cultural: Oralidade</b> .....	61
5.1.2	<b>Código Cultural: Gastronomia</b> .....	66
5.1.3	<b>Código Cultural: Arquitetura</b> .....	72
5.1.4	<b>Código Cultural: Religiosidade</b> .....	78
5.2	A DINÂMICA SOCIOESPACIAL DE SERAFINA CORRÊA.....	84
5.2.1	<b>A BRF e a Credeal organizando o espaço de Serafina Corrêa</b> .....	87
5.2.2	<b>A implantação da COOPERLATE</b> .....	90
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	92
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	97
	APÊNDICES.....	105
	ANEXOS.....	116

A Geografia Cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas (MCDOWELL, 1996, p. 159).

Uma das principais características da ciência geográfica é a constante procura em reler seus conceitos e seus paradigmas. Essa dinâmica é a que caracteriza todas as ciências, em especial, a Geografia, sendo fundamental para que o pensamento científico possa acompanhar as transformações em que o meio técnico-científico-informacional impõe a sociedade. Esse processo de releitura da Geografia possibilita a obtenção de respostas que condizem com a atual dinâmica da natureza/sociedade. Pode-se dizer, então, que, a Geografia possui como desafio principal, o acompanhamento das transformações complexas do mundo de hoje.

Atualmente, a Geografia Cultural tem sido foco de atenção pelos geógrafos, destacando-se como uma temática reflexiva, a qual explica a diversidade dos grupos sociais e suas distintas formas de organização espacial. O fato de os estudos culturais inserirem o modo de vida ao espaço, privilegia o entendimento das diferentes formas de sua ocupação e reorganização, ou seja, os grupos sociais, através de suas simbologias e representações, organizam e reorganizam o seu espaço por meio de suas marcas culturais. Segundo Wagner e Mikesell (2014, p. 28), essa organização espacial proveniente dos diferentes grupos sociais é resultante “[...] da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos”.

Cabe destacar que os estudos culturais começaram na Europa, no final do século XIX, com Friedrich Ratzel (1844-1904) e Paul Vidal de La Blache (1845-1918), e difundiram-se para os Estados Unidos na primeira metade do século XX com Carl Sauer (1889-1975). Apesar de ser um campo da Geografia com mais de cem anos de estudos, a forma como a Geografia Cultural é analisada na atualidade, considerando a subjetividade dos grupos étnicos, só foi aprofundada pelos pesquisadores após Segunda Guerra Mundial, no movimento chamado de “A Renovação da Geografia Cultural” (CLAVAL, 2002).

A cultura é responsável pela orientação das ações de determinado grupo social, pois a mesma consiste em um conjunto de crenças e valores, os quais estão intrínsecos na essência desse grupo. Neste sentido, os valores estão diretamente atrelados à consolidação do grupo, no espaço em que estão inseridos. Além disso, destaca-se a importância da cultura como organizadora do espaço através de seus símbolos e dos códigos culturais, os quais são responsáveis pela sua identificação (COSGROVE, 1998).

No Brasil, as pesquisas de Geografia Cultural se aprofundaram, principalmente, com os estudos dos processos migratórios a partir do século XIX. Vindos da Europa em busca de melhores condições de vida, os imigrantes alemães e italianos, principalmente, foram se reterritorializando no estado gaúcho e o organizando de acordo com seus códigos culturais bem como a disponibilidade de recursos naturais encontrados, formando paisagens culturais singulares e diversificadas.

Salienta-se que a imigração ocorreu devido a alguns fatores, dentre esses, o processo de colonização da região sul do Brasil, que teve início a partir do século XIX. Os imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos, viram nas grandes áreas de terras disponíveis, uma forma de se desenvolverem e se consolidarem economicamente no país (SAQUET, 2002).

A imigração italiana para o Rio Grande do Sul, iniciou oficialmente na década de 1870 (SAQUET, 2002). Os colonos que chegaram, trouxeram seus costumes, os quais caracterizaram muitos municípios do estado sulino, até os dias atuais. Os códigos culturais que foram sendo inseridos gradativamente pelos imigrantes italianos, auxiliaram na construção da identidade cultural de seus descendentes, os quais a cultuam hodiernamente. A materialização cultural pode ser presenciada principalmente nos municípios da região da Serra Gaúcha, os quais são quase na sua totalidade, de colonização italiana, como é o caso de Serafina Corrêa, recorte espacial dessa pesquisa.

A economia também está atrelada a cultura. Cada grupo social, considerando os seus costumes, fazeres e saberes tradicionais, inseriram nas unidades territoriais por eles ocupadas, seu modo de produção para se consolidarem economicamente. Os imigrantes italianos que ocuparam a região da Serra Gaúcha, trouxeram como principal atividade, a agricultura<sup>1</sup>. Pequenas unidades familiares foram responsáveis

---

<sup>1</sup> Os colonizadores italianos, começaram a plantar o milho, o qual era matéria prima para a polenta, base de sua alimentação, u a uva, para a produção do vinho (PESAVENTO, 1983).

por desenvolverem o território ocupado pelos italianos e caracterizaram-no com pequenas unidades de produção, baseadas na mão de obra familiar.

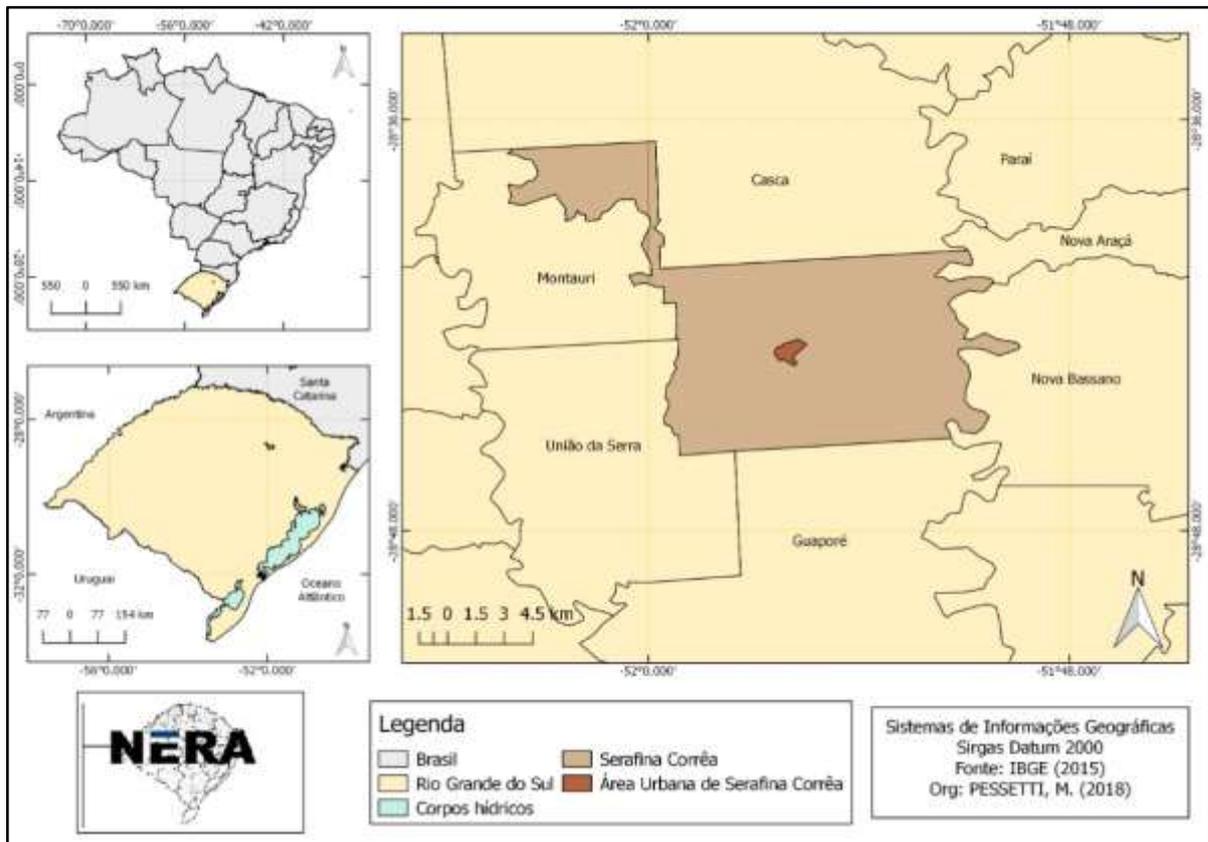
A escolha de Serafina Corrêa como recorte espacial de estudo, justifica-se por ser, este município, característico da presença do grupo social italiano e de suas marcas culturais presentes no mesmo. Colonizado quase que exclusivamente por italianos, sua realidade socioeconômica está vinculada às representações, saberes e fazeres desses imigrantes. A oralidade se destaca entre essas marcas culturais, pois é considerada uma segunda língua oficial, o Talian. Este dialeto é falado entre os mais antigos e passado às gerações. Com a valorização do dialeto, Serafina Corrêa, é considerada a capital nacional do Talian. Também tem destaque as festas, arquitetura, religião, gastronomia, música, dança, vestimentas e artes, que podem ser visualizadas no município. Desta forma, a simbologia italiana demonstra a identidade ítalo-brasileira presente nesta unidade territorial.

Concomitante a estes fatores, a escolha desta unidade territorial para a realização da pesquisa, possui também, um caráter pessoal, pois remonta aos meus antepassados. Ao estudar o grupo étnico italiano, tornou-se possível o autoconhecimento, pois sou descendente de imigrantes italianos, que se instalaram na região da Serra Gaúcha durante o final do século XIX. Além disso, é uma forma de conhecer a história de um dos grupos sociais mais expressivos que colonizaram o Rio Grande do Sul.

Serafina Corrêa se insere na Microrregião Geográfica de Guaporé (MRG 13), a qual pertence a Mesorregião do Nordeste Rio-Grandense e está localizada na latitude sul 28°42'42" e longitude 51°56'06" à oeste de Greenwich. Apresenta como limites: ao norte o município de Casca; ao sul o município de Guaporé; a leste o município de Nova Araçá e a oeste o município de União da Serra (Mapa 1).

A implantação de um distrito industrial na unidade territorial, foi responsável por mudanças recentes no cenário econômico do município. A inserção de atividades externas, como a produção de industrializados embutidos, as quais não estão vinculadas à tradição italiana, reflete diretamente na nova dinâmica econômica local. Tal fato indicou mudanças significativas que influenciaram a cultura da unidade territorial em análise.

Mapa 1 – Localização de Serafina Corrêa/RS



Fonte: (IBGE, 2010).  
Org.: PESSETTI, M. 2018.

Neste sentido, a pesquisa teve como problemática central, analisar a (i)materialidade da cultura frente as dinâmicas socioespaciais de Serafina Corrêa. Sua proposta demonstra a relevância e justifica sua execução, pois traz como eixo principal, a cultura e a forma como a mesma influenciou na consolidação socioeconômica do município. Tal fato pode ser demonstrado através da simbologia específica trazida pelos imigrantes italianos, que chegaram e se alocaram nas terras gaúchas e, que frente as novas perspectivas locais encontradas, foram responsáveis pela gradativa hibridização cultural.

Cabe destacar também, a necessidade da elaboração deste trabalho, pois o recorte espacial em estudo não apresenta, até então, pesquisas relevantes sobre a dinâmica ocorrida recentemente, que reorganizou o espaço e influenciou nas relações sociais e culturais presentes no município. Portanto, a realização desta pesquisa, objetivou fornecer subsídios para os gestores locais terem um perfil sociocultural da atual organização espacial da unidade territorial, o que poderá auxiliar na criação de

políticas públicas para a preservação da cultura italiana para as próximas gerações. É importante destacar que a pesquisa, expôs, também, as potencialidades turísticas que o município apresenta através de suas marcas e simbologias culturais, que utilizadas para seu desenvolvimento.

Na busca de respostas para a problemática em foco teve-se como objetivo geral, analisar a (i)materialidade da cultura italiana em Serafina Corrêa, compreendendo as relações culturais existentes no rurano<sup>2</sup>. Como objetivos específicos buscou-se: a) identificar como a (i)materialidade cultural italiana está inserida no cenário do município atualmente; b) compreender a dinâmica socioespacial e econômica ocorrida no recorte espacial em estudo e quais os impactos que a mesma gerou na cultura local e c) analisar as ações públicas locais com o intuito de preservar a cultura na atualidade.

O presente trabalho está estruturado em 5 capítulos. O capítulo 1 refere-se à introdução, onde está apresentada a temática da pesquisa, bem como sua problemática e seus objetivos, além de uma breve contextualização da área de estudo.

No capítulo 2 está apresentada a fundamentação teórica, com base nos conceitos de Geografia Cultural, paisagem cultural, imigração no Brasil e no Rio Grande do Sul, lugar, identidade cultural e códigos culturais. Esses conceitos foram importantes, pois deram o alicerce para o trabalho prático da pesquisa.

O capítulo 3 traz os procedimentos metodológicos. Destacando a escolha dos métodos fenomenológico e dialético, que foram utilizados como balizadores da pesquisa. Também está abordado as etapas metodológicas, utilizadas na pesquisa qualitativa, para atendimento dos objetivos propostos.

O capítulo 4 refere-se à caracterização do município em estudo. Nele estão abordadas as características físicas, históricas, econômicas e culturais da unidade territorial. Esse capítulo possibilitou a compreensão de como os agentes formadores do espaço de Serafina Corrêa se articularam na realidade atual.

No capítulo 5 são explanados os resultados que foram levantados durante a realização da pesquisa. O mesmo enfoca a realidade das relações culturais no município, obtidos durante os trabalhos de campo. A partir destes dados e subsídios,

---

<sup>2</sup>Freyre (1975) conceitua rurano como sendo a integração total de complementaridade entre o rural e o urbano, onde os dois mundos são vistos como um sistema que está em constante comunicação e troca de informações.

verificou-se como a cultura está inserida no cenário municipal, considerando a dinâmica espacial, que caracteriza a unidade territorial na atualidade.

Por fim, tem-se as considerações finais, responsáveis pelo encerramento da dissertação, onde foram feitas algumas reflexões sobre todos os dados e respostas obtidas durante a realização da pesquisa de mestrado. Além das referências utilizadas e dos apêndices, os quais consistem nos questionários aplicados durante os trabalhos de campo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

---

O presente capítulo discute a gênese da Geografia Cultural, além de trazer os aportes teóricos que nortearam a pesquisa. Entre eles, está a cultura, a qual é o conceito central da construção desta pesquisa. Enfoca, também, os conceitos de códigos culturais, os quais estão associados ao lugar e a identidade cultural italiana. A paisagem cultural, é resultante da materialização dos códigos culturais, identificando o município de Serafina Corrêa como uma unidade territorial ítalo-brasileira.

Aborda-se também os processos migratórios no Brasil, destacando a imigração italiana, a qual foi a principal corrente migratória do município. Torna-se importante trabalhar estes conceitos, pois uma das características do município, é a presença das indústrias, responsável pela influência externa na unidade territorial.

### 2.1 A GEOGRAFIA CULTURAL RENOVADA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Os estudos da Geografia estão diretamente ligados à história da humanidade. Muito antes do homem possuir o conhecimento científico, a Geografia já estava presente em suas vivências. Isso se elucidava principalmente quando historiadores descobriam os mapas utilizados pelas grandes navegações, além dos saberes que os povos detinham sobre clima e solo, possibilitando a concretização de práticas agrícolas ao longo da história da humanidade. Porém, somente a partir do século XIX, que a Geografia surgiu como ciência, a qual tratou a mesma como uma disciplina (BEZZI; MARAFON, 2005).

Inicialmente, os estudos da Geografia estavam voltados para as práticas locais e de descrição do ambiente. A Geografia assumiu a visão empírica e descritiva, como primordial nos seus estudos. Essa fase estendeu-se até meados do século XIX, com o surgimento das Escolas Francesa e Alemã, que começaram a analisar a concepção de que o homem é um agente formador do espaço e do lugar, não apenas um integrante da superfície terrestre. Segundo Lorensi (2017), foi o interesse que os geógrafos tinham por descrever a superfície terrestre que possibilitou que os aspectos culturais e sociais fossem introduzidos no estudo da ciência geográfica.

As escolas europeias de Geografia, contribuíram por tornar os estudos culturais como uma das áreas da ciência geográfica. Entre os precursores deste conceito,

estão Friedrich Ratzel (1844-1904) e Paul Vidal de La Blache (1845-1918). Esses autores foram responsáveis por disseminar os conceitos de Geografia Cultural pelo mundo, até meados do século XX. E o geógrafo humanista, Carl Sauer (1889-1975), fundador da Escola Americana, foi o responsável pela identificação plena do conceito de Geografia. Juntamente com os autores europeus, Sauer foi responsável pela sistematização da Geografia Cultural (CLAVAL, 2007).

Corrêa e Rosendahl (2000a, p. 9), acrescentam ainda,

Nascida na Europa, com um impulso particularmente forte na Alemanha e na França, a Geografia Cultural tem uma trajetória de pouco mais de um século. Como ocorre em qualquer ciência, as mudanças em seu percurso foram motivadas tanto por forças internas quanto externas.

De acordo com Voigt (2013, p. 26), destaca-se ainda que “se a Geografia Cultural tem um berço europeu, o seu desenvolvimento e a sua força resultam das contribuições norte-americana. Foi com Sauer, que a Geografia Cultural se consolidou como um ramo da Geografia”.

Sauer teve forte influência da escola alemã, principalmente de Ratzel e, como tal, ignorava os princípios subjetivos da cultura. A Geografia de Sauer estava diretamente alicerçada na historicidade, a explicar como os grupos humanos se organizavam no espaço e como se relacionavam com o meio físico. Claval (1999, p. 31), destaca que apesar de Sauer seguir seus contemporâneos europeus, o autor avançou nos estudos da temática, pois,

Como seus contemporâneos, Sauer vê a cultura, primeiramente, como o conjunto de instrumentos e de artefatos que permite ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai mais longe [...]: a cultura é também composta de associações de plantas e de animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo. Estas transformações não são inocentes. Desde que conduzidas sem prudência, ameaçam o equilíbrio profundo da natureza e conduzem a catástrofes ecológicas. A aptidão para gerenciar com sabedoria o ambiente é, para Sauer, um dos traços maiores segundo os quais as culturas devem ser julgadas.

Pode-se dizer então, que as Escolas Alemã e Norte Americana seguiram a mesma corrente de concepções teóricas acerca dos estudos culturais. As duas escolas se caracterizavam pelo estudo da parte material da cultura, negligenciando os saberes e valores culturais (VOIGT, 2013).

Salienta-se, com base nos conceitos já trabalhados, que essas três escolas geográficas tiveram significativa importância nos avanços dos estudos culturais. Evidencia-se que, foi possível construir um conceito rico para as reflexões culturais, através das particularidades de cada corrente. Enquanto a Escola Alemã focava na técnica, nas paisagens, os americanos traziam a concepção do componente vivo nas paisagens. Montante a isso, a Escola Francesa inseria a noção de gênero de vida nos estudos regionais. Essas três correntes de concepções, que se completavam, foram responsáveis por difundir o conceito de cultura na ciência geográfica.

O interesse dos geógrafos pelos estudos culturais é proveniente do final do século XIX, quando ocorreu o surgimento da Geografia Humana, na Escola Geográfica Tradicional. Porém, esses estudos eram mais direcionados na relação do homem com o meio, mas tratando um como superior ao outro<sup>3</sup>. Somente a partir da segunda metade do século XX, que a Geografia Cultural assumiu um papel mais fenomenológico, inferindo que o homem e a natureza estão ligados. Um não está acima do outro, os dois trabalham juntos na formação do espaço geográfico (CLAVAL, 2002).

Para Duncan (2003, p. 89), “a separação do indivíduo da cultura é um erro ontológico. É um caso de antropomorfismo – de reificar um constructo mental e atribuir-lhe auto direção e poder sobre os homens – que é puramente fictício”.

O período pós Segunda Guerra Mundial marcou uma época em que pouquíssimos estudos acerca do cultural foram realizados<sup>4</sup>. Geógrafos mais jovens, os quais não se identificavam com os antigos conceitos trabalhados, possibilitaram uma profunda reformulação da Geografia Cultural.

Isso ocorreu juntamente com os estudos das novas correntes norteadoras da Geografia, inicialmente com a Nova Geografia, e a partir da década de 1970, da Geografia Crítica. Essa nova corrente buscou entender as relações do homem com o meio, buscando a subjetividade dos fenômenos (BECKER, 2006).

---

<sup>3</sup>Esse momento se caracteriza como sendo o apogeu na dualidade geográfica, onde a Geografia Tradicional, através dos seus paradigmas (Determinismo e Possibilismo) separava os aspectos físicos/naturais dos humanos/sociais. Essa dicotomia necessitava ser transpassada para que ocorresse o avanço dos estudos culturais (BECKER, 2006).

<sup>4</sup>O período pós 2ª Guerra Mundial marcou o início de uma nova escola geográfica, a Nova Geografia, a qual priorizava os estudos lógicos da Geografia. As técnicas utilizadas eram a da quantificação, apropriando-se de dados estatísticos para seus estudos. Esse fator foi responsável pela diminuição dos estudos culturais durante esse período (BEZZI; MARAFON, 2005).

A forma de ler os objetos geográficos se alicerçou, principalmente, no método fenomenológico, o qual possibilitava ao pesquisador chegar na essência do sujeito em análise, estando livre de observações predefinidas. Tal fato auxiliou no desenvolvimento da Geografia Cultural, transformando-a em um importante campo da Geografia.

Cosgrove e Jackson (2000, p.15) destacam que,

O interesse pelo campo da Geografia cultural renovou-se na década de 1970, com o surgimento de diversas novas perspectivas. Em 1978, Cosgrove previa a cooperação vantajosa entre a Geografia cultural humanista e a Geografia social marxista, “através de uma investigação sobre o mundo do homem e as Geografias da mente”.

Claval (2002), em seu artigo que trata da renovação do Cultural na Geografia, temporaliza os estudos da Geografia Cultural e destaca que foi a partir da década de 1970 que o conceito deixou de ser uma subárea da Geografia Humana, e assumiu um patamar de conceito próprio, como a Geografia Política, Geografia Econômica, entre outros. Sauer (1998, p. 25), afirma que “a Geografia Cultural implica, portanto, um programa que está integrado com o objetivo geral da Geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas”.

Outro fator que foi motivo de crítica e uma das principais causas da reformulação da Geografia Cultural, foi a dificuldade que a mesma enfrentava para atender e explicar os problemas sociais que se apresentavam devido as transformações ocorridas no espaço. Essas transformações que foram ocasionadas, principalmente pelo capital, fez com que os geógrafos buscassem caminhos, objetos, abordagens e conceitos diferentes dos trabalhados até então, com o intuito de enriquecer a ciência geográfica (BEZZI, 2004).

A preocupação com essa nova forma de organização do espaço geográfico, com o advento da globalização e da influência cada vez maior do capital, buscou preservar as particularidades de cada grupo social de cada região. Essa nova forma de espacialização dos fatores formadores do espaço, causou receio que as culturas originais se perdessem. Corrêa e Rosendahl (2007, p. 12) destacam que,

O processo de renovação se fez no contexto de valorização da cultura; a denominada “virada cultural”. Na década de 1980, um conjunto de mudanças em escala mundial ressalta a dimensão cultural dos processos em ação. Mitchell (2000) aponta essas mudanças, das quais indicaremos algumas: as mudanças na esfera econômica, o fim da denominada Guerra Fria, a

ampliação dos fluxos migratórios da periferia para os países centrais, o movimento ecológico, novas formas de ativismo social e a crescente consciência da necessidade de novos modos de se construir e entender a realidade, até então calcada no racionalismo moderno, no raciocínio científico e na celebração técnica.

Com esse processo de renovação do conceito de cultura, tornou-se necessário redefinir essa concepção de cultura, com o intuito de suprir as bases teóricas das novas correntes que estavam surgindo. De acordo com Corrêa e Rosendahl (2007, p. 13), o conceito de cultura ganhou um novo significado, pois

[...] é redefinido e liberado da visão supra-orgânica e do culturalismo, na qual a cultura é vista segundo o senso comum e dotada de poder explicativo. É vacinado também contra a visão estruturalista, na qual a cultura faria parte da “superestrutura”, sendo determinada pela “base”. A cultura é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada.

Seguindo essa linha de perspectiva teórica, durante a década de 1990, geógrafos da França, Inglaterra e Brasil criaram periódicos para a consolidação e divulgação da Geografia Cultural renovada. Com a criação do periódico *Espaço e Cultura*, a Geografia Cultural se concretizou em âmbito nacional e possibilitou o aumento de estudos na área, disseminando-se por diversas instituições de ensino superior brasileira. Segundo Corrêa e Rosendahl (2005), a Geografia Cultural se constitui em um subcampo plenamente estabelecido no país.

Os estudos culturais realizados no Brasil procuraram refletir sobre a mediação do cultural no espaço, pois de acordo com as palavras de Corrêa e Rosendahl (2005, p. 98),

A Geografia Cultural está implantada no Brasil. Como tal, entende-se aquelas Geografias de matriz saueriana, influenciada pela denominada nova Geografia Cultural e pelo “*approche culturelle*” de Claval. A sua implantação gerou polêmicas, pois, afinal, o que é visto como novo pode desafiar o *establishment* geográfico. No entanto, os adeptos da Geografia Cultural brasileira são, por definição, adeptos de uma heterotopia geográfica, sem a ascendência de nenhum grupo.

Pode-se dizer que a “virada cultural” de acordo com Mondana e Södertröm (2004, p. 134) “permitiu que a Geografia Cultural analisasse e compreendesse melhor, de um lado, as relações entre cultura, espaço e sociedade, e, de outro, as condições de produção do saber geográfico”.

Salienta-se, de acordo com as reflexões realizadas, que a renovação da Geografia Cultural surgiu com intuito de suprir as fraquezas que o conceito continha. Ressalta-se que, inicialmente, os estudos culturais não consideravam as inter-relações entre o homem e o meio. Com o surgimento da Geografia Cultural renovada, a mesma buscou aprofundar a teoria cultural, subtraindo a dicotomia geográfica, e entendendo que a cultura era resultado das ações antrópicas sob um espaço.

Neste sentido, Claval (1999, p. 63), entendia a cultura nessa fase renovada como

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam.

Com esse novo significado do conceito cultural, a cultura não é apenas construída cientificamente. Ela é também senso comum, formada a partir da transmissão de conhecimentos, valores e saberes. A ação antrópica passou a ser reconhecida como um agente de reorganização do espaço, transformando a natureza para suprir suas necessidades, e imprimindo suas características no espaço. Pode-se afirmar então, que a cultura é a peça central da significação entre a materialidade no espaço e as características da existência e consciência social (VOIGT, 2013).

A adoção dos estudos fenomenológicos nessa nova fase da Geografia Cultural contribuiu para dar inteligibilidade à ação humana sobre a superfície terrestre. Esse método trouxe reconhecimento a grupos sociais que antes eram negligenciados por não seguirem os padrões trabalhados pelas correntes antecessoras. A cultura sendo vista como uma herança, afirma a concepção de heterogeneidade que os diferentes grupos sociais possuem. Nem todos possuem as mesma técnicas, conhecimentos e interpretação do espaço. Claval (1999, p. 287), enfatiza essa concepção afirmando que “[...] os grupos humanos transformam os meios naturais onde se instalam [...] a paisagem humanizada toma formas variadas que refletem as escolhas e os meios das diferentes culturas”.

Wagner e Mikesell (2003, p. 31), justificaram o uso do método fenomenológico no estudo da Geografia Cultural ao afirmarem que

O geógrafo cultural não está preocupado em explicar o funcionamento interno da cultura nem em descrever completamente padrões de comportamento humano mesmo quando afetam a superfície da terra, mas em avaliar o potencial técnico de comunidades humanas para usar e modificar seu habitat. Para realizar tal avaliação, a Geografia Cultural estuda a distribuição, no tempo e no espaço, de culturas e elementos da cultura.

Para Claval (1997), a modernização das concepções do entendimento de cultura, possibilitaram acentuar as diferenças em um mundo onde a tendência era a homogeneização de culturas. Analisar o modo de vida e a influência de como os grupos sociais se organizam no espaço auxilia na diferenciação das culturas.

O advento da Geografia Cultural renovada proporcionou aos pesquisadores inúmeras áreas para serem analisadas e estudadas. As áreas devem ser trabalhadas com o intuito de contribuir para análise da ação do homem sobre a superfície terrestre. Atualmente, pode-se destacar, que os estudos voltados a cultura levam em conta, além dos aspectos naturais e materiais da cultura, os imateriais os quais são responsáveis pela identificação dos grupos sociais. A escala temporal dos grupos étnicos também deve ser considerada. A renovação da Geografia Cultural ensinou o geógrafo cultural, a analisar, além do presente, o passado dos grupos em questão.

## 2.2 CONCEITUAÇÕES ACERCA DE CULTURA, CÓDIGOS CULTURAIS E IDENTIDADE CULTURAL

O termo cultura é utilizado desde os povos antigos, com diferentes conceitos e significados. Oriundo do latim *colere*, o qual remonta ao processo de cultivar/ cuidar do campo. Os romanos, já utilizavam a palavra cultura para destacar a educação aprimorada de um indivíduo, remetendo ao grau de interesse pelas artes, ciência, ou seja, por tudo aquilo que o homem produzia ao longo de sua história (CALDAS, 2005).

Com o passar do tempo, surgiram novos significados para o termo cultura, a qual começava a diferenciar as diferentes populações mundiais. Cuche (1999, p. 21), afirmava que “a cultura passa a ser vista como a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história”.

As principais contribuições teóricas acerca do conceito de cultura foram desenvolvidas pela Alemanha, França e Estados Unidos. Com isso, o mesmo tornou-se um conceito-chave para os estudos das ciências sociais e humanas, ganhando destaque na Geografia.

Segundo Brum Neto e Bezzi (2008a. p. 139)

[...] o resgate das bases teóricas que norteiam a concepção de cultura é imprescindível para o entendimento desse conceito, considerado amplo e complexo, uma vez que, transita em uma área fronteira entre a Geografia e as Ciências Sociais, sendo abordado também, pela Antropologia e História.

Piccin (2009) destacou que a utilização da abordagem cultural na Geografia Humana referia-se a humanidade na sua integralidade, onde os diferentes grupos que a compunham interagiam e se modificavam com o decorrer do tempo. É importante ressaltar, conforme Santos (2005, p. 7) que a cultura,

É uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social.

Na ciência geográfica, a abordagem cultural foi trabalhada a partir das classificações dos povos e das técnicas utilizadas pelos mesmos, no intuito de se apropriarem do meio natural. Essas técnicas utilizadas eram uma forma de analisar o grau de desenvolvimento de determinado grupo social, bem como as formas que os mesmos tinham para se apropriarem e organizarem o espaço.

Entende-se então, que a cultura se materializa no espaço através da soma valores e saberes de cada povo, construída através dos indivíduos. Essa materialização se dá através de simbologias e convenções, e se modifica e adapta aos diferentes meios e contextos em que o grupo social está inserido. Deste modo, a mesma não pode ser considerada imutável e homogênea.

Segundo as afirmações de Wagner e Mikesell (2003, p. 28), pode-se entender por cultura

Uma propriedade ou atributo inerente aos seres humanos, ou meramente um artifício intelectual para se generalizar convenientemente a respeito de atitudes e comportamentos humanos, cultura é uma chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens. A noção de cultura considera não indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um mesmo espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além de numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades.

Com base nisso, é possível perceber que, hodiernamente, existem culturas distintas impressas no espaço, sendo cada uma formada por inúmeros fatores, os quais estão relacionados aos hábitos e costumes de cada grupo. Tal fato serve para a organização dos grupos, em um processo de inclusão e exclusão, aproximando o que é igual e afastando o que se difere culturalmente, além de classificar as áreas onde determinado grupo ocupa (WAGNER; MIKESELL, p. 28).

Para Seemann (2003), o entendimento da questão cultural é necessário para entender o meio físico. Isso se dá, pois, a cultura é construída socialmente, geograficamente expressa e espacialmente constituída.

Pode-se afirmar, portanto, que a cultura é uma totalidade entre as ações e atividades mentais e físicas, caracterizando o comportamento dos indivíduos do grupo social. Segundo Marconi e Presotto (2005, p. 24),

A cultura, portanto, pode ser analisada, ao mesmo tempo, sob vários enfoques, ideias (conhecimento e filosofia); crenças (religião e superstição); valores (ideologias e moral); normas (costumes e leis); atitudes (preconceito e respeito ao próximo); padrão de conduta (monogamia, tabu); abstração do comportamento (símbolos e compromissos); instituições (família e sistemas econômicos); técnicas (artes e habilidades); e artefatos (machado de pedra, telefone).

Como já fora supracitado, para se expressar na paisagem, a cultura se utiliza de simbologias, as quais são denominadas de códigos culturais. Esses códigos são responsáveis pela transmissão da cultura através das gerações (PICCIN, 2009).

Levando em consideração os códigos culturais, para Brum Neto (2007, p. 31),

A cultura consiste, basicamente, num conjunto de crenças e valores que orientam as ações de um determinado grupo social, a partir de sistemas simbólicos que o tornam distinto dos demais, conferindo-lhes características singulares. Estas, por sua vez, definem o grupo social através do contraste, originando a identidade cultural.

É relevante ressaltar que a construção da cultura é composta por instrumentos materiais e imateriais, os quais organizam o espaço. Para Saquet (2007, p. 73), é importante trabalhar a (i)materialidade da cultura, pois a mesma “[...] não é apenas substrato (palco) ou formas espaciais; nem apenas relações sociais. As próprias relações sociais têm uma (i)materialidade; são objetivas e subjetivas ao mesmo tempo; [...]”.

Essa (i)materialidade trabalhada através dos códigos culturais foi conceituada por Brum Neto (2007, p. 38),

Os códigos constituem-se na simbologia responsável pela visualização da cultura e, também, pela sua transmissão. Encontram-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, vestuário típico, arte, gastronomia, música, religiosidade e festividades. Além desses, existem outros códigos que, embora não sejam visíveis, também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como aportes culturais, com destaque para os valores, ideologias e convenções (BRUM NETO, 2007, p. 38).

Para os estudos culturais, os códigos culturais são divididos em materiais, os quais são perceptíveis na paisagem, como exemplo, a arquitetura, as festividades, o vestuário típico, as artes, a gastronomia. Nos imateriais, tem-se as ideologias, as crenças, os valores e as convenções que existem nos grupos, como a oralidade. Essa relação entre os códigos materiais e imateriais é que compõe a (i)materialidade da cultura.

Deste modo, pode-se afirmar que a (re)produção da (i)materialidade é mediada pela consciência e sustentada pela produção simbólica. De acordo com Cosgrove (1993, p. 103), “toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação”.

É correto afirmar, baseado na concepção das simbologias impressas pelos indivíduos através da cultura, que todo comportamento do homem é um comportamento simbólico, bem como, todo comportamento simbólico é comportamento do homem. Apesar disso, essas simbologias não imprimem apenas um significado, pois é subjetiva para cada indivíduo (SANTOS, 2005).

Para Brum Neto e Bezzi (2008a, p. 136),

O homem, como agente reorganizador do espaço, transforma a natureza de acordo com suas necessidades, lhe imprimindo as características marcantes da sua cultura. Tem-se, então, uma configuração regional, onde um grupo social confere à sua base espacial uma identidade, que irá diferenciá-la das demais.

Os códigos culturais remetem ao processo de história do povo, pois os mesmos são incorporados através de crenças e valores transmitidos através das gerações. Portanto, os mesmos levam como base, a questão identitária, ou seja, fazem parte da identidade cultural de cada grupo.

Dentro do reconhecimento de lugar e paisagem cultural de determinado indivíduo ou grupo social<sup>5</sup>, aparece outro agente muito importante, a identidade cultural. Cada indivíduo tem sua identidade, aquilo que o pertence. Um indivíduo pode ter mais de uma identidade cultural. Essa identidade é construída e formada através das características materiais e imateriais do lugar onde o indivíduo é formado (APPIAH, 2016).

O lugar é considerado como o suporte essencial da identidade cultural de um indivíduo. O lugar estudado pela Nova Geografia Cultural é uma parte carregada de sentido e valor, pela subjetividade dos indivíduos e dos grupos (BOSSÉ, 1999). Constata-se então, que o lugar é uma parte integrante de uma territorialidade simbólica, pela qual os grupos afirmam e reivindicam sua identidade cultural e política em relação ao seu lugar próprio.

Le Bossé (2004, p. 166) discursa sobre a importância da identidade cultural na Geografia Cultural renovada,

A identidade assume então um alcance geográfico novo, pela mediação conceitual do sentido de lugar, porque participa inteiramente da vida dos indivíduos e dos grupos. O lugar influencia, e até mesmo constrói tanto subjetivamente como objetivamente, identidades culturais e sociais.

Para Cuhe (1999, p. 176), a identidade “[...] remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas”. Ou seja, através das características culturais – códigos culturais – é possível distinguir um grupo cultural através do contraste, originando a identidade cultural.

A cultura pode ser vista e abordada de diversas formas. Uma das principais é vê-la como um conjunto de práticas sociais generalizadas em um determinado grupo. O conjunto dessas práticas é responsável pela formação da identidade do indivíduo. Essas práticas são responsáveis pela criação das particularidades de cada grupo social. O processo de formação da identidade cultural trata-se de um processo de aceitação de um patamar comum de comportamentos, sendo responsável pelas ideias de identidade e patrimônio (GOMES, 2001).

É possível afirmar então, consoante com as palavras de Claval (1997, p. 89) que,

---

<sup>5</sup>Brandão (1986, p. 145) classifica grupo social como um tipo organizacional peculiar culturalmente diferenciado dos outros.

A Geografia Cultural está associada à experiência que os homens têm da Terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder às suas necessidades, seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como eles aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar.

Segundo Brum Neto (2007), a cultura e a identidade cultural estão relacionadas. Enquanto a cultura consiste no âmago de um grupo social, a identidade cultural em a capacidade de uma classificar esse grupo. E é essa que delimita o mesmo. A identidade vem como um sentimento, o qual atribui o pertencimento ou não do indivíduo ao grupo.

A identidade cultural, pode ser chamada, também, de identidade étnica, e é considerada como uma construção cultural que se realiza em determinado tempo histórico. Pode-se dizer, que, as identidades étnicas se criam e recriam com o intuito de fazer frente as realidades que se transformam. Além disso, cabe destacar que as identidades são formadas a partir de um diálogo entre a cultura dominante e a minoritária (CONSTANTINO, 1994).

Conforme Le Bossé (2004, p. 161),

De um lado, a identificação consiste, em um sentido lógico transitivo em designar e nomear qualquer coisa ou qualquer um, e depois em caracterizar sua singularidade. De outro lado, em um sentido intransitivo e por vezes reflexivo, e entendendo a identidade como similaridade, a identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão social.

Com base nessas reflexões, de acordo com Brum Neto (2007, p. 32) que “[...] a cultura existe, e a identidade classifica”. A identidade é a responsável por incluir ou excluir o grupo social. É possível afirmar que a identidade ao mesmo detém o poder de agregar, unir os seus iguais, tem o papel de excluir, afastar os que se diferem de suas características.

Além disso, associado aos aspectos culturais e identitários, estão os territórios. Para que um grupo social possua sua subjetividade e suas particularidades, se faz necessário um lugar. Também é necessário para a construção da identidade territorial, a existência de um território. Haesbaert (1999) destaca que a identidade relacionada ao território recorre a uma dimensão histórica, tornando o espaço de referência de determinado grupo social remeta a memória do grupo.

Para Le Bossé (2004, p. 161)

Pelo pertencimento ou pela exclusão, a identidade aproxima-se tanto daquilo que ela leva em consideração como daquilo que ela negligencia. A própria recusa de se identificar é indício de uma identificação negativa ou a contrário. Na medida em que o sentido psicológico da identidade significa consciência e singularidade, é preciso admitir que o “próprio” [*o sol, o self*] se aprende e se reconhece em uma troca diferencial e dialética como aquilo que é entendido como o “outro”. Para o indivíduo ou para o grupo que tomam consciência de sua identidade, são necessários não apenas os elementos de reconhecimento mútuo e de solidariedade internas, mas também um outro grupo, um “eles” em relação ao que se terá o “nós”, um “aqui” face a um “alhores” ou a um “além”.

Brum Neto (2007) destaca que a existência da identidade só é possível devido a grande diversidade de culturas existentes. Ela surgiu com o intuito de classificar e individualizar essas culturas.

É relevante salientar, também, que o processo de identificação cultural de um grupo, é também um meio de resistência. A manutenção de determinado grupo está diretamente vinculada ao processo reconhecimento dessa identidade pelos indivíduos mais novos. Pode-se considerar que a identidade cultural passa a ser um “foco de resistência” (LE BOSSÉ, 2004).

Ressalta-se então, de acordo com as palavras de Di Méo e Buléon (2007, p. 43), que “a identidade estabelece a relação mais importante entre os seres humanos, suas sociedades e seus espaços”.

Verifica-se que, a identidade remete a origem e a história de um determinado povo, fazendo com que determinados traços culturais se tornem “marcas”, isto é, os códigos culturais, fazendo a distinção dos demais. Segundo Claval (1997, p. 107), “as identidades se associam no espaço: elas se baseiam nas lembranças e divididas, nos lugares visitados por todos, nos monumentos que refrescam a memória dos grandes momentos do passado, nos símbolos gravados nas pedras das esculturas ou nas inscrições”.

Cuche (1999) ressalta que a identidade não é construída durante a vida do indivíduo, mas o mesmo já nasce com sua identidade definida. Segundo o autor, o indivíduo já nasce, devido a sua hereditariedade biológica, com os elementos constitutivos da identidade étnica e cultural. Ou seja, o indivíduo já viria predisposto a se identificar com determinadas características do grupo ao qual pertence.

Destaca-se ainda, que o processo de globalização e homogeneização que o espaço está inserido nos dias atuais, faz com que o processo de identidade cultural seja reafirmado. Além disso, cabe ressaltar que os processos migratórios, fazem com que indivíduos tenham identidades múltiplas, ou identidades híbridas. O processo de

reconstrução do seu lugar, e seus costumes, em um outro espaço, faz com que a cultura e a identidade se adaptem, mas não faz com que desapareça (CUCHE, 1999).

É necessário ressaltar, porém, que apesar da identidade ser construída coletivamente, ela também tem um fator individual. A herança cultural é passada igualmente entre os diversos indivíduos de determinado grupo, mas cabe a cada pessoa interpretar e absorver traços transmitidos (BRUM NETO, 2007).

As identidades, por assumirem o papel de transmitir os costumes e marcas durante o tempo, é capaz de sobreviver, também, a ele, não deixando de existir, mas sim, se adaptando, e em muitos casos, se fortalecendo.

### 2.3 A CONSTRUÇÃO DO LUGAR E DA PAISAGEM CULTURAL

O lugar sempre esteve presente como uma categoria de análise da Geografia. Em todas as escolas geográficas existe o estudo do lugar, porém, com diferentes conceitos. Oliveira (2012) destaca que há sempre um lugar de partida ou de chegada, e que a concepção do sentido que se atribui ao lugar é uma necessidade existente.

Para conceituar lugar, existem diversas teorias e conceitos, que levam em consideração cada escola geográfica. Além disso, vale destacar que a concepção do lugar, implica no sentido de vida e, por sua vez, o sentido de tempo, isto é, o conceito de lugar muda em conjunto com a escala temporal (OLIVEIRA, 2012).

A análise do lugar surge junto com a Geografia em si. Inicialmente, os primeiros estudiosos, durante a Geografia Clássica, por priorizarem o estudo da região e da paisagem, traziam o conceito de lugar como um fator locacional. Nessa fase do pensamento geográfico, quando o estudo da disciplina era meramente descritivo, o lugar em seu sentido locacional era utilizado para definir a Geografia ao dizer que “a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens” (LA BLACHE, 1913 *apud* HOLZER, 1999).

Esses primeiros conceitos trabalhados sobre o lugar levavam em consideração os conceitos de Aristóteles, quando afirmava que lugar era um local que podia ser ocupado por matérias e corpos físicos. Porém, com o desenvolvimento da cientificidade na Geografia, o lugar começou a ser analisado como uma relação do tempo e espaço, ou seja, dizendo que o lugar seria um tempo “lugarizado”, pois é entre o espaço e o tempo em que se dá o lugar (OLIVEIRA, 2012).

Com o decorrer do tempo e com o avanço do debate interno sobre o lugar, os paradigmas positivistas da Geografia Tradicional começaram a ser questionados. Um dos primeiros geógrafos a extrair o lugar desse sentido locacional, foi Sauer, pois para ele, a disciplina geográfica estava além da ciência, e não deveria seguir os caminhos impostos pelos positivistas que era meramente da descrição do espaço.

Foi a partir da segunda metade do século XX, com a Geografia Crítica que o conceito de lugar tomou a concepção que é trabalhada atualmente. O lugar passou a ser estudado em uma perspectiva fenomenológica, onde a identificação dos meios físicos e social articulavam-se com as significações dadas ao sujeito. Cada vez mais se concretizava o entendimento de que o lugar era uma relação entre o homem e o meio, uma construção social em determinado local.

Para Sauer (1963, p. 343) “o lugar ainda está vinculado a questão da paisagem cultural, onde a cultura é o agente, a área natural é o meio e a paisagem cultural é o resultado”. Segundo o autor, este conceito incorporava fortes elementos subjetivos, e esses remetiam ao conceito de lugar. Isso se evidencia quando ele destaca que “a literatura da Geografia, inicia-se como parte das primeiras sagas e mitos, vividas como o sentido do lugar e da luta do homem com a natureza”.

Essa mudança no enfoque da concepção de lugar ficou explícito com as palavras de Relph (1976, p. 18) quando ele diz

Lugar tem sido interpretado a partir das perspectivas comportamental, humanista e fenomenológica; estudado como um problema de neurociência, na teoria locacional e em SIG: os trabalhos de filósofos, artistas e poetas foram reinterpretados para identificar suas compreensões sobre o lugar.

Pode-se dizer que, o lugar, era trabalhado desde antes dos primeiros esforços da Geografia. Platão, considerava o lugar como sendo o alimento do ser, enquanto que outros filósofos da época aproximavam o conceito de um sentido geográfico como o contexto em que os seres estão reunidos juntos (RELPH, 1976).

Pelas citações expostas, percebe-se que o interesse pela concepção do conceito de lugar foi se modificando conforme o desenvolvimento científico procedia. Relph (1976) destaca que um dos principais fatores que desenvolveram o interesse pelo lugar, ocorreu principalmente durante o século XX<sup>6</sup>, estando ligado com os fatos

---

<sup>6</sup>Destaca-se que o referido período compreende as grandes guerras mundiais, as quais foram responsáveis por modificar as estruturas sociais e econômicas. Os estudos culturais e de lugar

históricos da época. O autor destaca que devido as mudanças na paisagem que as grandes potências mundiais estavam enfrentando na época, com a entrada da modernidade, estavam erodindo os diversos lugares que os geógrafos haviam descrito por décadas<sup>7</sup>. Esse fator alavancou os estudos do lugar como um fenômeno, onde ele é formado e reformado em consonância com os agentes sociais.

Destaca-se também, que trabalhar o conceito de lugar, até pouco tempo, era tarefa unicamente do geógrafo. Com o passar do tempo, e levando em consideração a abrangência da fenomenologia nas pesquisas, principalmente nas ciências sociais, notou-se que a concepção de lugar assumiu um caráter interdisciplinar, passando a ser trabalhado por outras disciplinas, como caso da arquitetura, por exemplo.

Cabe ressaltar ainda, que é de suma importância a diferenciação do conceito de lugar e de lugares. Quando se refere, na Geografia, o estudo de lugares, está se referindo a descrição e comparação de diferentes partes específicas de mundo, reportando, portanto, as ideias positivistas da Geografia Clássica. Enquanto isso, quando se refere ao estudo do lugar, leva-se em consideração as observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo (RELPH, 1976).

Santos (1996) também discorre sobre lugar na Geografia. O autor trata a concepção do mesmo como sendo construído a partir das ações vividas em determinado local. O homem, através de suas técnicas, transforma o meio físico, formando ali o seu lugar.

Nesta perspectiva, para Santos (1996, p. 258),

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

É possível perceber, portanto, que a construção do lugar ocorre por meio da afetividade e das atividades que são exercidas em determinada área. O mesmo se caracteriza por ser uma construção coletiva, e ao mesmo tempo, uma construção

---

necessitaram então, serem reformulados para compreender como esses fatos impactaram nos grupos sociais (RELPH, 1976).

<sup>7</sup>Até então, os lugares eram classificados como sendo algo pré-existente. Com essas dinâmicas ocorridas durante o século XX, o conceito de lugar assumiu um papel de algo que se modifica. Inicia-se, portanto, as concepções de que o lugar é construído a partir de agentes formadores de espaço (TUAN, 2013).

individual. Cada pessoa tem uma visão da sua concepção de lugar. Pode-se dizer, então, que o lugar não possui um sentido único, pois é compartilhado por todos. Assim, é possível analisar que as pessoas também não possuem identidade única, levando a conceber um conceito global de lugar (FERREIRA, 2000).

Levando em consideração esse conceito global de lugar, Callai (2014, p. 71) destaca que

Na literatura geográfica, o lugar está presente de diversas formas. Estudá-los é fundamental, pois, ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, e as relações sociais se concretizam em lugares específicos. E como tal, a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local

Compreende-se então, que o lugar é vivido partindo de experiências individuais e coletivas, com aqueles que partilham os mesmos signos e símbolos. O mesmo é estruturado a partir dos contatos entre os indivíduos, onde ocorrem a história dos mesmos, no qual encontra os sentidos das coisas, dos outros e de nós mesmos (LIMA; KOZEL, 2009).

De acordo com Ferreira (2000, p. 75) pode-se dizer que

Lugares seriam, portanto, pontos de encontro de redes de relações sociais, movimentos e comunicações cujas relações recíprocas tenham sido construídas em escala muito maior do que aquelas definidas para o lugar naquele momento.

Percebe-se que o conceito de lugar, no pensamento geográfico, chega a uma concordância entre a maioria dos autores. Ou seja, lugar como um fenômeno passa a ter soberania nos estudos atuais, não só na Geografia, como nas ciências sociais. O que difere entre seus conceitos, é a concepção de como o lugar é construído.

Tuan (2013), relata que todos os lugares são pequenos mundos. Desta forma, pode-se analisar que em cada lugar, existe um mundo, com suas relações e correlações. O autor ainda destaca que os lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação.

Além dos símbolos, é necessária uma escala de tempo para a construção de um lugar. A este respeito Tuan (1983), chama atenção quando afirma que quanto mais tempo vive-se num lugar, mais profunda será a experiência. Isso ocorre,

principalmente pelo passado ser um elemento fundamental para a constituição do apego.

Segundo Massey (1997, p. 322) deve-se considerar que

O que dá ao lugar sua especificidade não é algum tipo de história longamente internalizada, mas o fato de que ele é construído a partir de constelação particular de relações sociais que se encontram e se enlaçam num locus particular.

Percebe-se, então, a importância que a subjetividade dos fenômenos, estudados pela fenomenologia possuem na concepção do conceito de lugar. Estudar as relações sociais na construção do lugar enriqueceu o pensamento geográfico, além de possibilitar a apropriação de novos conceitos e modos de enxergar a construção das identidades de cada indivíduo (MASSEY, 1997).

De acordo com Oliveira (2012), pode-se dizer que as dimensões do lugar podem ser pensadas em termos geográficos, baseados nos fundamentos fenomenológicos, a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações. Com isso, fica claro que o lugar é um signo constante de reconciliação sóciofísica, não levando em consideração apenas as razões, mas também as emoções.

Relph (1976, p. 25) destaca que,

O lugar é onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece neste lugar é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. Isso é muito existencial e ontológico. Mas é também econômico e social.

Nota-se, portanto, que o lugar é uma construção social, mas que nos influencia através de diversos fatores. Segundo Berdoly e Entrikin (2012) pode-se dizer que o lugar “[...] é um espaço onde se desenvolve a intersubjetividade, que possui dimensões concretas, ambientais, territoriais e que pode favorecer a emergência de um espaço público”.

A concepção do lugar no pensamento fenomenológico possui um caráter didático. Diversos autores tratam essa categoria de análise como uma forma de conscientizar educandos e os desenvolver os afetos por seu lugar.

Callai (2014, p. 140) destaca que,

A perspectiva de estudar o lugar por meio do trabalho com o município, tendo claro que o lugar não se explica por si mesmo, isto é, os fenômenos que acontecem no município, as relações entre os homens, o processo de organização do espaço local, não tem as explicações baseadas no próprio local apenas. É importante e necessário estabelecer ligações, buscar as explicações em nível regional, nacional e internacional/mundial, inclusive.

Atualmente, com os estudos na área, o lugar pode se concretizar como um lugar global, ou em discordância a isso, um lugar local. Segundo Vieira e Vieira (2003), o lugar global é a sede da ação, onde se operacionalizam as práticas produtivas e circulatórias. Enquanto que o lugar local é o espaço da herança histórica. Dele se projeta a percepção de realidades construídas no passado, modernizadas de acordo com os ritmos econômicos e renovadas com os avanços culturais.

É possível perceber, então, que existem várias formas de se conceituar o lugar. Destaca-se também, que, a forma como o mesmo é visto, por meio do seu analista, é que é possível determinar a forma como serão consideradas as relações no seu interior.

Harvey (1998) considera o lugar, na visão humanista, um local de nostalgia, limitado e entendido como eterno. Para ele, o lugar humanista é excludente, pois demonstra uma visão provinciana sobre o conceito.

O lugar, da mesma forma que é um meio de integração social, que reúne seus indivíduos semelhantes, acaba por excluir aqueles que se diferem. Causa uma noção de redes fechadas, onde pode haver pouca interação entre o que está do lado de fora. Segundo Ferreira (2000, p. 50), “o lugar é o terreno onde são vividas as práticas sociais, é onde se situa o cotidiano, é o espaço praticado”.

Atualmente, alguns autores começam a criticar o atual pensamento sobre lugar, os acusando de haver uma romantização, o qual julgam que a identidade, como algo que nasce do solo dos lugares e não da relação que ele mantém, com o resto do mundo. “Um lugar não é uma coisa fechada, com uma identidade essencial, é uma articulação específica de relações globais, e é esta articulação de relações mais amplas que apresenta a sua particularidade” (MASSEY, 2012, p. 2).

Holzer (1999) afirma ainda que por se constituir de um centro de significados espaciais, pessoais ou intersubjetivos, o lugar não possui uma escala definida. O mesmo pode se expandir, ou diminuir conforme o tempo e as técnicas que estão sendo utilizadas para sua formação.

A cultura é um dos elementos fundamentais para a formação de um lugar, pois é necessária uma dialética dos fenômenos, onde os mesmos se criem e se recriem. A cultura se instala e se apropria de um espaço físico para se desenvolver e firmar ali o seu lugar.

Nesta perspectiva, Bezzi (2004, p. 224) diz que,

[...] o lugar sempre envolve uma apropriação e uma transformação do espaço e da natureza, dos quais depende a reprodução e a transformação da sociedade no tempo e no espaço. Como tal, o lugar não é apenas aquilo que é observado na paisagem, mas o cenário para as atividades e a interação social.

Pode-se dizer então, que os grupos se reconhecem como integrantes e se identificam na área. Tal fato possibilita um maior conhecimento sobre si mesmo e sobre os fenômenos que estão acontecendo. O sentimento de pertencimento é passado entre as gerações, fazendo com que o lugar se perpetue, porém, sempre sofrendo modificações. Esses conceitos fenomenológicos que aconteceram na concepção de lugar, auxiliou na evolução do pensamento.

Percebe-se, portanto, que a concepção do lugar está vinculada, também, na formação da identidade de determinados grupos ou indivíduos, através da construção entre o lugar e a paisagem. Esse fato pode ser notado nos imigrantes europeus, que chegaram ao Brasil durante os séculos XIX e XX. Os mesmos se apropriaram do local em que chegaram e implantaram seus símbolos e marcas, formando uma paisagem cultural característica, constituindo assim, sua identidade. Eles acabaram recriando seu lugar em um novo local.

Mediante este fato, considera-se que o lugar e a paisagem são conceitos híbridos, onde um se alicerça ao outro para serem construídos, juntamente com a identidade cultural de cada grupo. A análise paisagística dos lugares, possibilita uma leitura dinâmica dos lugares, onde é possível valorizá-los e preservá-los, podendo perpetuar por meio deles, os processos de conhecimento e de memória de determinado grupo social (BATISTA e MATOS, 2014). Esse processo de identificação e afeição são constituídos a partir de outra categoria de análise da Geografia, a paisagem.

A paisagem é uma das principais categorias de análise da Geografia. Inicialmente era trabalhada como algo físico, ou seja, paisagem era tudo aquilo que se via. As sociedades antigas expressavam suas concepções de paisagem através

da arte, nota-se tal fato pelas inúmeras pinturas rupestres, quadros e telas que são patrimônio mundial nos dias atuais (MAXIMIANO, 2004).

Apesar da gênese das concepções da paisagem estarem atreladas à pré-história, somente por volta do ano de 1900, que o conceito surgiu na Geografia, na Escola Alemã. As discussões deste conceito estiveram presentes na evolução da própria ciência geográfica, se reconstruindo a cada geógrafo que focava nesses estudos (SELL, 2017).

A partir da segunda metade do século XX, que os estudos humanísticos na formação do conceito de paisagem, ganharam força na ciência geográfica. Isso se deve, juntamente, com a reformulação que a Geografia Cultural estava sofrendo no campo científico (PIMENTA, 2016).

O geógrafo Carl Sauer, foi o responsável pela consolidação do conceito de paisagem, como um conceito científico. O estudioso destacava que a paisagem natural se transformava para a paisagem cultural, e essa, juntamente, com as ações humanas, se desenvolvia concomitantemente. Segundo Sauer, a cultura era o agente, enquanto que a área natural seria o meio, e a paisagem cultural seria o resultado dessas relações (RIBEIRO, 2007). Neste sentido é possível analisar que a paisagem construída pelo viés cultural, é uma manifestação da sociedade que a constrói e proporciona a criação de uma imagem dessa mesma sociedade. (CHABASON, 1989).

Sauer (1998 p. 23) diz que “a paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes.”

Na contemporaneidade, a Geografia prioriza nos estudos de paisagem, as diversas formas com que as sociedades se manifestam e se representam sobre a paisagem. É com esta categoria que se torna possível ler as marcas culturais e históricas dos grupos sociais.

Pode-se dizer, que, o termo de paisagem é utilizado por diversas áreas de conhecimento, traduzindo várias interpretações, possuindo vários significados dependendo da forma como é utilizado. Essa ampla utilização do conceito de paisagem, faz com que o mesmo seja um dos mais difíceis de se estabelecer em um âmbito científico (VASCONSELOS, 2012).

Nesse sentido, Cosgrove (1998, p. 99) destaca que

[...] paisagem é um conceito complexo de cujas implicações desejo especificar três: (i) um foco nas formas visíveis de nosso mundo, sua composição e estrutura espacial; (ii) unidade, coerência e ordem ou concepção racional do meio ambiente; (iii) a ideia de intervenção humana e controle das forças que modelam e remodelam nosso mundo.

O conceito de paisagem surgiu nos primórdios da Geografia Cultural, sendo traduzido do alemão, francês e inglês. A Escola Alemã classificava a paisagem como sendo a relação entre a paisagem e a região, enquanto que os franceses e americanos utilizavam a paisagem como sinônimo de Geografia.

Neste sentido, segundo Claval (2007, p. 24),

Para Ratzel, o estudo geográfico da cultura confundia-se com o dos artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço. Para Schlüter e a maioria dos geógrafos alemães das primeiras décadas do século XX, é a marca que os homens impõem à paisagem que constitui o objeto fundamental de todas as pesquisas. Esta é a marca estruturada: o objeto da Geografia é apreender esta organização, de descrever aquilo que se qualifica desde então de morfologia da paisagem cultural e de compreender sua gênese.

Com os estudos da Geografia Cultural no conceito de paisagem, a disciplina acabou por se dividir em duas correntes teóricas: a Geografia Cultural Tradicional, no início do século XX, a qual trabalhava o conceito de paisagem na morfologia. Posterior a isso, surgiu, a partir dos anos de 1980, a Nova Geografia Cultural, a qual é trabalhada atualmente, que transmite que a paisagem é construída por simbologias. Apesar das duas terem ideias opostas, ambas carregam em sua essência, a ideia de que paisagem é fruto das relações do homem com a natureza (VASCONSELOS, 2012).

Foi com o surgimento da Nova Geografia Cultural, que esse conceito se enriqueceu ainda mais. Os pesquisadores dessa nova escola teórica, se utilizaram dos conceitos já trabalhados por Sauer, e criaram novas áreas de análises. Para essa nova corrente, o conceito de paisagem era composto tanto pela morfologia quanto pela carga simbólica inserida. Segundo Vasconselos (2012, p. 55) “a paisagem não é única, mas múltipla, podendo ser interpretada de inúmeras formas diferentes”.

Com essas palavras, torna-se evidente que a paisagem não é uma coisa preexistente, ela é construída a partir da percepção do observador. Cabe ressaltar, que, a vivência e as cargas que o observador possui influenciam nas formas em que o mesmo enxerga a paisagem. Isso pode ser explicado por Martinelli e Pedrotti (2001, p. 39), quando os autores ressaltam que,

Paisagem é o que vemos diante de nós. É uma realidade visível. É uma visão de conjunto percebida a partir do espaço circundante. Não tem, assim, uma existência própria, em si. Ela existe a partir do sujeito que a apreende: Cada pessoa a vê diferentemente da outra, não só em função do direcionamento de sua observação, como também em termos de seus interesses individuais.

Nos estudos da Geografia Cultural, o processo de construção da paisagem cultural está diretamente ligado ao processo da identificação cultural. Esse processo de construção da identidade vem atrelada a origem e a história dos grupos sociais. Essa história se conecta com as marcas culturais, os denominados códigos, os quais caracterizam os indivíduos. Brum Neto e Bezzi (2008) destacam que os códigos culturais se caracterizam por serem as simbologias que dão visibilidade da cultura e encontram-se impressos na paisagem cultural.

Essas simbologias se utilizam do suporte físico da paisagem para a construção da paisagem cultural, pois fornecem materiais e disposições apropriados pela ação humana, com as quais a paisagem é formada. Nesse sentido, Torelly (2008), destaca que existem diversas possibilidades de arranjos espaciais e de configurações da paisagem cultural. Isso dependerá da intensidade e da qualidade da ação humana no espaço.

A paisagem cultural é compreendida pela Geografia como sendo construída e interpretada através das concepções de cada sujeito. A mesma adquire uma subjetividade e, através da fenomenologia, é vista como um resultado da geograficidade, estabelecida pelas diferentes interpretações através de nossa vivência. Pode-se exemplificar tal afirmação isso com as palavras de Santos (2014, p. 68),

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva – pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Por exemplo, coisas que um arquiteto e um artista veem, outros não podem ver ou o fazem de maneira distinta.

Os esforços dos geógrafos brasileiros que trabalham a paisagem cultural, resultaram que a mesma pode ser vista como um fator importante da formação do espaço brasileiro. Nesse sentido, a paisagem cultural ganhou uma definição oficial, a qual está prevista na Constituição Federal, e é classificada como “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio

natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (BRASIL, 2009).

Percebe-se então, que a paisagem está vinculada as vivências e as concepções do sujeito que a observa. Nota-se também, que atualmente, a questão da paisagem cultural a classifica como sendo um sistema interligado e indissociável. Segundo Sauer (1998), a paisagem constitui-se de elementos materiais, combinados com as obras humanas resultantes dos usos que determinado grupo cultural fez na terra. Lorensi (2017, p. 27), destaca que “o estudo da paisagem está vinculado ao espaço vivido [...] pois a paisagem cultural é vista como resultado da materialização da cultura e o sentimento que desperta nos sujeitos”.

Com base nessas informações, podemos destacar que as concepções de paisagem cultural estão vinculadas a um universo simbólico, onde as análises estão mais voltadas às metodologias subjetivas do que morfológicas. Pode-se considerar, que a paisagem precisa ser interpretada, não apenas observada.

Duncan (2004), considera a paisagem como um sistema cultural, com inúmeros textos simbólicos que são escritos por processos culturais, ou seja, remete-se às relações dos grupos sociais com seu meio e seus costumes.

A paisagem deve ser entendida como um processo resultante da evolução das culturas na relação tempo-espaco. Além disso, deve-se inserir as ações antrópicas na paisagem natural, que acabam gerando a paisagem cultural, as quais estão dotadas de marcas simbólicas de determinado grupo.

Pode-se dizer então, que a paisagem é construída pré culturalmente, através de um sistema de relações culturais, a qual se considera um ambiente que sofre interferências externas. Esse sistema está inserido num mundo, o qual está ligado com diversos modos de vida, o qual constituem diversas paisagens culturais (BESSE, 2013).

Levando em consideração tal fato, a paisagem cultural pode ser compreendida através das dimensões simbólicas e das percepções de cada grupo. Considera-se isso, pois cada indivíduo tem sua forma de interpretar essa categoria de análise, imprimindo assim, a subjetividade que a paisagem necessita para ser entendida pelo viés cultural.

Segundo Santos (2014, p. 68), “a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão”, pois cada sujeito dá o seu significado e forma de percepção. Percebe-se, portanto, que essa categoria de análise da Geografia necessita ser lida e interpretada,

através das simbologias que as culturas imprimem na paisagem natural e da subjetividade impressa por cada indivíduo.

As simbologias impressas na paisagem, potencializam as questões identitárias dos grupos sociais, ocasionando a reafirmação do sentimento de pertencimento que cada indivíduo tem com seu grupo. Percebe-se, portanto, que essa categoria de análise da Geografia necessita ser lida e interpretada, através das simbologias que as culturas reproduzem na paisagem natural.

Cabe destacar que a paisagem cultural é estruturada no tempo e na existência humana. Isso se baseia nas palavras de Merleau-Ponty (1999, p. 337), quando o autor afirma que “o corpo é o sujeito do espaço – o espaço é existencial porque pertence a própria essência do ser”. Pode-se dizer, então, que essa relação do tempo com a existência humana, apresentam valores estruturantes de memórias e vivências dos grupos sociais, os quais oferecem interação com passado e presente, moldando as paisagens culturais.

#### 2.4 OS IMIGRANTES ITALIANOS NA COLONIZAÇÃO DO BRASIL E DO RIO GRANDE DO SUL

O processo de formação do território brasileiro sempre esteve atrelado aos processos migratórios que aconteceram desde a época do descobrimento. As grandes navegações que chegaram ao Brasil em 1500 e nos primeiros anos de colonização, moldaram a forma com que a dinâmica de formação do país ocorreu (SAQUET, 2002).

Os europeus foram os principais imigrantes que chegaram ao Brasil. Logo após a chegada dos portugueses e espanhóis, a Europa passou por uma crise econômica, o que incentivou outras nacionalidades a procurarem uma nova vida no “novo continente”. Durante os séculos XVIII e XIX, alemães e italianos foram atraídos pela grande quantidade de terras devolutas e pela oferta de emprego (SAQUET, 2002).

Brum Neto (2007) considera migrar o processo de deslocar-se, pressupondo movimento, mudança em determinado espaço. Essa dinâmica, está diretamente ligada à Geografia, pois envolve as ações do homem sobre a superfície terrestre, e nos estudos culturais é o fator determinante que explica a influência dos grupos sociais na organização do espaço.

A dinâmica da migração é bastante complexa, e normalmente ocorre devido a algum fator. No caso dos imigrantes italianos, foi a busca de melhores condições de

vida. Nota-se que esse processo se engloba nos conceitos de desterritorialização e reterritorialização.

Haesbaert (1999) ressalta que para todo processo de reterritorialização é precedido de um processo de desterritorialização, que é impulsionado por alguns fatores, entre eles, a economia e a política. E, ainda segundo o autor, para que ocorra a reterritorialização, são necessários dois fatores: a política, e principalmente a cultura.

Sorre (1984, p. 130-131) destaca os motivos que levam a migração de apenas uma parte da população,

Quando o equilíbrio entre os recursos de uma comunidade e suas necessidades é rompido, ou mesmo quando ameaça romper-se, essa comunidade pode ser abandonada por uma parcela, algumas vezes pela maioria de seus membros, que parte para agregar-se a outro habitat ou fundar um novo.

A cultura é de suma importância para os grupos sociais. A partir do momento em que um determinado grupo migra, ocorre uma irradiação cultural, difundindo os costumes daquele grupo para diferentes espaços. Isso acontece, pois, o grupo perdeu o seu lugar, o sentimento de pertencimento territorial, e precisa se adaptar à nova realidade (BRUM NETO, 2007).

A recriação da cultura de um grupo social em um novo espaço se dá a partir dos códigos culturais, os quais são a materialidade da herança trazida por esses imigrantes. Essa herança, carregada de valores e crenças, são os norteadores das ações do indivíduo. O processo de adaptação dos aspectos culturais, sofre modificações quando sofrem uma mudança de lugar, pois cada lugar tem sua particularidade, fazendo necessário um ajuste cultural, possibilitando que o grupo se adapte (CLAVAL, 1999).

A migração possibilita que os códigos culturais transgridam o espaço e se materializem em outro. Porém, isso faz com que a cultura necessite ser sólida o suficiente para se consolidar no espaço e se manter “viva”. Isso se justifica, pois, a cultura acompanha o indivíduo, o tornando capaz de construir e manter a cultura (BRUM NETO, 2007).

Nesse sentido, percebe-se que os imigrantes italianos que chegaram ao Brasil, tiveram um complexo processo para desenvolverem sua cultura original em solo brasileiro. Isso se deu pela enorme diversidade étnica que o país já possuía naquela

época. Atualmente, esse processo é dificultado, pelo processo de globalização, que, por meio das tecnologias se homogeneíza cada vez mais.

Primeiramente, cabe destacar que os italianos chegaram ao estado do Espírito Santo e São Paulo resultante da crise econômica na Itália. Chegando ao país, os mesmos assumiram o papel de muitos escravos nos cafezais, principalmente com o crescente apelo para a abolição da escravidão (MANFROI, 2001).

É com a saturação desses mercados, que a partir da década de 1870, começou oficialmente a imigração italiana para o Rio Grande do Sul, com o apoio do governo imperial. Tal fato, ocorreu pelo período crítico em que o país se encontrava, devido a redução das forças produtivas de trabalho, pela Lei do Ventre Livre, em 1871 (MANFROI, 2001).

Para o estudo da construção da identidade dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul é necessário entender o que é um imigrante. Segundo Constantino (1994, p. 92) “imigrante se caracteriza como um indivíduo que vive um longo período, ou sua vida toda em outro país o qual não seja o seu país de origem”.

Destaca-se que o processo de formação do espaço não pode ser considerado apenas como resultado de uma interação de fatores políticos e culturais, auxiliando na formação de uma identidade regional, cultural e política. Esse processo ocorre em consonância com as relações econômicas, onde o capital busca se apropriar da cultura para se consolidar no espaço.

A antropologia destaca que a presença dos italianos no Rio Grande do Sul ocorre desde o início do século XVIII. Os mesmos participaram das guerras entre Espanha e Portugal. Entre os que estavam na região, encontravam-se padres jesuítas, além de coronéis do exército e engenheiros. Porém, a maior presença de italianos no estado gaúcho, começou durante a Revolução Farroupilha.

Durante o século XIX, os italianos já possuíam grande importância nos elementos que estavam ligados à navegação e ao comércio. Durante o ano de 1865, o Conde d’Eu escreveu em seu diário, que no município de Santana do Livramento, mais da metade da população era proveniente da Itália. Na capital, Porto Alegre, há relatos de italianos anteriores a 1840. Destaca-se que estes primeiros imigrantes, não eram provenientes por nenhuma política pública ou privada para colonização, vieram individualmente, trazidos pela coroa portuguesa (CONSTANTINO, 1994)

A grande oferta de terras devolutas, que não geraram interesse aos grandes latifundiários da campanha gaúcha, foram destinadas aos imigrantes italianos, durante

os anos de 1870. Pequenas porções de terras, ocupadas por vegetação nativa, na encosta do planalto foram destinadas a esses agricultores italianos com o intuito de desenvolver a área, e sem apresentar ameaças político e econômicas à classe latifundiária (SAQUET, 2002).

Foi na expansão e reprodução do modo capitalista de produção no Brasil, que as primeiras colônias italianas foram criadas. Com o início da circulação das mercadorias produzidas nas suas unidades, que a consolidação das dessas colônias ocorreram. Pode-se dizer então, que a imigração italiana para o Rio Grande do Sul se deu por motivos econômicos, político-estratégicos e culturais.

Waibel (1988), destaca as principais razões para a colonização italiana no estado gaúcho. Primeiramente, era necessário ocupar a grande quantidade de terras desocupadas na região. Além disso, a ótima distribuição de água e o clima semelhante com o encontrado no país europeu, favoreceu esse processo. Outro fator que interessou os colonizadores italianos, foi o auxílio prestado pelo Governo Imperial. Também cabe destacar, que era de empenho do governo brasileiro eliminar os indígenas que residiam na área.

O sucesso da colonização italiana na região da Serra Gaúcha, principalmente, se deu pelos mesmos terem introduzido seu meio de produção original. Pequenas propriedades de produção familiar foram inseridas, e desenvolveram uma das principais economias que caracterizam o estado até a atualidade, a produção de uvas para a elaboração de vinhos e derivados.

Nos primeiros anos da fixação italiana no estado gaúcho, a produção agrícola pelos imigrantes italianos, se caracterizava por diversas unidades produtivas artesanais que se distribuíam ao longo de todas as colônias, onde o cultivo da uva e o beneficiamento do vinho eram feitos pelo próprio colono e sua família. Pesavento (1983), destaca que esse foi um dos motivos para a cadeia produtiva da uva ter grande sucesso, pois os custos da venda eram suficientes para as condições de força-trabalho na unidade familiar, gerando assim, uma continuidade da produção.

Inicialmente, eram os colonos alemães os responsáveis pela comercialização dos produtos produzidos nas colônias italianas. Isso acontecia, principalmente, por já possuírem melhores condições estruturais, como estradas e mercado de comércio consolidado, por estarem há mais tempo instalados em solo gaúcho.

Vemos a importância da colonização italiana para a economia brasileira quando Santos (1978, p. 19) destaca que,

A colonização italiana no Sul teve explicitada sua significação para a economia do país ao se inserir no setor de mercado interno da economia brasileira. A partir de 1890, a cidade de Porto Alegre entre em um próspero surto de industrialização, apoiada em um íntimo vínculo com o mercado da zona colonial, cuja demanda de bens manufaturados atendia, e de cuja produção de gêneros agrícolas dependia de satisfazer as necessidades alimentares de sua crescente população urbana.

Essas palavras justificam a criação das colônias italianas, pois os produtores ofereciam alimentos e matéria prima a custos reduzidos para as demandas urbanas. Além disso, ajudaram a desenvolver as indústrias que estavam nascendo nos grandes centros urbanos, e contribuíram para a reprodução da força de trabalho e na acumulação de riquezas nas mãos de terceiros.

Destaca-se ainda, que o processo de mão de obra europeia e da possibilidade desses imigrantes se consolidarem economicamente, auxiliando na extinção do tráfico negreiro para o Brasil se deu, pois, o escravo não possuía poder aquisitivo, o que em um processo de expansão capitalista, não era proveitoso. O colono italiano, além de produzir, tinha possibilidade de consumir.

Saquet (2002), ressalta que o colono italiano tinha quatro outras atribuições principais, além do papel político estratégico. O autor os considerava como produtores de mercadorias. Além disso, possíveis consumidores de produtos de outros lugares, os quais poderiam consumir até mercadorias importadas. Também eram considerados como compradores de terras, pois quanto mais produziam, mais área precisariam. E por último, como incrementadores de novas relações de produção na economia regional.

---

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresenta o trajeto metodológico utilizado durante a realização da pesquisa. Para obter um melhor resultado e entendimento dos processos teórico-metodológicos, optou-se por estruturar o trabalho em etapas.

#### 3.1 OS MÉTODOS FENOMENOLÓGICO E DIALÉTICO COMO APORTE DA PESQUISA

Os estudos culturais vêm avançando no Brasil com novas perspectivas de análise através da Geografia Cultural, renovada a partir da década de 1980, quando os geógrafos brasileiros começaram a considerar a subjetividade dos grupos sociais na construção do espaço (CLAVAL, 2002).

Assim, para estudar a (i)materialidade da cultura italiana em Serafina Corrêa, é necessário a utilização de abordagens prédefinidas, as quais auxiliam na classificação e na compreensão da forma como esse grupo social se consolidou neste recorte espacial. Neste sentido, foram utilizados instrumentos de coletas de informações apoiadas na pesquisa qualitativa. Paralelamente, realizou-se levantamentos bibliográficos acerca dos conceitos que norteiam a pesquisa, além da observação de campo, a qual auxiliou na compreensão da subjetividade do trabalho.

Evidencia-se esse raciocínio com as palavras de Heidrich (2016, p.21),

Por pesquisa ou metodologia qualitativa, pode-se compreender a prática ou conjunto de procedimentos voltados à coleta de informações que envolvem o uso da linguagem, em geral objetivadas para a captura de subjetividades e/ou significados contidos nos textos produzidos no levantamento em trabalho de campo.

A investigação se utilizou de dois métodos científicos, o fenomenológico e o dialético. Tal opção se justifica, pois, além de serem consideradas a subjetividade da cultura, o recorte espacial em estudo, apresentou mudanças no decorrer do tempo, que geraram modificações na sua formação socioespacial.

A escolha da fenomenologia se baseia na necessidade de integrar o mundo pessoal do indivíduo às experiências vividas por esses sujeitos e suas ações, apropriações e representações sobre o seu espaço. Segundo Gil (2008), este método busca estabelecer uma base concreta, sendo livre de proposições para todas as

ciências. Esse critério de investigação analisa, através de percepções, as ações, sensações e interações dos grupos sociais.

Esse método considera, principalmente, a realidade social, a qual possui uma grande diversidade de interpretações e de realidades, levando em consideração os agentes e os fenômenos. Gil (2008) destaca que a utilização da fenomenologia para a pesquisa, auxilia o pesquisador a conhecer a consciência dos sujeitos da pesquisa.

Neste contexto, Demo (2009, p. 250), justifica a utilização da subjetividade nos estudos dos grupos sociais, quando destaca que:

A subjetividade faz parte de uma realidade social e não pode ser acolhida metodologicamente como fator perturbante, que não deveria existir. O homem é ator, não consegue observar-se neutralmente e estabelece com sua sociedade uma relação muito mais complexa que a formal-lógica da ciência clássica.

Portanto, estudar a subjetividade dos grupos sociais no enfoque da pesquisa fenomenológica, possibilita a compreensão da forma como a população local insere seus costumes e suas crenças na realidade socioeconômica atual do município. Essa vivência dos sujeitos é responsável pela materialização da cultura no espaço através dos códigos culturais. Esse processo de imprimir sua subjetividade no espaço é responsável pela formação da paisagem, a qual é um dos moldes que a fenomenologia está inserida, pois a mesma consiste em uma dimensão onde se encontram as vivências e as relações de história dos indivíduos (HOLZER, 1997).

Lorensi (2017) destaca a importância de ressaltar a necessidade de compreender que a pesquisa fenomenológica parte da percepção do modo de vida dos indivíduos, os quais estão vinculados à paisagem. Pode-se dizer então, que, a utilização deste método para a compreensão da forma como a cultura italiana está inserida no município gaúcho em estudo, permite entender como a construção da paisagem e do lugar desse grupo social, com essa identidade ítalo-brasileira ocorreu no espaço.

Embora se considere a subjetividade e a consciência dos sujeitos pesquisados, a fenomenologia não explica a cronologia dos fatos e a dinâmica do espaço de estudo. Tendo em vista que, Serafina Corrêa apresentou diversas mudanças na década de 1990 e 2000, tornou-se necessário a utilização de outro método para explicar e compreender esses processos. Com o intuito de auxiliar as transformações espaciais, optou-se por trabalhar conjuntamente com a fenomenologia e a dialética.

O método dialético tornou-se necessário na pesquisa para explicar as transformações que ocorreram no cenário do município, principalmente no final do século XX, que foram responsáveis pela dinâmica socioespacial da unidade territorial na atualidade. O dialético foi utilizado na pesquisa, pois considera-se que, os homens produzem historicamente o espaço, fazendo dele um reflexo das ações humanas, em que o espaço condiciona a práxis dos homens, sendo, portanto, reflexo e condicionante (SPOSITO, 2010).

É importante considerar que o método dialético considera a dinâmica e a transformação do espaço e dos sujeitos. Pode-se dizer, conforme Becker (2005, p. 57), que a dialética é “[...] a inter-relação do todo. A análise é radical, crítica e totalizante”.

As mudanças que o recorte espacial em estudo apresentou, foram responsáveis pela atual forma como a cultura está inserida no mesmo. Justifica-se a utilização da dialética juntamente com a fenomenologia, pois evidenciou-se necessárias as complementações baseadas nas particularidades de cada método.

A dialética se justifica na fenomenologia pois conforme Araújo (2008, p. 73),

O método dialético não é apenas um modo de conhecer a realidade; a própria realidade muda, por sua vez dialeticamente. A história também é dialética: cada momento será conservado e ultrapassado, só podendo ser apreendido como momento, isto é, ele terá de ser localizado em um movimento total e amplo da História para que seu significado se torne compreensível.

Pode-se dizer então, que, a dialética considera a formação do espaço, no contexto da pesquisa da paisagem de Serafina Corrêa, levando em consideração as dinâmicas espaciais e a historicidade dos fatos. Esse método permite a análise dos fatores sociais na evolução cronológica e na análise dos mesmos, de forma crítica (SALVADOR, 2012).

O método dialético possibilita o pesquisador a objetivar as percepções obtidas na pesquisa fenomenológica, pois segundo Lefébvre (1983, p. 171), “os pesquisadores confrontam suas opiniões, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições e contradições também”. Não é equivocado dizer que trabalhar os dois métodos em consonância, auxilia na obtenção de resultados que enriquecem a análise interpretativa.

Deve-se considerar que o estudo da dialética possibilitou criar uma escala cronológica da colonização e do desenvolvimento socioeconômico de Serafina

Corrêa. Com tal finalidade, foi necessário realizar o estudo das mudanças que aconteceram na unidade territorial em estudo. Vale destacar então, que a opção por trabalhar com esses dois métodos científicos, foi com o intuito de enriquecer os resultados e a complexidade existente no espaço vivido local.

### 3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

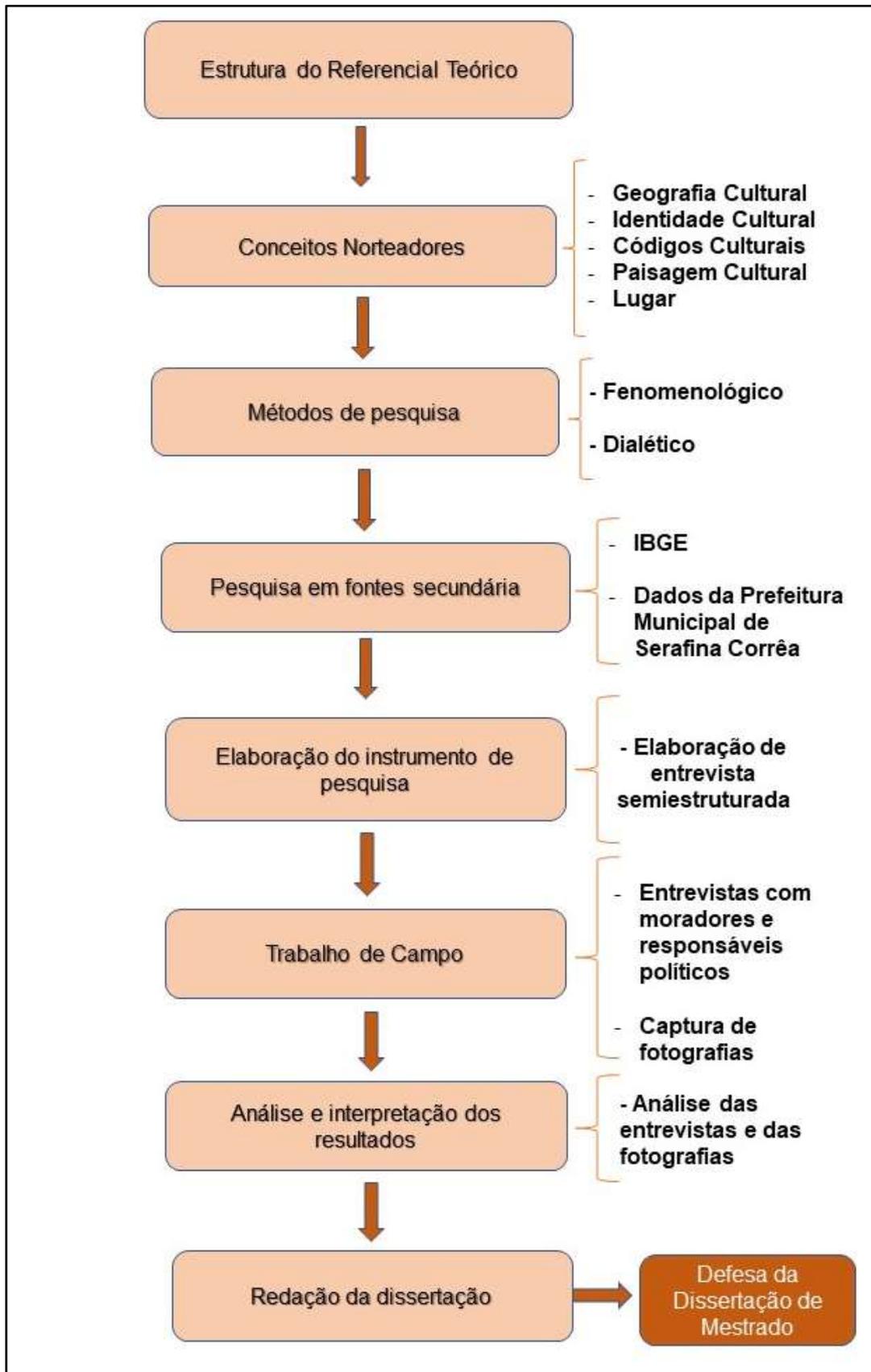
A utilização de etapas metodológicas foi fundamental para a organização da pesquisa. A elaboração de um processo investigativo submete olhares subjetivos de acordo com a finalidade de cada pesquisa. A utilização dos procedimentos metodológicos fica sob responsabilidade do pesquisador, o qual adapta esses passos conforme suas concepções científicas e filosóficas (PESSÔA, 2012).

A estruturação metodológica da pesquisa foi organizada por meio de etapas, as quais foram utilizadas para objetivar os resultados esperados de maneira satisfatória. Na primeira etapa, trabalhou-se com a consolidação da temática e a definição do problema, dos objetivos e dos métodos científicos do trabalho. A escolha por trabalhar com dois métodos se justifica devido a cidade de Serafina Corrêa apresentar dinâmicas espaciais que impactaram sua cultura local, as quais não seriam fielmente analisadas se utilizado apenas o método fenomenológico (Figura 1).

Deste modo, fez-se necessário iniciar com a revisão bibliográfica, que está baseada nos conceitos de Geografia Cultural, códigos culturais, paisagem cultural, identidade cultural, lugar, além dos movimentos migratórios para o Brasil, destacando a imigração italiana, a qual foi a principal corrente migratória do município. Para executar esta primeira etapa, realizou-se um amplo levantamento em periódicos, livros, teses e dissertações publicadas acerca destes temas. Essa etapa inicial, auxiliou na concretização dos conceitos que foram trabalhados e norteou o desenvolvimento das etapas posteriores (Quadro 1).

A segunda etapa da pesquisa, consistiu no levantamento de dados em fontes secundárias. Com essa finalidade, foram utilizados dados de órgãos estaduais e municipais, os quais possibilitaram realizar uma caracterização do município, com o intuito de sanar os objetivos propostos. As fontes utilizadas foram do Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE) além das Secretarias de Cultura, Agricultura e Indústria do município.

Figura 1 – Fluxograma do caminho metodológico utilizado na realização da pesquisa



Quadro 1 – Temáticas e autores utilizados na construção da revisão bibliográfica da pesquisa.

<b>Temática Trabalhada</b>	<b>Autores utilizados</b>
<b>Geografia Cultural</b>	Bezzi (2004), Bezzi; Marafon (2005), Becker (2006), Claval (1997, 1999, 2002), Corrêa; Rosendahl (2000, 2003, 2005, 2007), Cosgrove; Jackson (2000), Duncan (2003), Mondana; Södertröm (2004), Sauer (2007), Voigt (2013), Wagner; Mikesell (2003).
<b>Cultura</b>	Brum Neto (2007), Brum Neto; Bezzi (2008), Caldas (2005), Cuche (1999), Marconi; Presotto (2005), Piccin (2009), Santos (2005), Saquet (2007) Seemann (2003), Wagner; Mikesell (2014).
<b>Códigos Culturais</b>	Brum Neto; Bezzi (2008a, 2008b), Caetano (2012), Claval (2007), Corrêa (2009), Cosgrove (1993), Cuche (1999), Santos (2009).
<b>Identidade Cultural;</b>	Appiah (2016), Brum Neto (2007), Claval (1997), Constantino (1994), Cuche (1999), Di Méo; Buléon (2007), Gomes (2001), Haesbaert (1999), Le Bossé (1999).
<b>Lugar</b>	Berdolay; Entrikin (2012), Bezzi (2004), Callai (2014), Ferreira (2000), Harvey (1998), Holzer (1999), Massey (1997, 2012), Oliveira (2012), Relph (1976, 2012), Santos (1996), Sauer (1983, 1998), Tuan (1983, 2013), Vieira; Vieira (2003).
<b>Paisagem Cultural</b>	Besse (2000), Brandão (1986), Brasil (2009), Brum Neto; Bezzi (2008), Claval (2007), Duncan (2004), Lima; Kozel (2009), Lorensi (2017), Martinelli; Pedrotti (2001), Maximiano (2004), Merleau-Ponty (1999), Pimenta (2016), Ribeiro (2007), 2014), Santos (2014), Sauer (1998), Sell (2017), Vasconcelos (2007, 2012).
<b>Imigração italiana</b>	Brum Neto (2007), Claval (1999), Constantino (1994). Haesbaert (1995, 1997), Manfroi (2001), Pesavento (1983), Santos (1978), Saquet (2002), Sorre (1984), Waibel (1988).

Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

A terceira etapa foi o momento em que se elaborou o instrumento de pesquisa utilizado no trabalho de campo, para a busca das informações *in loco*. O mesmo consiste em entrevistas semiestruturadas. Essas entrevistas foram utilizadas como roteiro para entrevistar os sujeitos do trabalho. Os questionários contavam com questões abertas, as quais possibilitaram adentrar no assunto visado, dando contexto

para o que estava em discussão. Optou-se por elaborar três tipos de documentos, pois os entrevistados eram diferenciados com grau de conhecimentos diversificados.

O primeiro questionário (Apêndice A), foi voltado para os responsáveis da Secretaria de Cultural do município de Serafina Corrêa. As perguntas foram desenvolvidas com o propósito de obter dados sobre o processo de colonização italiana que a unidade territorial sofreu e como as políticas públicas estão voltadas para este fato na atualidade.

O segundo questionário (Apêndice B), foi elaborado visando os moradores do município. Levou-se em consideração o fato de que a população estar alicerçada no senso comum, portanto as questões voltaram-se para questões pessoais, como por exemplo, descendência, questões identitárias, tradições familiares, etc.

O terceiro questionário (Apêndice C), teve como público-alvo, os responsáveis pelas indústrias presentes no município. No mesmo, perguntou-se como surgiu o interesse pela implantação das empresas na região, além de buscar a origem da mão de obra empregada nas mesmas. Outro ponto interrogado foi saber sobre a procedência da matéria prima utilizada na confecção dos produtos (se era local), e como as indústrias estão inseridas nas questões culturais presentes no município.

A quarta etapa da pesquisa, consistiu no trabalho de campo, o qual foi realizado em diferentes períodos. O primeiro contato com o objeto de pesquisa ocorreu no mês de julho de 2017, quando aconteceu a Festipizza, festa típica do município. Durante esse dia, realizou-se a observação e a conversa informal com os agentes organizadores da festividade, e paralelamente, fez-se a captura das fotografias. Além disso, foi possível obter informações, por meio do diálogo com os frequentadores, assim como, dados e informações acerca da história e das ações pró-cultura que o município possui, que ajudaram a enriquecer o trabalho elaborado.

O segundo momento do trabalho de campo foi no mês de fevereiro de 2018, quando foram realizadas as entrevistas semiestruturadas. Nesta fase, as entrevistas foram realizadas com os responsáveis pela Secretaria de Cultura juntamente em contato com os moradores locais. Optou-se por conversar com os moradores mais antigos e do comércio local, pois entendeu-se que suas contribuições seriam significantes para compreender a (i)materialidade da cultura local. Esse momento foi muito enriquecedor e possibilitou a compreensão da origem do município, como a cultura é mantida e os sentimentos que os moradores têm pela sua identidade cultural. Realizou-se também capturas fotográficas.

A última fase de trabalho de campo, foi durante o mês de outubro de 2018. Neste momento, foram realizadas entrevistas e visitas na parte rural de Serafina Corrêa, principalmente no distrito de Silva Jardim. Nesta etapa, foi possível conhecer a realidade e fazer as relações do rural, o qual é a problemática central da pesquisa.

A quinta e última etapa foi a de análise e interpretação dos resultados obtidos na pesquisa de dissertação de mestrado. Neste sentido, foram utilizadas as informações obtidas nas etapas anteriores juntamente com a percepção do pesquisador. Durante a análise desses dados, foram elaborados mosaicos fotográficos, mapas e gráficos, que auxiliaram na interpretação dos mesmos. Softwares específicos, como o Microsoft Excel e QGis 3.0, foram utilizados para a elaboração desses instrumentos.

Com esses dados, foi possível averiguar como a cultura e os agentes formadores do espaço estão inseridos em Serafina Corrêa, tornando-se possível redigir o texto final da dissertação de mestrado.

## **4 O MUNICÍPIO DE SERAFINA CORRÊA: ORGANIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA E CULTURAL**

O presente capítulo tem o intuito de caracterizar o município de Serafina Corrêa/RS. Neste sentido, estão apontados os aspectos físicos/naturais, econômicos e sociais da unidade territorial em estudo. Com esta abordagem, estão enfatizadas as principais características geográficas do recorte espacial, que possibilita a compreensão da dinâmica espacial do município.

### **4.1 CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS E NATURAIS**

Localizado na Região COREDE Serra, no Planalto Meridional, Serafina Corrêa se encontra numa área entre vales e montanhas, na encosta da porção nordeste do Estado. A unidade territorial, apresenta uma população de 17,198 habitantes, divididos numa área de 163,283 km<sup>2</sup> e uma densidade demográfica de 105 hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2018).

É importante destacar que, segundo dados do IBGE (2018), apenas 15% da população reside na zona rural e 85% na zona urbana do município, na atualidade. A área rural de Serafina Corrêa é constituída de apenas um distrito, Silva Jardim, que possui cerca de 600 habitantes e é o polo produtor da agricultura do município. Além de quatro outras localidades, as quais são caracterizadas por pequenas propriedades, que produzem apenas para subsistência.

Assim como os demais municípios de colonização europeia, a unidade territorial apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) elevado. Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2000), Serafina Corrêa apresenta um IDH de 0,832. A baixa densidade demográfica do município, a qualidade dos serviços de saúde e educação e a segurança são alguns dos fatores que favorecem um índice do IDH elevado (IBGE, 2016).

O município foi colonizado quase que exclusivamente pelos imigrantes italianos, principalmente da região do Trento, os quais chegaram ao estado sulino durante a década de 1870. Esses colonizadores implantaram seu principal meio econômico, a agricultura, a qual caracteriza a Microrregião Geográfica de Guaporé (MRG 13) e, conseqüentemente, o município até os dias atuais (CANTON; CANTON; CANTON, 2005).

O processo migratório europeu, para o Brasil, foi impulsionado pela transição da mão de obra escrava para a assalariada, o que gerou um incentivo do governo brasileiro às colonizações das áreas devolutas. Elas necessitavam ser ocupadas em decorrência do rápido processo de urbanização. O processo migratório foi favorecido pela disponibilidade de terras, na região sul. Estima-se que entre os anos de 1875 a 1914 o estado gaúcho recebeu cerca de 80 mil imigrantes provenientes da Itália (MAESTRI, 2010).

Os imigrantes italianos criaram as denominadas colônias velhas. As famílias se instalavam e desenvolviam seus meios de produção e sua cultura, na busca de reconstruir suas vidas. As primeiras colônias foram as de Caxias e de Conde D'Eu (SAQUET, 2002).

Com o decorrer do tempo e a necessidade de expandir suas terras, outras colônias foram sendo criadas e, denominadas, "colônias novas". Em 1885, iniciou-se os estudos para a divisão de novos lotes coloniais, com o intuito de criar novas áreas produtivas para a grande demanda de mercado que esses colonizadores estavam enfrentando. Assim, em 1892, instalou-se a Colônia de Guaporé, qual área, corresponde hoje a cidade de Serafina Corrêa (COFCEWICZ; ZAMBENEDETTI, 1988).

Os responsáveis pela divisão dos lotes, distribuíram a área pertencente a colônia em 22 linhas, as quais consistiam em estreitos caminhos através da floresta virgem. Foi as margens dessas linhas que os imigrantes organizaram sua vida social, econômica e religiosa. Esse desenvolvimento gerou esforços por parte dos habitantes e de seus representantes políticos, em busca da independência da região, e em 1903 o município de Guaporé foi instaurado, levando as referidas linhas à classificação de distrito.

O distrito de Dona Serafina Corrêa, devido ao seu alto grau de desenvolvimento, foi ganhando destaque econômico no município, e utilizado para atrair investimentos para o município de Guaporé. Essa importância do distrito para a economia local, contribuiu para que em 1938 o povoado de Dona Fifina<sup>8</sup> fosse elevado à categoria de vila (CANTON; CANTON; CANTON, 2005).

---

<sup>8</sup> O até então distrito de Guaporé era chamado de Dona Fifina, pois remetia ao modo carinhoso que a senhora Serafina Corrêa, esposa de Vespasiano Corrêa, primeiro intendente de Guaporé, era vista na região. (CANTON; CANTON; CANTON, 2005).

Os esforços de emancipação da Vila de Dona Fifina, foram aumentando gradativamente entre os dirigentes locais. Os projetos desse processo esbarravam na economia, pois a vila era responsável por cerca de 48% da arrecadação de Guaporé. Finalmente, no dia 22 de julho de 1960, o processo de emancipação foi aprovado, e através da Lei nº 3.932, o município de Serafina Corrêa foi instaurado. Além de sua área, o novo município agregou áreas que pertenciam ao município de Casca (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERAFINA CORRÊA, 2017).

Economicamente, a unidade territorial em estudo vem prosperando desde os tempos da colonização, onde os imigrantes que desenvolveram a região, foram responsáveis pela implementação de seus modos de produção e transformaram a área em uma grande potência econômica. A agricultura foi a principal atividade econômica desenvolvida, a partir do cultivo do milho e da uva. Os imigrantes que chegavam ao país, passaram a utilizar a atividade agrícola para se consolidarem no espaço, através de pequenas propriedades de cunho familiar. Os imigrantes italianos, inicialmente, começaram produzindo apenas para a própria subsistência e, gradativamente, tornaram-se um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da economia gaúcha (PESAVENTO, 1983).

Segundo Bezzi et al., (2006), o município está inserido na Região Geoeconômica 7 (soja, trigo, milho, bovinos e aves). Atualmente, o mesmo está consolidado em três atividades econômicas: a agricultura, a pecuária e a indústria.

Na agricultura, as principais produções são de trigo, soja e cevada, as quais são cultivadas nas pequenas e médias propriedades. O milho, que até meados dos anos 1970 era a principal produção do município, perdeu espaço para as novas culturas que se inseriram no Brasil durante a década seguinte. É possível perceber que a soja e o trigo foram inseridos no estado sulino a partir da década de 1970, com a modernização da agricultura. Tal fato se intensificou durante a década de 1980, sendo responsável por reorganizar o espaço rural de Serafina Corrêa.

Destaca-se, também, a produção de uvas, a qual é responsável pela produção de vinhos coloniais. Cabe ressaltar, que o cultivo da uva, atualmente, está presente apenas em algumas propriedades, onde a plantação é destinada apenas para subsistência, pois a área plantada foi cedida para o cultivo do trigo e da soja.

No que diz respeito à pecuária, a criação está quase que exclusivamente ligada às indústrias. O município destaca-se como polo regional para a produção de

frangos de corte e, em menor proporção, a criação de suínos (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERAFINA CORRÊA, 2017).

O Distrito de Silva Jardim, do mesmo modo, tem seu papel de destaque na região, pois também, é considerado um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento socioeconômico da unidade territorial. Tal fato se dá pela produção em grande escala de grãos, atendendo a demanda de empresas de renome na região, no qual fomenta o agronegócio, contudo, não deixando de lado a agricultura familiar, principal característica do colono italiano.

Além disso, é relevante ressaltar que, grande parte da produção do Distrito de Silva Jardim é destinado para as indústrias presentes no Distrito Industrial do município. Isso justifica o grande número de galináceos e suínos que são criados na área. Essa política de utilizar matéria prima local, na fabricação de seus produtos, é bastante importante, pois além de auxiliar no desenvolvimento da região, também incentiva a tecnificação das pequenas propriedades.

As indústrias tiveram papel de extrema importância para o desenvolvimento econômico do município. Foi a partir do final do século XX e início do século XXI que a unidade territorial estimulou o ramo das indústrias. A instalação do distrito industrial trouxe diversas empresas de grande porte, incentivando o desenvolvimento da economia da região. Entre elas, a empresa Brasil Foods (BRF), que no município, representa as marcas Perdigão e Sadia, sendo o investidor de maior capital, geração de empregos e de receita, contribuindo para a oferta de empregos, pela utilização de mão de obra e matéria prima local para a produção de seus produtos.

As indústrias que se instalaram, utilizaram o meio de produção colonial para gerar a matéria prima de seus produtos. Fato esse que possibilitou a modernização dos meios de produção no espaço rural de Serafina Corrêa, e também possibilitaram que as mesmas mantivessem sua estrutura de produção familiar, típica do colono italiano. Entretanto, nesta inserção da indústria, as pequenas unidades precisaram ir em busca de uma produção mais efetiva e lucrativa.

Com a chegada dessa nova realidade econômica e cultural, com a implantação de culturas e agentes externos, como os novos moradores e as novas formas de produção, tornou-se necessário a inclusão de políticas públicas para que os novos moradores, oriundos dos diversos municípios do estado gaúcho e de outras regiões brasileiras, tivessem infraestrutura para se estabelecerem localmente. Além de produtos alimentícios, o polo industrial é destaque entre os demais municípios

gaúchos no ramo da pecuária leiteira. A cadeia produtiva do leite abastece o mercado regional e nacional. Destaca-se, também, as indústrias de manufaturas de papéis e a metalurgia (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERAFINA CORRÊA, 2017).

O clima da região é o subtropical, o qual se caracteriza por chuvas bem distribuídas durante o ano todo e uma temperatura média de 16° C. As condições edáficas contribuíram com o favorecimento do cultivo de produtos típicos dos colonos italianos. As semelhanças físicas da região com as do país europeu de origem, foram responsáveis pela consolidação socioeconômica da região da Serra Gaúcha (PESAVENTO, 1983).

A região da Serra Gaúcha se caracteriza, também, por uma expressiva rede hidrográfica. Diversos corpos hídricos estão presentes e são responsáveis pelo abastecimento dos municípios. Serafina Corrêa é banhado pelo rio Carreiro, o qual tem um importante papel, pois além de ser responsável pelo abastecimento da população e propriedades rurais, possui um cunho recreativo, sendo propício para esportes náuticos e formação de piscinas naturais.

Culturalmente, a unidade territorial em foco apresenta uma expressividade cultural, pois a mesma se destaca pela presença da identidade ítalo-brasileira, a qual pode ser observada nas simbologias que foram materializadas na paisagem pelos imigrantes, e que ainda, na atualidade, são perceptíveis no município. É relevante, também, os fazeres e saberes que foram implantados por estes descendentes, buscando perpassar os códigos italianos no município. Além deles, a colonização do município tem influência de imigrantes portugueses, poloneses, e a partir de 2010, haitianos e senegaleses.

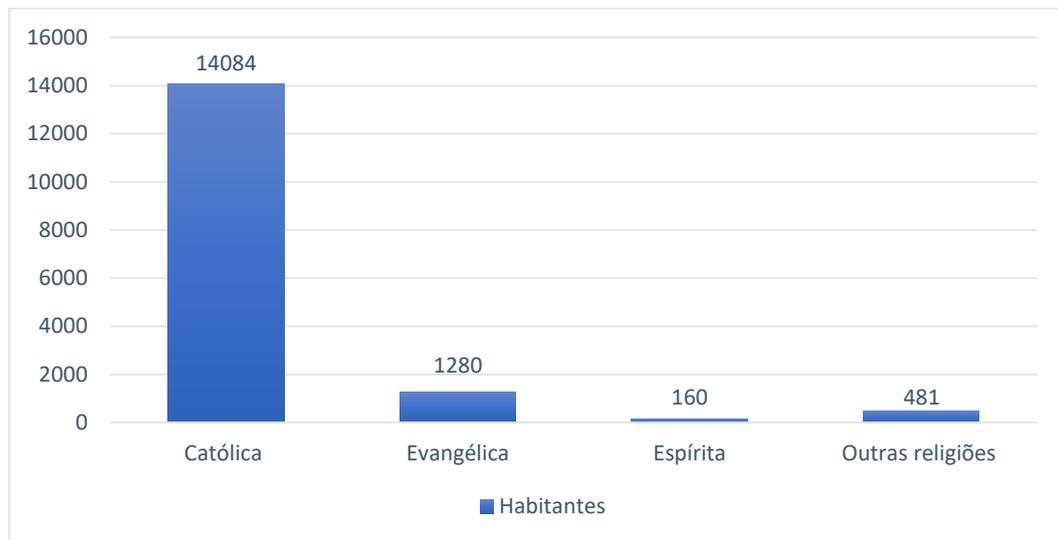
Com base nos dados que foram obtidos com o trabalho de campo, pode-se afirmar, que a cultura foi e é, um dos principais agentes formadores do município. A oralidade e a religiosidade são os principais marcos culturais da unidade territorial. Considerada a capital nacional do Talian, remonta seus antepassados preservando essa língua para as novas gerações.

Além disso, Serafina Corrêa promove uma série de festividades e eventos para ressaltar a cultura italiana. Através dos moradores antigos, é possível identificar a riqueza cultural que a região apresenta, pois remonta a origem e o processo de organização espacial da região da Serra Gaúcha.

Como os demais municípios de origem italiana, Serafina Corrêa tem forte presença da religião, onde a mesma tem influência nas relações culturais dos

moradores. Conforme os dados do IBGE (2016), 88% da população são católicos, 8% da população segue a doutrina evangélica, 1% são espíritas e os outros 3% são de outras religiões (Gráfico 1).

Gráfico 1 – População residente no município de Serafina Corrêa por religião



Fonte: IBGE, 2016.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Pode-se perceber a importância que a religiosidade tem para este grupo étnico, quando, ao analisar a letra do Hino Municipal<sup>9</sup>, o qual foram padres que o compuseram, e trazem em seus versos, a importância da igreja para este povo. Além disso, também, demonstra o respeito e a importância que os imigrantes colonizadores de Serafina Corrêa possuem (Anexo A).

É importante destacar que diversas religiões foram gradativamente inseridas no município a partir da segunda metade do século XX, quando as empresas que se instalaram no município começaram a atrair pessoas de diversos municípios e regiões. Com a chegada desses novos agentes sociais formadores do espaço, as interações culturais foram apresentando dinâmicas diversas, até a atual organização espacial local.

Pode-se afirmar, então, que as condições edáficas e a simbologia cultural implantada pelos colonizadores de Serafina Corrêa, foram responsáveis pelas

<sup>9</sup>O Hino de Serafina Corrêa foi criado em 07 de outubro de 1970. A letra é do Padre Bruno Paris, a harmonização foi feita pelo Padre Pedro Cerantola e o arranjo musical feito pelo Padre Genoli Pieta (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERAFINA CORRÊA, 2018).

características socioeconômicas do município, na atualidade. A dinâmica espacial foi resultado de processos que estão diretamente ligados à sua economia e, principalmente, as marcas culturais italianas. Essa dinâmica caracteriza o espaço do município até os dias atuais, e gradativamente apresenta uma reorganização espacial vinculada a influência do processo de globalização.

---

## 5 A (I)MATERIALIDADE DA CULTURA ITALIANA E A DINÂMICA SOCIOESPACIAL DE SERAFINA CORRÊA

Com base nas informações obtidas através da revisão bibliográfica, dos dados coletados e analisados em fontes secundárias e, principalmente, com o trabalho de campo, apresenta-se os resultados que respondem aos objetivos do trabalho. Neste capítulo, serão apresentados os resultados finais da pesquisa, trazendo os códigos culturais que estão inseridos no município e a dinâmica socioespacial que (re)organizaram o espaço de Serafina Corrêa.

### 5.1 A (I)MATERIALIDADE DA CULTURA ITALIANA EM SERAFINA CORRÊA

O município de Serafina Corrêa, assim como os demais municípios da Serra Gaúcha, foi colonizado quase que exclusivamente por imigrantes europeus, que receberam incentivos por parte do governo federal para se instalarem na região. Tal fato aconteceu, principalmente, durante o final do século XIX e início do século XX. Essas dinâmicas foram responsáveis pela criação de particularidades que caracterizam as unidades territoriais da área serrana hodiernamente.

A chegada dos imigrantes italianos à região iniciou-se, oficialmente, na década de 1870, com a criação das primeiras colônias italianas. Ligado a este fato, está a implantação dos principais meios econômicos e símbolos culturais desse grupo étnico, os quais foram sendo passados pelas gerações e encontram-se presentes através de simbologias até hoje.

Com o intuito de se consolidarem no seu novo local de moradia, os imigrantes italianos trouxeram seus saberes e fazeres tradicionais, pois através deles tornava-se possível a reconstrução do seu lugar e a afirmação de sua identidade cultural. Esse fator foi responsável por tornar a unidade territorial em estudo, destaque na região, pois a mesma tornou-se referência da identidade ítalo-brasileira no Rio Grande do Sul. Através de sua (i)materialidade, a cultura trazida pelos colonizadores é mantida e incentivada até hoje, o que auxilia o desenvolvimento socioeconômico do município (TRABALHO DE CAMPO, 2018).

Com base nos dados que foram obtidos durante os trabalhos de campo, onde fez-se um levantamento junto aos órgãos públicos municipais, sobre a origem dos moradores, percebeu-se que, na atualidade, cerca de 55% dos habitantes ainda são

de descendência italiana. Os seus antepassados vieram da Itália e se instalaram na região da Serra Gaúcha. Desses colonizadores, cerca de 90% são oriundos da região do Vêneto e caracterizam a forma como interagem entre si (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERAFINA CORRÊA, 2017).

No grupo de imigrantes que chegaram ao município durante o período de colonização, existem as famílias “fundadoras”. Elas são as mais tradicionais e que hegemonizam boa parte do comércio e dos estabelecimentos agropecuários. Apesar da entrada dos agentes externos, na economia do município, percebe-se que os estabelecimentos tradicionais ainda têm um papel importante na dinâmica econômica da unidade territorial.

Outro fato observado, é o acolhimento que os habitantes naturais de Serafina Corrêa, possuem com os que chegaram para trabalhar e residir, durante a implantação do distrito industrial. Apesar de ser um grupo fechado, essa hospitalidade é típica do grupo étnico italiano, o qual é conhecido por sempre receber seus visitantes com muitas festividades, as quais estão ligadas, geralmente, aos códigos culturais da gastronomia e da música.

É possível perceber, através dos trabalhos de campo e das entrevistas realizadas durante o mesmo, que os principais códigos culturais que caracterizam a (i)materialidade da cultura italiana no município são: a oralidade, a gastronomia, a religiosidade e a arquitetura. Eles são os responsáveis pela mediação da dinâmica espacial do município atualmente.

### **5.1.1 Código Cultural: Oralidade**

A fala é a principal forma de comunicação que a humanidade possui. A ação de dialogar torna os seres humanos animais racionais, e que necessitam interagir com outros indivíduos. Para isso, cada grupo social possui formas de comunicação, através de sotaques, gírias e dialetos. No caso da unidade territorial em estudo, o Talian, na atualidade, é considerado a segunda língua oficial local.

O Talian consiste em um dialeto, o qual é considerado o “vêneto brasileiro”. Foi trazido pelos imigrantes e mantido pelas novas gerações. Segundo dados da secretaria de cultura do município, estima-se que no Brasil, atualmente, existem cerca de 500 mil pessoas que usam o dialeto no seu dia a dia. Em algum município, como é o caso de Serafina Corrêa, o mesmo foi oficializado como língua.

Cabe destacar que, durante o Estado Novo do governo Vargas, era proibido o uso do mesmo em território nacional. Essa proibição foi ocasionada pela campanha de nacionalização<sup>10</sup> do país, a qual visava diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e forçá-los a se integrarem na população brasileira. Para isso, as comunidades de imigrantes passaram a ser vigiadas pelas autoridades, para que não descumprissem a lei (SEYFERTH, 1999).

Tal fato ocasionou a morte dessa simbologia em diversas áreas, a que utilizavam como língua mãe. Segundo os moradores, esse período deixou marcas mesmo após essas políticas governamentais serem encerradas. Muitas vezes, os mesmos sofriam preconceito e violência por não saberem falar o Português. Enfatiza-se que uma parcela dos entrevistados relatou, a maioria da parte rural, que na juventude lhes cabia a tarefa de ensinar os mais idosos, que tinham dificuldade de falar o Português. Para isso, os mesmos precisavam ensinar o português, que era ensinado nas escolas, para que os mesmos pudessem se comunicar sem sofrer sanções do governo.

Após o período da campanha da nacionalização, e com os estudos culturais avançando no Brasil, os descendentes e agentes públicos notaram a importância que o Talian tinha para o patrimônio imaterial do país. Desde 2015, o mesmo é reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil, título esse dado pelo Ministério da Cultura (MinC).

Serafina Corrêa se destaca, novamente, e faz com que o mesmo seja de extrema importância para a manutenção dos costumes italianos no Brasil. O município é considerado a Capital Nacional do Talian, onde aproximadamente 90% da população utiliza o dialeto como língua oficial (Figura 2) (TRABALHO DE CAMPO, 2017).

---

<sup>10</sup>A campanha de nacionalização do Governo Vargas durou de 1938 até 1945 (período que correspondeu à Segunda Guerra Mundial), e foram implantadas em etapas. Inicialmente, foram voltados para a parte da educação, onde as aulas deveriam ser ministradas em Português, e não se poderia ensinar línguas estrangeiras para menores de 14 anos.

A segunda etapa foi pelos meios de comunicação e manifestações públicas, onde era vetado a utilização de línguas estrangeiras em programas de rádio, festividades, cerimônias religiosas, etc. Além disso, os nomes de ruas, clubes, lojas, fábricas, associações e qualquer empresa pública ou privada, deveriam ter nomes brasileiros.

A terceira etapa foi na década de 1940, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, onde foram intensificadas as repressões às nacionalidades ligadas às potências de alemães, italianos e japoneses. Nessa etapa houveram restrições as liberdades individuais.

Essas políticas antiestrangeiras de Getúlio Vargas só foram abandonadas em 1986, mas deixaram fortes marcas naqueles que sofreram suas sanções. (SEYFERTH, 1999).

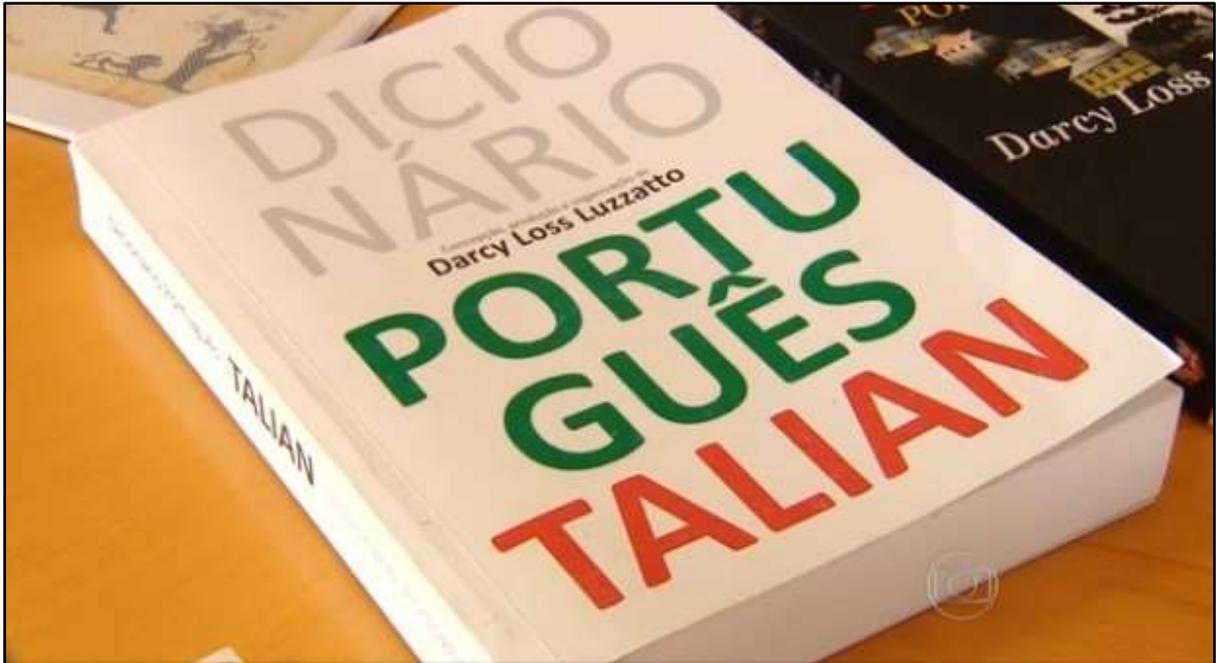
Figura 2: Mosaico fotográfico sobre o Talian no município



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

No ano de 2000, a partir de esforços do Professor Darcy Luzzatto<sup>11</sup>, em parceria com o governo municipal, foi publicado o primeiro Dicionário de Talian. Neste livro, encontram-se mais de 40 mil verbetes (Fotografia 3).

Fotografia 1 – Dicionário de Talian



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

A importância que o dialeto tem para o patrimônio imaterial, tanto serafinense quanto brasileiro, estimulou políticas e incentivos para a manutenção da língua. Primeiramente, em âmbito municipal, quando em 13 de novembro de 2009, através da Lei nº 2615/13, foi sancionada a lei de cooficialização da língua Talian. Desta forma, Serafina Corrêa passou a ter o Talian como a segunda língua oficial. Esta situação incentivou o desenvolvimento de projetos para manter a língua, e transpassá-la para as novas gerações, através do ensino na educação básica. Paralelamente, sua manutenção ocorre na utilização das celebrações religiosas, festividades, placas de trânsito, etc.

É importante destacar a forma como ocorreu o processo de constitucionalização da lei, que oficializou a língua Talian. Segundo a secretária de

---

<sup>11</sup>O Professor Darcy Loss Luzzatto é o maior escritor na língua taliana no Brasil, tendo mais de 10 livros publicados na referida língua.

cultura, ocorreram diversas conferências e audiências, entre os representantes municipais e a população, com uma grande participação da sociedade local.

Com a oficialização do Talian em Serafina Corrêa, a língua, que é falada também em Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, começou a ganhar força e ser objeto de políticas que visavam a sua preservação. Nesse sentido, em 18 de novembro de 2014, o governo federal promulgou a lei que o transforma em Língua de Referência Nacional. Ela é reconhecida, também, como Patrimônio Histórico Cultural Imaterial Brasileiro.

Segundo o Entrevistado A, é importante preservar o Talian pois “é uma forma de mostrar como nossos antepassados conversavam, como eles interagiam. Na minha família, aprendi a falar o Talian com a *nona* e o *nono* e passei para meus filhos. Infelizmente meus netos não compreendem tão bem o Talian”.

Atualmente, na unidade territorial em estudo, a língua Talian é ensinada entre as gerações e, também, em algumas escolas de educação básica, principalmente nas escolas das zonas rurais (TRABALHO DE CAMPO, 2018). Segundo informações obtidas durante as entrevistas, a dinâmica espacial que o município apresentou, principalmente no início dos anos 2000, foram um fator determinante para alavancar as lutas pela oficialização da língua.

Outro fato importante que chamou a atenção durante a realização das entrevistas, foi que, diversos moradores que não nasceram no município, se interessavam pela aprendizagem e utilização desta língua. Segundo os mesmos, eles consideram ela um modo de se inserir na sociedade serafinense, que apesar de receptiva, ainda demonstra alguma resistência para integrar os novos moradores.

É relevante ressaltar que a utilização da língua Talian, entre os moradores, ocorre entre os mais idosos, os quais residem principalmente na área rural. Neste sentido, o comércio e diversos estabelecimentos de famílias tradicionais utilizam língua Talian no seu cotidiano. A comunicação entre os mais jovens, em Talian, já é mais restrita. Os mesmos a utilizam quase que, exclusivamente, em âmbito familiar. Tal fato justifica a preocupação do poder público em tornar a língua Talian uma disciplina obrigatória nas escolas públicas do município.

Os responsáveis pela secretaria de cultura, destacaram que está em trâmite, para aprovação, um projeto desenvolvido em conjunto com a secretaria de educação, que visa tornar obrigatório o ensino da língua Talian em todas as escolas de educação

básica da rede municipal. Com essa política, espera-se que a língua se dissemine entre os mais jovens e, também, entre os que não são descendentes de italianos.

### 5.1.2 Código Cultural: Gastronomia

A gastronomia é um dos principais códigos culturais que identificam os descendentes de italianos. Suas produções coloniais de queijos, salames e vinhos caracterizam e tornam os municípios que são de origem italiana, destaque em cenário nacional, devido à alta qualidade de seus produtos.

Serafina Corrêa não está distante desta realidade, porém, em sua área territorial, esses produtos são produzidos em baixa escala, se compararmos com os municípios próximos, e de semelhante colonização. A produção de vinhos está concentrada em uma pequena área do município, no distrito de Silva Jardim, onde algumas propriedades cultivam parreirais de uva, para a confecção de vinho colonial para consumo próprio. Isso ocorre no setor econômico da unidade territorial, pois a mesma está alicerçada principalmente na pecuária, para suprir as empresas do ramo alimentício, que se instalaram no local, principalmente no início do século XXI (TRABALHO DE CAMPO, 2018) (Fotografia 2).

Fotografia 2 – Parreiral no distrito de Silva Jardim/Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

É importante destacar que a área plantada de milho, o qual foi o primeiro cultivo do colono italiano, pois era destinado ao preparo da polenta, prato tradicional da alimentação desses imigrantes, gradativamente foi cedendo espaço para o trigo e a soja. Na atualidade, assim como a uva, apenas algumas propriedades em Silva Jardim possuem uma pequena área plantada, voltada para consumo próprio. Isso mostra o impacto que a dinâmica espacial e econômica do município tem sob a cultura italiana (Fotografia 3).

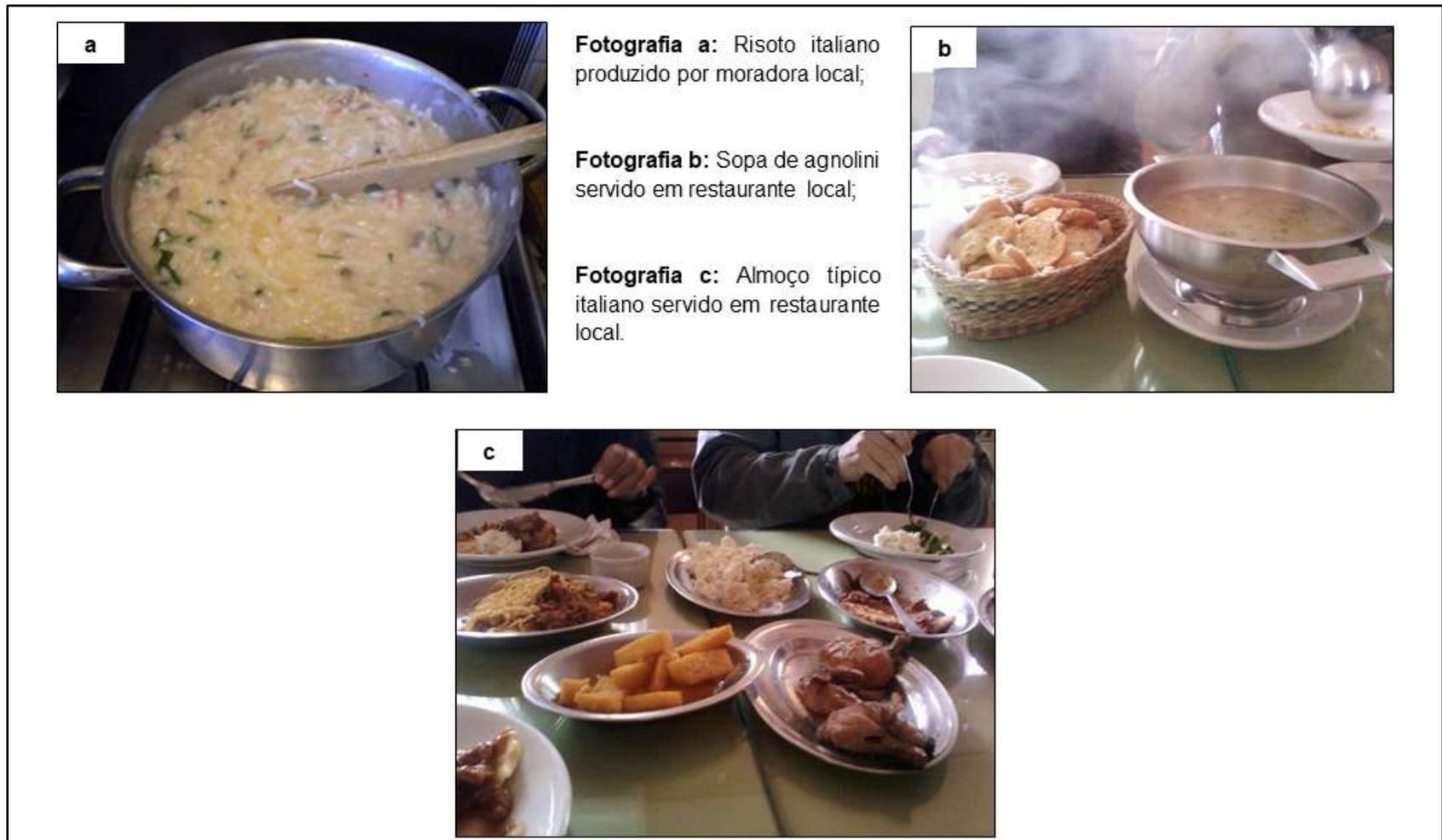
Fotografia 3 – Plantação de milho abandonada no distrito de Silva Jardim/Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Embora a área plantada com milho tenha diminuído, os descendentes italianos mantêm os costumes gastronômicos. É possível confirmar tal fato nos domingos, onde, tradicionalmente, as famílias se reúnem e preparam pratos típicos, como risoto, polenta, massas, a sopa de agnolini, acompanhados de vinho, salame e queijo colonial. Ademais, nota-se que essa culinária italiana se mistura com a gaúcha, pois encontramos, também, na mesa o churrasco, mostrando essa dualidade identitária dos descendentes de italianos, que nasceram no estado sulino (TRABALHO DE CAMPO, 2018) (Figura 3).

Figura 3 - Mosaico fotográfico sobre a gastronomia de Serafina Corrêa



Fonte: Trabalho de Campo, 2018  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018. .

As tradições gastronômicas foram responsáveis por identificar o colono italiano, desde os tempos da colonização, quando os mesmos se reuniam com seus semelhantes, para celebrarem as novas terras, além de recordarem da sua “terra mãe”. Desta forma, a manutenção deste código cultural, foi responsável por consolidar a identidade ítalo-brasileira, principalmente nos municípios da serra gaúcha

Com a dinâmica que o município apresentou, com o incentivo das indústrias, do capital externo e com novos moradores que não possuíam a descendência italiana, percebeu-se que os fazeres tradicionais podiam se perder, principalmente na parte gastronômica (TRABALHO DE CAMPO, 2017). Com o intuito de manter a forma de produção colonial que a gastronomia serafinense está alicerçada, foram criadas políticas públicas, para que incentivassem os mais novos a desenvolver o hábito da produção dos ingredientes e da confecção dos pratos típicos.

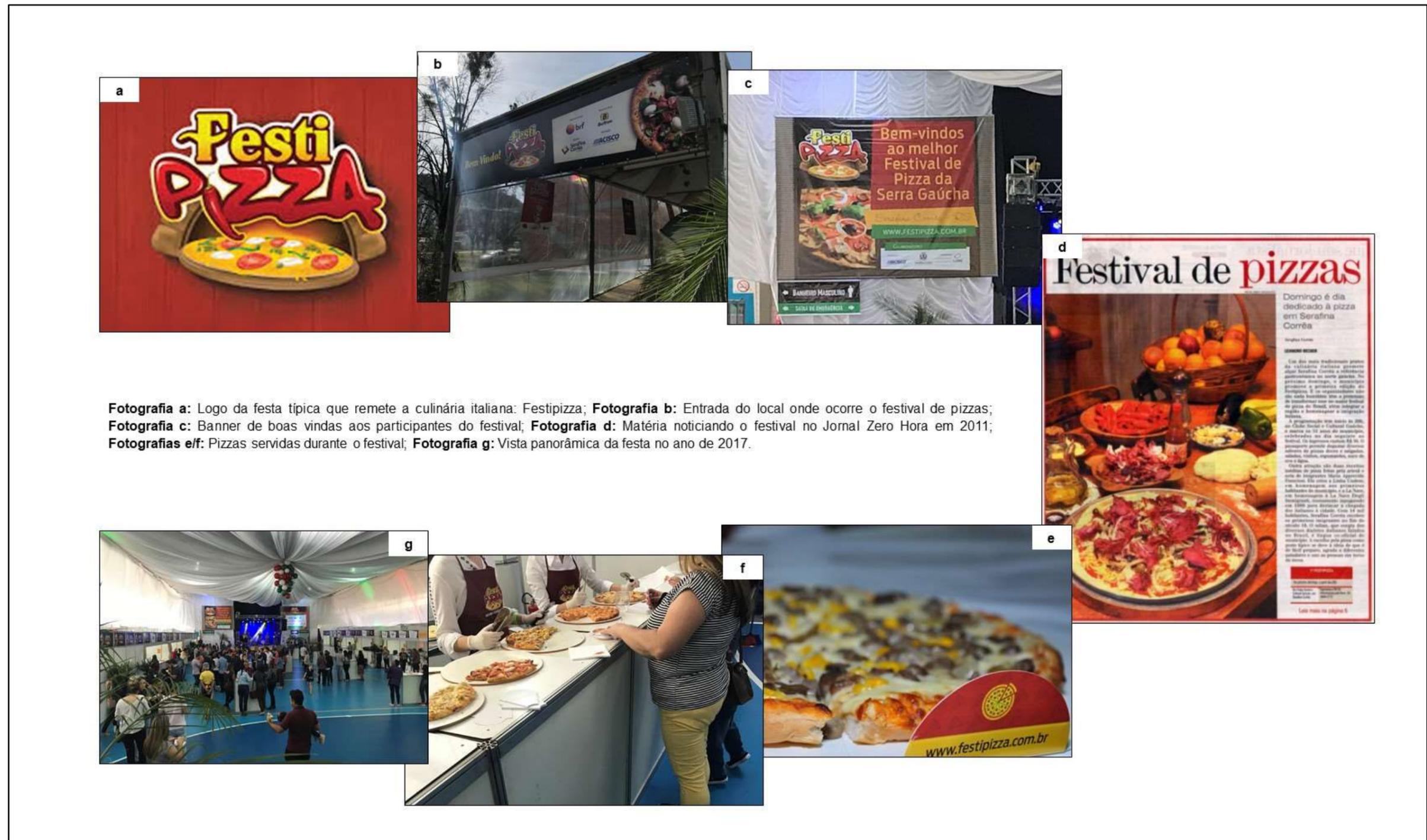
Para desenvolver esse pensamento, em 2011, os empresários e o poder público criaram a Festipizza, que consiste em um festival de pizzas produzidas de modo artesanal e que são servidas na mão para seus clientes. Além de pizzas, os frequentadores podem degustar vinhos, sucos e espumantes produzidos na região e desfrutar da presença das soberanas do município, além de músicas típicas italianas e gauchescas (Figura 4).

Esse festival acontece anualmente e reúne investimentos de grandes empresas, ressaltando que as mesmas são todas gaúchas, as quais incentivam a manutenção da cultura. Os organizadores do festival, destacaram que o mesmo não é executado visando lucro, mas sim, como finalidade incentivar o turismo local e, também, a manutenção da gastronomia típica.

Outro fato que chamou atenção durante o trabalho de campo, foi a grande participação da população idosa. Durante as entrevistas, na área rural, onde a maior parte da população idosa se encontra, constatou-se que os mesmos veem nas festividades, uma forma de interagirem com os moradores da área urbana, já que o distrito fica a 20 km de distância do centro administrativo e apresenta difícil acesso.

Podemos perceber nas falas dos moradores tal constatação quando os mesmos destacam que: “A gente passa a semana inteira aqui, só vai *pra* cidade fim de semana, ou quando precisa de médico ou algum item de emergência. Quando tem a festipizza a gente adora, porque a gente se sente parte da cidade” (Entrevistado B).

Figura 4 – Mosaico fotográfico sobre a Festpizza



Fonte: Trabalho de Campo, 2017; Jornal Zero Hora, 2011.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018

A prefeitura municipal, em parceria com outros municípios da região da serra, também, promove o projeto Excelência em Gastronomia na Serra Gaúcha. Esse projeto é desenvolvido pelo SEBRAE, juntamente com a secretaria de Indústria, Comércio e Turismo de Serafina Corrêa, e tem como principal objetivo, desenvolver o turismo regional, auxiliando no desenvolvimento econômico do município. Visa, também, qualificar o atendimento aos clientes, os processos de gestão, e melhorar a mão de obra local (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERAFINA CORRÊA, 2018).

As empresas que participam deste projeto recebem benefícios, como a diminuição de impostos e mais oportunidades de créditos para investir em seus negócios. Cabe destacar que esse projeto abrange, aproximadamente, 20 municípios da região serrana. Além deste projeto, o município possui ações municipais voltadas para crianças e adolescentes da rede pública municipal. Segundo os dados da prefeitura, cerca de 20% dos alunos matriculados participam deste projeto.

O mesmo consiste em uma oficina gastronômica, onde os jovens recebem noções da preparação de alimentos com ingredientes produzidos de maneira natural, nas pequenas propriedades do município. Este projeto tem como principal objetivo a maior interação dos adolescentes à Festipizza, com o intuito de transmitir aos educandos, a necessidade de manutenção do festival, o qual é responsável pela consolidação da gastronomia local.

Segundo os responsáveis pelo projeto, os alunos gostam muito de participar desta atividade, por ser bastante lúdica, quebrando os paradigmas de educação<sup>12</sup>, pois permite conhecer, de forma diferente, sua história. Com base nas palavras de uma professora que aplica o projeto, fica explícita a satisfação da mesma em participar do mesmo quando diz que,

“a gente adora trabalhar com as crianças na oficina gastronômica. Muitos deles nunca tiveram contato com a horta, não sabiam de onde era o alimento que tá na mesa todo dia. Eles ficam maravilhados quando visitamos a hortinha, quando a gente ensina como faz a comidinha. É muito gratificante participar desse projeto” (Entrevistado C).

É importante destacar, também, que nessa oficina, os jovens aprendem a importância da utilização de produtos locais, dos pequenos produtores, os quais são responsáveis por cerca de 60% do consumo do município.

---

<sup>12</sup> Tal fato se dá, pois ultrapassa a sala de aula, e faz com que novas formas de ensinar e aprender sejam utilizadas.

Além disso, desde o ano de 2000 ocorria a FestItália, onde era desenvolvidas gincanas, jantares típicos e jogos trazidos pelos colonos. Essa festividade acontecia anualmente, no mês de julho<sup>13</sup>, porém, desde 2016, ela não é mais celebrada. Segundo a secretária de cultura, a expectativa é que no ano de 2019 o evento volte a ser festejado.

### **5.1.3 Código Cultural: Arquitetura**

A arquitetura local apresentou uma hibridização com o decorrer do tempo. Inicialmente, era possível encontrar os grandes casarões de pedra e madeira, com porões para o armazenamento dos produtos de subsistência das pequenas propriedades. Posteriormente, com a chegada da indústria no município, as residências foram sendo renovadas com outro estilo arquitetônico, havendo uma significativa quantidade de edifícios e casas, com arquitetura moderna. Tal fato, reflete a entrada do capital externo no município, que proporcionou a dinâmica espacial, que organizou o espaço de Serafina Corrêa.

Segundo dados da Prefeitura Municipal (2018), existem algumas residências localizadas no centro da cidade, que mantêm a arquitetura típica italiana, porém, a maior parte das mesmas encontram-se no distrito de Silva Jardim e nas linhas do município, na zona rural. Isso pode ser explicado pelos habitantes da zona rural serem, na sua maioria, idosos, os quais são descendentes diretos dos colonizadores italianos, que permanecem residindo em casas que foram sendo passadas ao longo das gerações.

Com o intuito de preservar a arquitetura do local e destacar por meio deste código cultural, a cultura italiana, na década de 1990, a prefeitura municipal criou um projeto arquitetônico para a construção de réplicas de monumentos históricos localizados na Itália. Dentre essas réplicas, a prefeitura elegeu 6 monumentos com importante relevância para a história do país europeu, os quais foram: Castello Inferiore di Marostica; Casa di Romeo; Casa di Giulietta; La Rotonda; O Coliseu e a Torre di Pisa.

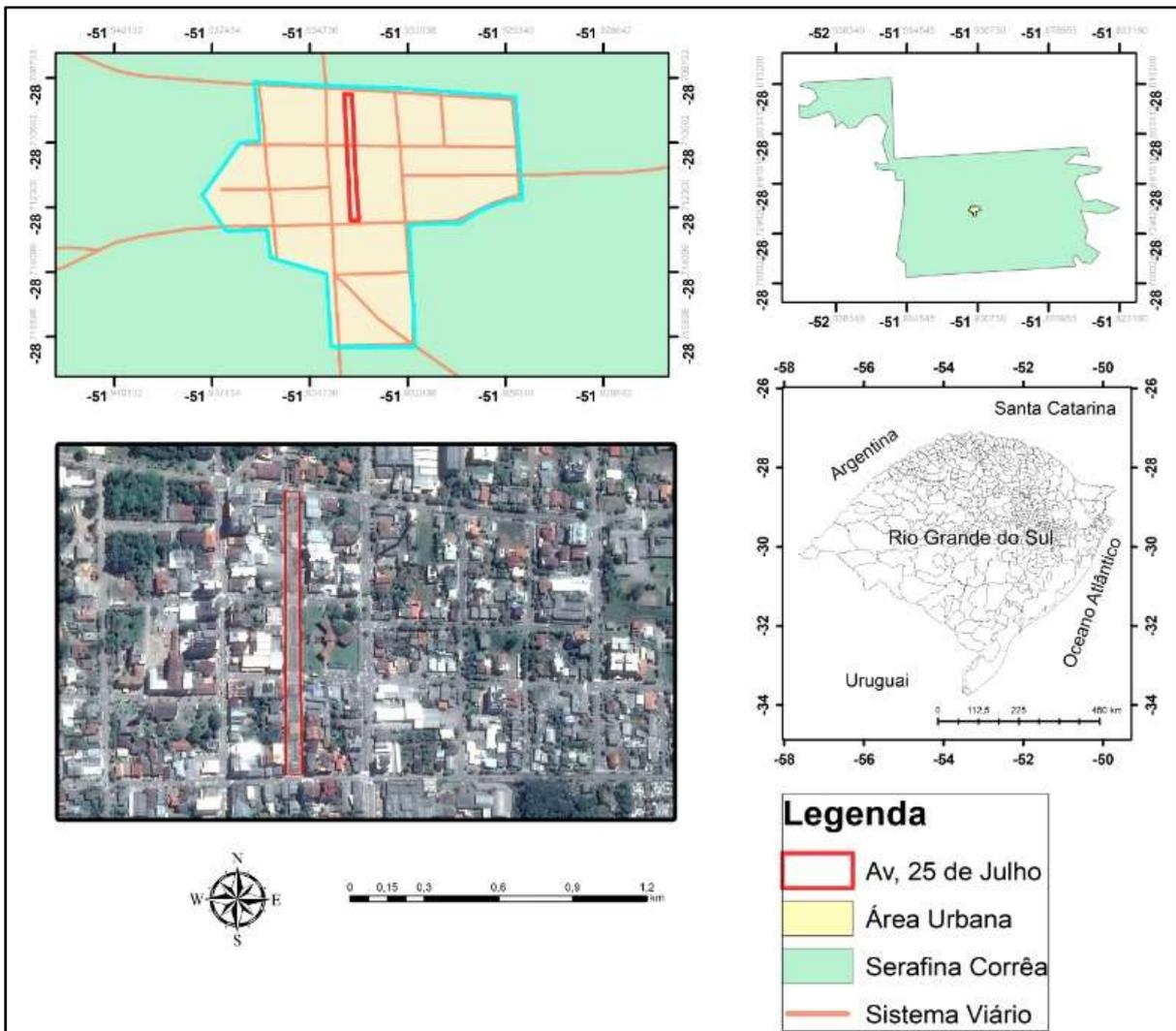
Em 1994, o poder público local, juntamente com apoio de empresas privadas do município, realizou o marco inicial da construção da Via Gênova, que fica situada

---

<sup>13</sup>A maioria das festividades típicas acontecem no mês de julho, pois o mesmo é considerado como o mês do município, pois se dá o aniversário de Serafina Corrêa.

na Avenida 25 de julho, principal via do município. Essa via, consiste na atualidade, juntamente com a Via Sacra e o Cristo Redentor, os principais pontos turísticos de Serafina Corrêa (Figura 5).

Figura 5 – Localização da Via Gênova em Serafina Corrêa/RS



Fonte: IBGE, 2016; Google Earth.

Na data da inauguração do projeto, foi criado uma “cápsula do tempo”, a qual será aberta no dia 20 de julho de 2092, quando se dará os 200 anos da ocupação da área que corresponde o município, atualmente. Esse fato destaca a importância que o poder público e privado de Serafina Corrêa, direciona a cultura local. A valorização do imigrante italiano pode ser percebida, também, com a construção do monumento, a Nave Degli Immigranti. Este é uma homenagem aos imigrantes italianos que vieram ao Brasil (Fotografia 4).

Fotografia 4 – Monumento Nave Degli Immigranti/Serafina Corrêa/RS



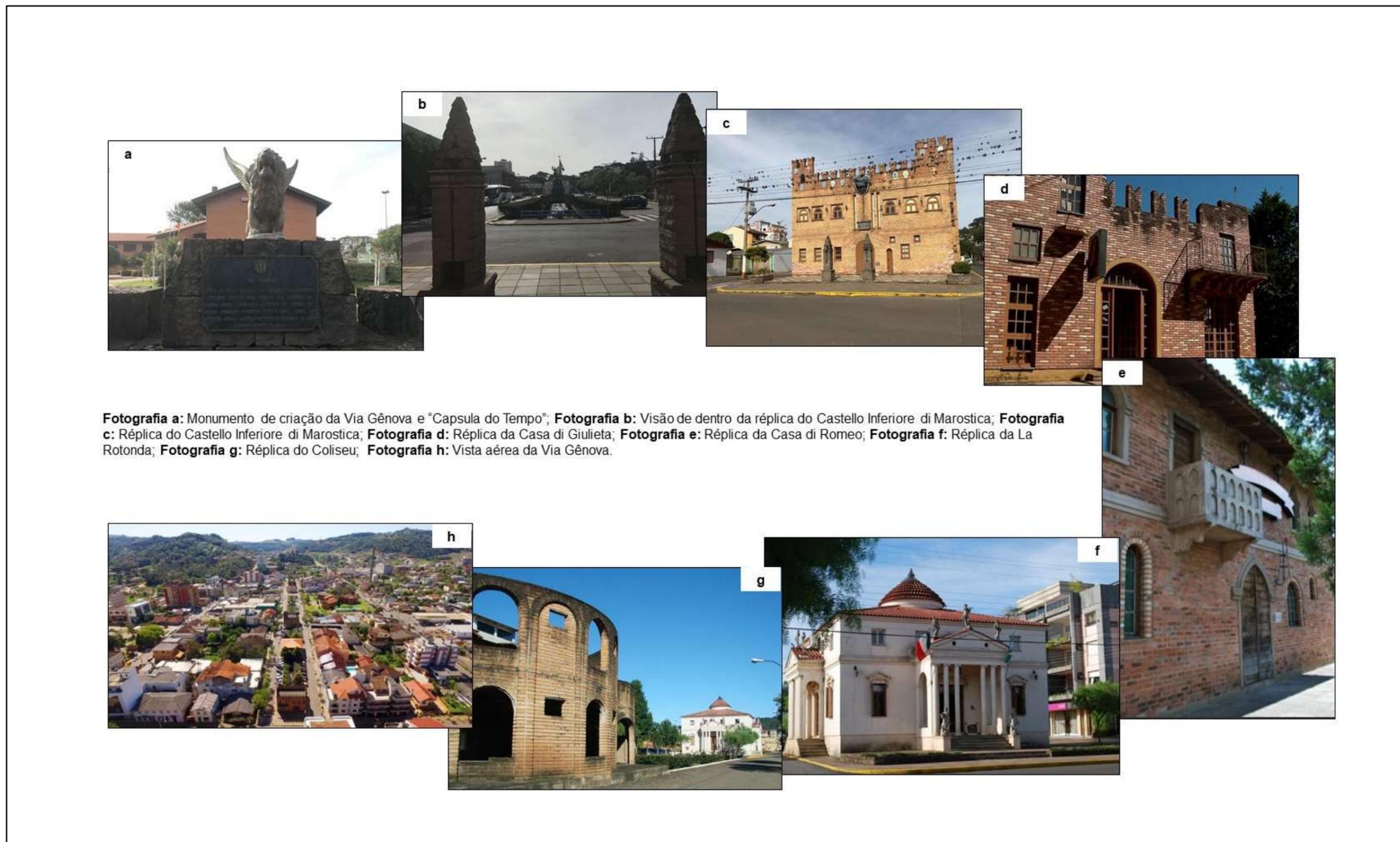
Fonte: Trabalho de Campo, 2017.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

A denominação para o conjunto arquitetônico “Via Gênova”, está ligada a origem dos imigrantes que chegaram no município, ou seja, Gênova, localizado na Liguria – Itália. Segundo a prefeitura municipal, a escolha desse nome foi acatada pois remetia ao lugar de afeto dos colonizadores, sendo assim, uma forma de homenageá-los. Resgata-se, portanto o espaço vivido e reproduzido localmente em Serafina Corrêa.

A primeira edificação entregue, ocorreu no ano de 1996, com a finalização da réplica do Castello Inferiore di Marostica e, a última, o Coliseu, no ano de 2000. Vale destacar que a réplica da Torre di Pisa não foi construída por divergências políticas. Ressalta-se, porém, que há projetos com o intuito de executar esta obra.

Atualmente, a Via Gênova, consiste no principal ponto turístico do município, sendo um marco importante para a economia e cultura da unidade territorial em foco. As edificações possuem diversos usos, como comércio, restaurantes e museus (Figura 6).

Figura 6 – Mosaico fotográfico da Via Gênova



É importante destacar, que segundo a prefeitura, a ideia é transformar essas réplicas em lugares em que a cultura italiana seja apresentada, incentivada, valorizada e cultuada.

A gestão da Via Gênova é promovida tanto pelo poder público quanto privado. Isso ocorreu por parcerias, onde o capital privado aluga as referidas edificações, sendo responsável pela preservação das características originais das mesmas. Segundo a prefeitura municipal, após a criação desse conjunto arquitetônico, o turismo no município aumentou cerca de 20%. Nota-se que a mesma é importante, também, para o desenvolvimento econômico do município,

Na área urbana da unidade territorial, encontra-se ainda algumas residências com arquitetura clássica italiana, com porões de pedra e a casa de madeira, porém, a grande maioria cedeu lugar para uma arquitetura moderna e verticalizada. Em alguns casos, mesmo com a arquitetura contemporânea, manteve-se o sistema de porões, que caracteriza a técnica arquitetônica deste grupo étnico (Figura 7).

Figura 7 – Edificações clássicas e modernas em Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

A verticalização, segundo dados da prefeitura municipal, iniciou durante a década de 1970, com a implantação das principais indústrias do município, e intensificou-se a partir da década de 2000. Atualmente, estima-se que, cerca de 20% da população da unidade territorial reside em edifícios, mostrando uma nova organização do espaço urbano.

A área rural do município, principalmente o distrito de Silva Jardim, apresenta ainda, uma estrutura colonial no que diz respeito a arquitetura e a distribuição das residências. Entretanto, nas propriedades rurais, também é possível encontrar a inserção da arquitetura moderna, onde as famílias, gradativamente, estão construindo novas residências e, muitas vezes, abandonando o estilo arquitetônico trazido por seus antepassados.

Em alguns casos, houve a mescla das técnicas, onde construiu-se uma casa de arquitetura moderna, mas manteve-se o sistema de porões, característica típica deste grupo étnico. A parte clássica, se mantém, principalmente, no comércio e nos arredores da praça principal, onde encontra-se a igreja (Figura 8).

Figura 8 – Edificações típicas italianas na área Rural de Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Como é possível perceber, a arquitetura presente no município é muito rica, pois apresenta marcos clássicos da arquitetura colonial, junto com a inserção da arquitetura moderna, a qual foi trazida durante o processo de reorganização espacial que o município apresentou, após a chegada dos agentes externos. Além disso, percebe-se que os moradores, buscam manter as técnicas clássicas nas edificações mais recentes. Apesar de mudanças nas formas das residências e comércio, o pórtico de entrada continua sendo um símbolo arquitetônico e se destaca entre as demais construções presentes em Serafina Corrêa (Fotografia 5).

Fotografia 5 – Pórtico de Entrada de Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

#### **5.1.4 Código Cultural: Religiosidade**

O grupo étnico italiano é caracterizado pela presença significativa da religiosidade, entre os seus códigos culturais. As crenças em santos e divindades é tida como verdade absoluta para os integrantes deste grupo social. Neste sentido, as

imagens sacras, as igrejas, as capelas, os capitéis estão materializados na paisagem cultural do município.

Destaca-se, também, que a colonização italiana é referência nas festividades religiosas, que sua sociedade organiza. No caso de Serafina Corrêa, a devoção pelos seus santos e santas, e o respeito ao clero, está presente até os dias atuais. Nota-se este fato, quando levamos em consideração, os grandes esforços na organização da Romaria de Nossa Senhora do Rosário, que acontece no terceiro domingo do mês de maio e na confecção dos tapetes de serragem para as celebrações de Corpus Christi (Fotografia 6).

Fotografia 6 – Outdoor anunciando a 30ª Romaria de Nossa Senhora do Rosário/Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Na unidade territorial em análise, o código cultural religião é visível, principalmente, na área rural, onde as famílias fundadoras de cada distrito e linha construíram pequenos capitéis, como oferenda para os santos da igreja católica. Nesta perspectiva, vale destacar que a religiosidade está presente nas escolas e a importância da fé é transmitida para as gerações mais novas (Figura 9).

Figura 9 – Capitéis na área rural de Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Nota-se, também, que os códigos culturais da religiosidade e da oralidade estão interligados, pois algumas celebrações religiosas acontecem na língua Talian, como as missas diárias. Este fato remonta a imaterialidade cultural que Serafina Corrêa possui e a destaca dos demais municípios de origem italiana.

Além da religião católica, que é característica do grupo étnico italiano, que corresponde à 88% da população residente, a dinâmica socioespacial que o município apresentou durante o século XX, fizeram com que houvesse a entrada de pessoas de outros municípios da região, em Serafina Corrêa. Esse fato proporcionou a presença de outras religiões, como a evangélica e a espírita, que também possuem expressão em Serafina Corrêa.

A religiosidade também foi uma das responsáveis pelo desenvolvimento social do município, pois a mesma implantou escolas, seminários e hospitais, auxiliando na melhoria da qualidade de vida dos habitantes. Com isso, uma significativa parte da população mais idosa, teve seus estudos em escolas católicas, o que auxiliou na manutenção dos costumes religiosos até os dias atuais.

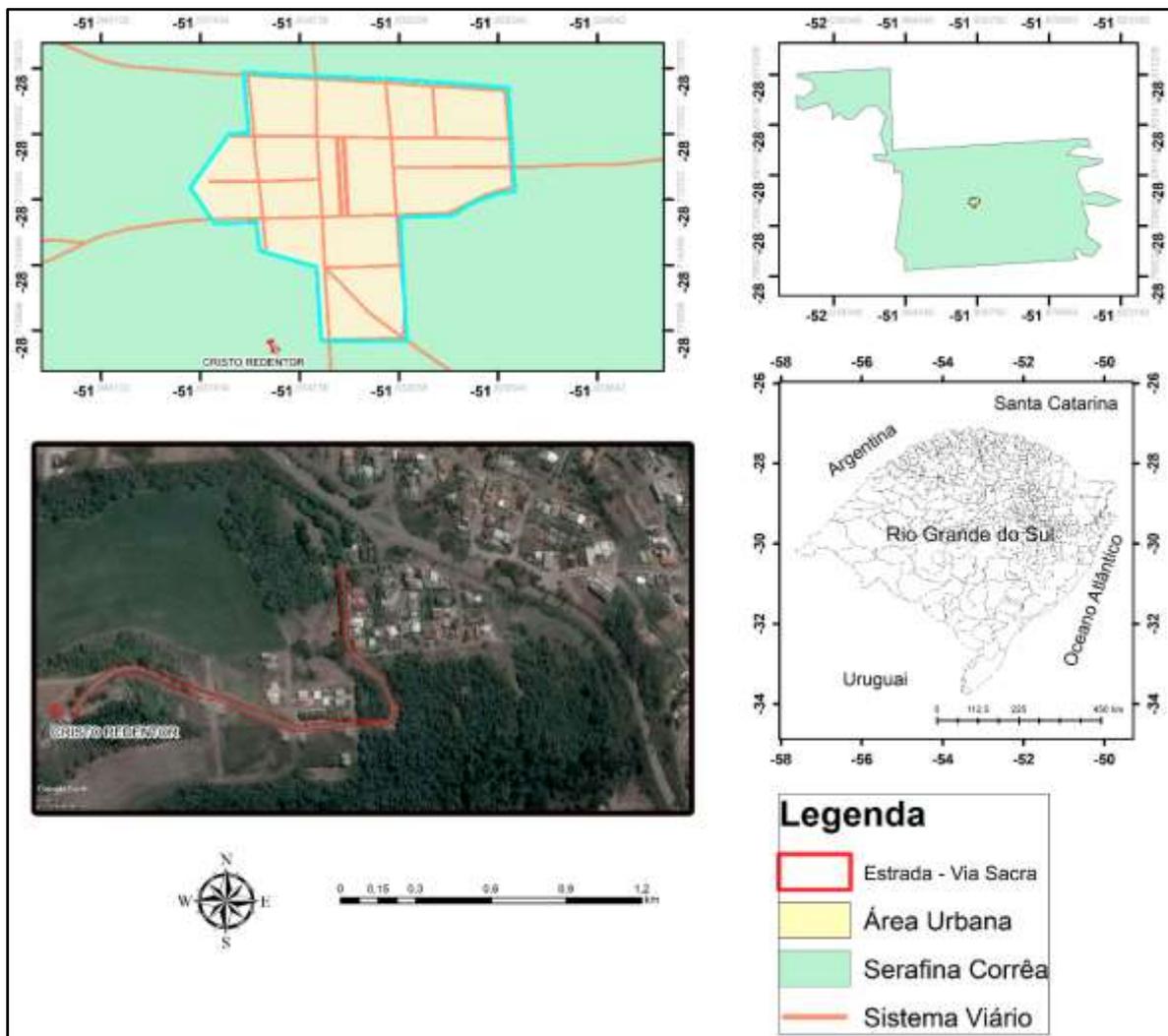
É importante destacar que a religiosidade contribuiu para o turismo e para o desenvolvimento da economia e infraestrutura do município. As romarias, as festividades em datas especiais, juntamente com o monumento do Cristo Redentor e da Via Sacra, a qual foi construída no caminho até o monumento, atraem milhares de fiéis todos os anos (Figura 10).

Figura 10 – Mosaico Fotográfico do Cristo Redentor e Via Sacra



A Via Sacra está localizada ao longo da rua Cristo Redentor, inaugurada no ano de 2013, e consiste em 15 capitéis, onde cada um representa uma estação da Via Sacra. Cada estação conta a história de Jesus Cristo, desde o momento em que ele foi condenado à morte (Estação I), passando pelo carregamento da Cruz (Estação II), o momento em que Jesus é pregado na Cruz (Estação XI), até o momento da ressurreição de Cristo (Estação XV) (Figura 11).

Figura 11 – Localização da Via Sacra em Serafina Corrêa/RS



Fonte: IBGE, 2016; Google Earth.

A construção do Cristo Redentor iniciou no ano de 1957 e foi financiado por doações dos moradores e empresários. Inaugurado em 23 de fevereiro de 1958, com inúmeras autoridades políticas e religiosas. Este monumento é o principal ponto turístico para os fiéis que visitam o município. Em 2003, implantou-se a caminhada

penitencial, que acontece todas as sextas feiras santas, percorrendo o caminho da Via Sacra, até chegar ao monumento.

Além dessas simbologias religiosas, existem outros monumentos espalhados, que se destacam pela área da unidade em estudo. Tem-se, assim, as igrejas, as imagens de santos e as grutas, as quais deixam para quem visita o local, uma sensação de estar em um ambiente abençoado, repleto de significância e de fé (Figura 12).

Figura 12 – Monumentos religiosos em Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Com base nas informações coletadas no trabalho de campo, tornou-se possível perceber a importância que o código cultural religiosidade tem para a construção da identidade cultural e da construção do lugar dos descendentes de italianos. A manutenção da fé e das crenças que esse grupo étnico transmitiu às novas gerações é de suma importância para que a (i)materialidade cultural, que forma a paisagem ítalo-brasileira de Serafina Corrêa.

Também, foi possível perceber, que de alguma forma, todos os códigos culturais presentes no município estão interligados e apresentaram modificações durante o processo de reorganização do espaço de Serafina Corrêa. Tal fato faz com que, nos dias atuais, a cultura seja valorizada pelos moradores e gestores locais.

## 5.2 A DINÂMICA SOCIOESPACIAL DE SERAFINA CORRÊA

O município de Serafina Corrêa apresentou diversas modificações espaciais ao longo de sua história. Inicialmente, pertencendo as primeiras colônias italianas, principalmente de Veranópolis e de Conde D'eu, tornou-se de maior relevância em 1903, quando o município de Guaporé foi instaurado. A economia foi um dos principais fatores, que mediaram a dinâmica socioespacial, que organizou o espaço urbano e rural da unidade territorial em foco.

Quando ocorreu a chegada dos primeiros colonizadores, os mesmos implantaram a agricultura e a pecuária em pequenas unidades produtivas voltadas para a subsistência. Desse modo, Serafina Corrêa se caracterizou por minifúndios de produção familiar. Esses produtores começaram a produzir os alimentos para sua própria subsistência, destacando-se entre eles, a uva, o milho, os suínos e os galináceos. O milho e a uva cederam espaço para a produção do trigo e da soja, durante a década de 1970.

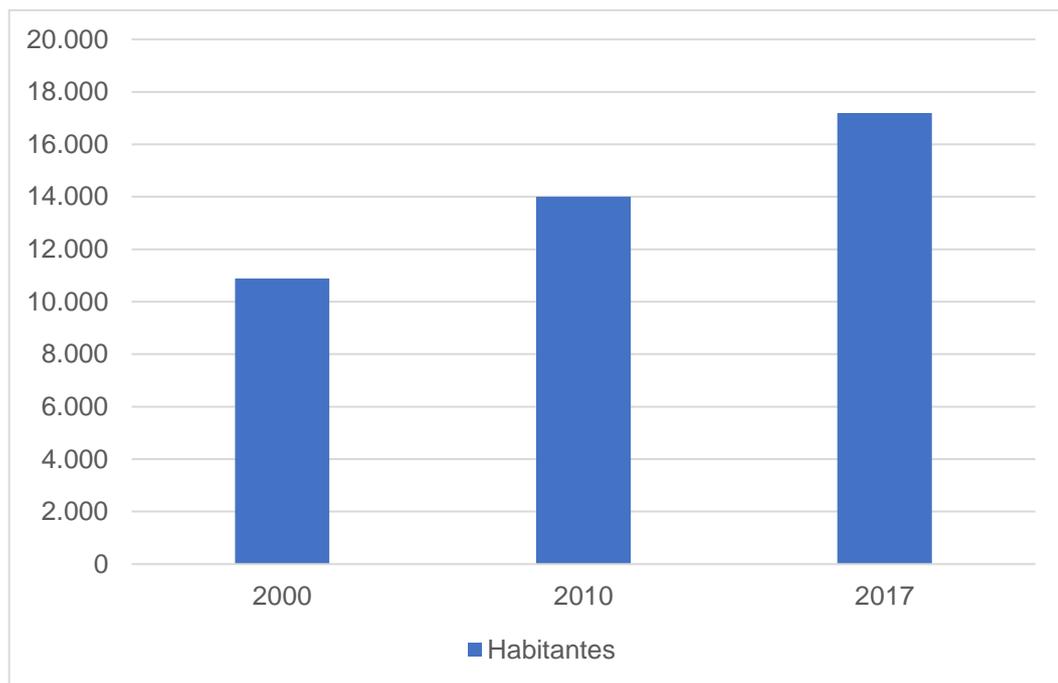
Com o desenvolvimento dos lotes coloniais, o distrito de Dona Fifina, que pertencia ao município de Guaporé, destacou-se economicamente e gerou independência econômica, proporcionando a emancipação política, no ano de 1960. Esse fator foi responsável por destacar o município perante os demais da região, o que gerou especulação de grandes indústrias. Essa dinâmica possibilitou a entrada das indústrias em Serafina Corrêa e o desenvolvimento das pequenas propriedades, através de políticas e de incentivos fiscais.

A presença da soja e do trigo, como principais produtos do colono italiano, mostra como o processo de modernização da agricultura se implementou no meio da produção colonial. Tal fato ocorreu pela pressão que o capital exerce sobre o produtor rural. Atualmente, até os pequenos produtores, que possuem pequenas porções de terras, se dedicam ao plantio do trigo e da soja, contando com uma grande estrutura de tecnologia destinada ao plantio dessas culturas.

A principal dinâmica que o município sofreu, foi resultado dos investimentos direcionados para as indústrias. As principais empresas que se encontram no município, foram fundadas entre as décadas de 1960 e 1970. Porém, foi a partir da primeira década dos anos 2000 que ocorreu a oficialização do distrito industrial de Serafina Corrêa. Tal fato aconteceu no ano de 2009, modificando as relações espaciais a que o município era submetido, até então.

Esse fenômeno gerou impactos, tanto no aspecto social quanto no econômico. Justifica-se tal fato, quando se analisa os dados populacionais disponibilizados pelo IBGE, pois entre 2000 e 2017, ocorreu um aumento populacional significativo, ou seja, a população residente no município teve um aumento de 70%, devido a mão de obra que foi necessária nas indústrias. (GRÁFICO 2).

Gráfico 2 – Crescimento da população de Serafina Corrêa/RS



Fonte: IBGE, 2017.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

A implantação das indústrias auxiliou também o desenvolvimento das agroindústrias familiares, as quais geraram desenvolvimento socioeconômico das áreas rurais do município. É importante ressaltar que, a implantação dessas indústrias, foi responsável pelo impacto nas divisões administrativas de Serafina Corrêa, pois criou-se novos bairros residenciais.

A criação do polo industrial também contribuiu para a consolidação da cultura italiana no município. Constata-se tal fato, pois as principais políticas de manutenção da cultura foram criadas após a implantação do distrito industrial local. Esses esforços, foram resultado da percepção por parte da sociedade local e dos governantes, da hibridização cultural que a unidade territorial estava sofrendo com a chegada dos novos agentes formadores do espaço.

É importante salientar que a influência da cultura italiana está presente no município até os dias atuais. Seus descendentes cultuam os saberes e fazeres tradicionais, mantendo uma paisagem cultural ítalo-brasileira, a qual é responsável por estimular a dinâmica espacial do município.

Apesar da sociedade serafinense ter se adaptado à inserção de agentes externos durante os processos de reorganização espacial, ficou explícito, nas entrevistas que a mais recente frente migratória, ainda causa bastante divergência entre os habitantes. A partir de 2010, os imigrantes oriundos de países da África e da América Central, principalmente do Senegal e Haiti, começaram a chegar e se inserindo na sociedade, com comércio informal de mercadorias. Esse comércio é realizado nas ruas, causando uma grande resistência e um grande embate com os comerciantes tradicionais, os quais não aceitam que os imigrantes organizem suas bancas nas calçadas. (Fotografia 7).

Fotografia 7 – Comercio informal nas ruas de Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

A prefeitura municipal alega que está tomando medidas para inserir estes novos moradores no comércio e na sociedade local. Entretanto, é possível observar

que os mesmos são marginalizados, ao ponto de serem acusados, por alguns moradores, como o motivo do aumento da onda de violência no município. É, portanto, um problema de grupo social diferenciado, que deverá ser resolvido pelos gestores locais.

### 5.2.1 A BRF e a Credeal organizando o espaço de Serafina Corrêa

É importante destacar que as duas principais empresas que se alocaram no distrito industrial foram a BRF e a Credeal. As duas empresas juntas, são responsáveis por cerca de 60% dos empregos na indústria do município e foram diretamente responsáveis por trazer mão de obra externa, impactando assim na estrutura social local. (Figura 13).

Figura 13 – Empresa BRF e Credeal em Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

A BRF representa a Perdigão e a Sadia no município. A mesma instalou-se na unidade territorial no ano de 1960, tendo sua expansão no ano de 2005. A presença desta empresa justifica a grande produção de galináceos no município. A BRF é responsável por cerca de 40% da produção do distrito e emprego de aproximadamente 15% da população local.

A empresa Credeal, foi fundada em 1971, em solo serafinense, em um pequeno galpão do centro da cidade. Sua produção está vinculada à fabricação de cadernos e materiais para escritório. Na atualidade, possui uma grande sede, que atende ao

mercado nacional e internacional, abrangendo mais de 20 países. É considerada a maior fabricante de cadernos do Brasil e emprega cerca de 30% da população local.

Por meio dos dados obtidos durante o trabalho de campo, essas duas empresas foram apontadas como as responsáveis pelo maior fluxo migratório para o município, desde sua colonização, no final do século XIX. Segundo as informações coletadas, houve uma reorganização da trama urbana, pois iniciou-se o processo de verticalização da cidade, o que até então, era inexistente.

Percebe-se que durante os anos de 1970 e 1980, deu-se a construção dos primeiros edifícios. Este fato gerou impactos e foi necessária alteração das leis municipais. Além disso, tornou-se necessário a criação de políticas públicas para a inserção dos novos moradores na sociedade, pois gerou um choque de culturas.

As duas empresas, BRF e Credeal, foram responsáveis por reorganizarem a estrutura urbana e rural do município devido ao desenvolvimento de bairros ao entorno das empresas. Incentivaram, também, os pequenos produtores a investirem em modernização dos meios de produção. Na área rural, a grande maioria dos estabelecimentos têm sua produção destinada à venda para a BRF, devido a empresa utilizar cerca de 80% da matéria prima de origem local. (Figura 14).

Figura 14 – Identificação da BRF nas propriedades rurais de Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Na atualidade, a BRF ainda é a grande responsável pelo fluxo migratório e pela receita que o município gera. Segundo dados que foram obtidos durante o trabalho de campo, a empresa traz para o município uma população temporária, viabilizada por ciclos. Estima-se que a cada dois anos, os funcionários da parte administrativa sejam realocados. Além disso, a mesma possui uma grande preocupação social, onde traz

benefícios para seus funcionários, como plano de saúde, festividades, premiações, além de facilidade, como um mercado próprio. (Fotografia 8).

Fotografia 8 – Mercado BRF destinado aos funcionários/Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

É importante ressaltar que essas duas empresas auxiliam o poder público, na manutenção da cultura e desenvolvimento socioeconômico, através do turismo, através de patrocínio para as festividades e eventos culturais no município. A Credeal, por ser originária de Serafina Corrêa, exerce participação na organização e promoção da Festipizza.

Entretanto, ainda é necessário um maior investimento, por parte da iniciativa privada, nos esforços de preservação da cultura local. Ela foi perdendo espaço para o capital com o decorrer do tempo, e com o desenvolvimento dessas empresas. Inicialmente, as mesmas priorizavam pelo fornecimento de mão de obra dos descendentes italianos locais, tentando organizar as empresas com base na estrutura colonial. Na atualidade, as mesmas possuem uma estrutura moderna e tecnificada, deixando de lado a produção colonial.

### 5.2.2 A implantação da COOPERLATE

A terceira maior empresa presente no município, é uma cooperativa considerada uma agroindústria leiteira, a Cooperativa dos produtores de leite de Serafina Corrêa (COOPERLATE). A mesma foi implantada no início dos anos 1990, a partir de uma associação de várias propriedades de agricultura familiar, principalmente da pecuária leiteira. É importante destacar que 90% dos associados são de origem italiana, e tiveram sua formação pessoal alicerçada nas convenções deste grupo étnico. (Fotografia 9).

Fotografia 9 – Sede da COOPERLATE no centro de Serafina Corrêa/RS



Fonte: Trabalho de Campo, 2018.  
Org.: STEDILE NETO, R. 2018.

Pode-se dizer, que, a cooperativa não impactou de maneira significativa na forma como o espaço se organizou, mas gerou mudanças nos meios de produção na área rural do município. Atualmente, a mesma desenvolve atividades no setor agropecuário. Além disso, possui uma fábrica de rações, um reservatório de grãos, considerado o maior da microrregião geográfica de Guaporé. A cooperativa

desenvolve atividades do beneficiamento do leite e possui um mercado para atender seus associados. Também possui políticas de manutenção da cultura, pois foi construída pelos descendentes dos imigrantes que colonizaram o município. Tais fatos mostram a preocupação que a empresa tem com a população local.

Durante o ano, existem diversos eventos que evidenciam a importância da cultura para o município, destacando o meio rural. Um dos principais, é o projeto “Tardes no Campo”, onde os produtores interagem com a população urbana, durante um dia inteiro, buscando construir um entrosamento para aumentar as relações rurbanas.

Além disso, a cada dois anos acontece a ExpoCooperlate, onde fornecedores e clientes do setor leiteiro se reúnem. Segundo os responsáveis da empresa, a exposição já está na nona edição e foi responsável por trazer grandes investimentos para os produtores, principalmente os de pequeno porte. É válido ressaltar, ainda, que todas essas exposições e projetos são norteados pela cultura italiana, principalmente com a parte gastronômica, auxiliando, também, o desenvolvimento do turismo na região.

Com base nestes dados, é possível afirmar que a Cooperlate é a principal empresa que utiliza as marcas culturais e incentiva o desenvolvimento local. Apesar da mesma ter sofrido processo de modernização e ter incentivado, também, seus membros a investirem em uma agricultura mecanizada, ainda assim, é possível encontrar resquícios dos meios de produção colonial. Além disso, observamos que grande parte da receita gerada por esta empresa e seus associados, ficam no município, contribuindo para o desenvolvimento socioeconomicamente do município.

Em parceria com a Credeal e a BRF, a COOPERLATE constitui 60% da produção e receita que o setor industrial do município gera. Segundo informações do presidente da Cooperativa, o objetivo da empresa é desenvolver o município e auxiliar nos esforços para manter a cultura italiana, a qual é a grande motivadora dessa empresa.

---

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Serafina Corrêa teve sua formação histórica ocorrida no final do século XIX, mais precisamente, durante as décadas de 1870 e 1880. Sua ocupação deve-se quase que, exclusivamente, ao processo de colonização vinculado aos imigrantes italianos. Esses colonos, trouxeram suas convenções, técnicas, saberes, fazeres e valores, e o materializaram no município, construindo sua identidade cultural. Neste sentido, imprimiram as simbologias e códigos, os quais, caracterizaram o grupo étnico italiano e reorganizaram o espaço da região da Serra Gaúcha, e especificamente, desta unidade territorial, até os dias atuais.

Esta investigação científica buscou compreender como aconteceram as relações culturais rurbanas em temporalidades distintas, ou seja, desde sua colonização até a atualidade, enfatizando os impactos ocorridos na sua economia, as quais foram responsáveis pelo processo de reorganização resultantes de dinâmicas espaciais e econômicas locais. Com tal finalidade, analisou-se os principais códigos culturais que ainda hoje estão presentes no município e que se constituem na sua (i)materialidade cultural.

É importante ressaltar os motivos pelos quais deu-se a escolha desta unidade territorial. Inicialmente justifica-se a escolha pela mesma se destacar entre os municípios da Microrregião Geográfica de Guaporé (MRG 13), tanto pelos seus aspectos culturais quanto pelos econômicos. Procurou-se, também, contribuir com os estudos sobre o tema, pois pouco são os estudos culturais que integram esta microrregião. Além disso, esse estudo poderá ser utilizado como subsídio pelo poder público, para os esforços de preservação da cultura local e o desenvolvimento do turismo.

Os objetivos específicos foram construídos a fim de responder a problemática da pesquisa. Os mesmos buscaram investigar a forma como a (i)materialidade cultural italiana está inserida no cenário municipal na atualidade, após a dinâmica socioespacial que reorganizou o município, como também, foi possível identificar as políticas públicas criadas para preservar a cultura local, para as novas gerações.

Os códigos culturais italianos constituem a paisagem cultural de Serafina Corrêa e o identifica perante os demais municípios gaúchos. Ressalta-se, que na atualidade, Serafina Corrêa é considerada, a capital nacional do Talian, sua segunda língua oficial e também é considerado patrimônio imaterial brasileiro.

A reterritorialização espacial permitiu que os imigrantes implantassem seu modo de produção baseado na agricultura familiar. Voltado inicialmente, para a subsistência. Devido as condições edáficas favoráveis, e sua semelhança com as do seu local de origem na Itália, a produção agrícola se desenvolveu e colocou o município em estudo no cenário econômico regional.

Na atualidade, o recorte espacial em análise, teve seu desenvolvimento alicerçado nas técnicas as quais os imigrantes italianos já eram detentores como agricultores, na Itália. Tal fato fez com que a principal economia do município, até meados da década de 1970, fosse a agricultura, caracterizada por pequenas unidades familiares onde o milho e a uva eram os principais cultivos. As relações culturais do município estavam alicerçadas na identidade ítalo-gaúcha, onde os integrantes da sociedade local se relacionavam a partir das convenções desse grupo étnico.

Com o crescimento econômico de Serafina Corrêa, viabilizados pelos seus altos índices de produção, algumas indústrias começaram a se instalar na região. Tal fato foi responsável pela reorganização do espaço e impactou positivamente nas relações culturais da sociedade local. A nova dinâmica espacial que o município apresentou, principalmente no final do século XX e início do século XXI, modificaram gradativamente a sua paisagem e o processo de identidade cultural de sua população.

Dentre as indústrias, destacam-se três principais que foram fundamentais para a dinâmica espacial, as quais, apresenta até hoje em Serafina Corrêa: a BRF, a Credeal e a COOPERLATE, que empregam aproximadamente 50% da população local e são responsáveis por cerca de 60% do capital gerado, justificando seu relevante papel social no município. Optou-se por investigar a instalação dessas três indústrias, pelas mesmas serem as mais relevantes do município e também foram as responsáveis pelos novos cenários produtivos no espaço local.

A instalação dessas empresas ocasionou mudanças na área rural do município, principalmente no distrito de Silva Jardim. Tais mudanças proporcionaram a modernização dos meios de produção, e mudanças no produto cultivado. A soja e o trigo substituíram o cultivo do milho e da uva, os quais eram as principais culturas até a década de 1970.

Através da realização da pesquisa e, principalmente, dos trabalhos de campo desenvolvidos, foi possível identificar a forma como ocorreram as relações culturais rurbanas e os agentes sociais e econômicos formadores do espaço local. Destaca-se como ponto principal resultante dos estudos, a contribuição de que a cultura, trazida

pelos imigrantes no final do século XIX, ainda está presente, apesar de ter apresentado modificações e/ou transformações que ocasionaram “perdas” das marcas individualizadoras da cultura italiana local, frente ao processo de globalização.

É importante destacar que a implantação das indústrias, gerou uma nova frente migratória, principalmente no início dos anos 2000, com a criação do distrito industrial. Salienta-se que, entre os anos de 2010 e 2017, a população apresentou um aumento de aproximadamente 70%. Tal fato acabou por inserir agentes externos, que trouxeram novas relações culturais para o município, causando uma hibridização cultural. Pode-se afirmar, então, que os códigos culturais trazidos pelos colonos italianos e se mantêm até hoje, são a gastronomia, a arquitetura, a oralidade e a religiosidade.

Analisando as relações do cenário rurano, enfatiza-se que o espaço rural do município preserva o código oralidade, utilizando o Talian nas relações com os familiares e vizinhos. A utilização da língua pelos mais jovens está restrita ao convívio familiar, o que justifica a preocupação do poder público municipal em transpassar para as novas gerações a mesma, através da inserção do ensino do Talian na educação básica. Muitos códigos estão hibridizados no espaço urbano e rural, pois os mesmos encontram-se nos dois cenários.

No cenário urbano do município, percebe-se uma arquitetura clássica que, gradativamente, está sendo substituída pela moderna, ou então, surgem como formas atuais do desenho urbano, ou seja, a verticalização. Enfatiza-se que ainda existem construções originais, aquelas construídas pelos colonizadores, mantendo a técnica da construção italiana. A exemplo disso, cita-se que, no espaço rural, ainda existem edificações originais, construídas com pedra e madeira. É importante destacar que há um grande número de prédios e casas em construção, nos quais predomina uma arquitetura contemporânea. Mediante esta constatação, pode-se afirmar que a arquitetura italiana local cedeu espaço, perdendo seus traços identitários típicos deste grupo social. Salienta-se que muitas simbologias foram destruídas ou substituídas na paisagem cultural local.

A gastronomia é a que apresenta uma maior homogeneidade nas relações ruranas. Tanto no espaço urbano quanto no rural é possível degustar pratos típicos. Existem restaurantes nos quais é possível desfrutar da culinária italiana, principalmente a polenta e a sopa de agnoline, acompanhada de vinhos e sucos de uva. Alguns restaurantes fazem uso de produtos locais para o preparo dos alimentos.

A presença destes restaurantes preserva a culinária italiana, sendo um código cultural relevante para a economia local e para a valorização dos produtores locais e da cultura italiana local.

A religiosidade, característica significativa deste grupo étnico, se mantém intacta desde a chegada dos colonizadores. Atualmente se expressa pelas romarias, festividades e peregrinações. O código religiosidade é uma forma de unir os integrantes deste grupo social, sendo também, uma maneira daqueles que chegaram posteriormente, se entrosarem e se incorporarem na sociedade local.

Nota-se a expressividade da religiosidade para a sociedade local, quando a mesma construiu o Cristo Redentor e a Via Gênova. Estes monumentos são responsáveis por incentivar o turismo regional, sendo visita obrigatória dos roteiros turísticos locais.

É importante destacar que o poder público busca formas de preservar a cultura local através de algumas políticas públicas e eventos. O principal marco, foi a oficialização do Talian como língua oficial no município. Este foi implantado na educação básica, visando a preservação deste patrimônio cultural imaterial. Além disso, são organizados eventos e festividades, baseados na cultura italiana, com o intuito de desenvolver o turismo, além de integrar a população local. Também é uma forma de exteriorizar o patrimônio cultural da qual Serafina Corrêa é detentora.

É relevante ressaltar, também, que o fluxo migratório que a instalação das indústrias atraiu, foi responsável pelo desenvolvimento da estrutura urbana e rural do município. Isso ocorreu, através da elaboração e execução e com o planejamento e apoio do poder público.

A partir do ano de 2010, ocorreu uma nova reterritorialidade no município, consequência de um novo fluxo migratório, resultante de imigrantes que se deslocaram para vários países de modo espontâneo e não pela atração por políticas regionais e/ou local e causa conflitos no município. Com a chegada de haitianos e senegaleses, fugidos de guerras e desastres naturais em Serafina Corrêa surgiu o desenvolvimento de um comércio informal. Tal fato, gerou uma grande revolta entre os comerciantes locais mais conservadores. Essa situação acaba gerando um grande preconceito dos moradores com estes imigrantes. Em alguns casos, os mesmos foram apontados como culpados pelo aumento da violência no município ao decorrer do tempo. Procurando amenizar este problema social e também cultural os gestores locais estão buscando alternativas para que esse grupo social possa se inserir na

comunidade respeitando a diversidade cultural. Salienta-se que o poder público vem apresentando dificuldades para inserir esses novos moradores na sociedade local.

Pode-se afirmar que o município possui um grande potencial turístico, que auxilia no desenvolvimento econômico. A exploração das particularidades e/ou singularidades culturais que esta unidade territorial possui, proporciona benefícios para toda a região. No entanto, cabe ao poder público, ações necessárias para planejamentos e incentivos para estimular o desenvolvimento local através do turismo. Além do viés cultural, a região detém certa potencialidade natural e cênica para a implantação de roteiros turísticos, com a temática colonial, remetendo os visitantes à época da chegada dos imigrantes italianos.

Serafina Corrêa, apesar da gradativa hibridização cultural, apresenta marcas culturais expressivas e que, para tanto, faz-se necessário a implantação de políticas e ações para a preservação da mesma, pois constitui um riquíssimo patrimônio cultural. Neste sentido, a pesquisa disponibiliza informações que podem direcionar o poder público a conhecer a forma como o espaço do município está estruturado, auxiliando na valorização dos códigos culturais e da (i)materialidade da cultura local.

## REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, G. **Paisagens Cultural**. Tradução; Ana Paula Bellenzier. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

APPIAH, K. A. Identidade como problema. In: SALLUM JR, B. et al. (Orgs.) **Identities**. São Paulo: Edusp, 2016.

ARAÚJO, R. A. Uma tradição viva: raízes para a alma – uma análise fenomenológica de experiências de pertencer em uma comunidade rural de Minas Gerais. 2008. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Universidade de São Paulo. São Paulo,.

BATISTA, D. S.; MATOS, R. S. A dimensão patrimonial e identitária da paisagem: a história do lugar como fundamento da intervenção urbana e territorial contemporânea. In: PIMENTA, M. C. A.; FIGUEIREDO, L. C. (Orgs.) **Lugares: patrimônio, memória e paisagens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BECKER, E. L. S. A Geografia e o método dialético. **VYDIA**, v. 25, n. 2, p. 51-58, jul/dez/ 2005.

\_\_\_\_\_. **História do pensamento geográfico**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2006.

BERDOLAY, V.; ENTRIKIN, J. N. Lugares e sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA Jr. E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. (Orgs.) **Qual o espaço do Lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BESSE, J. M. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006 [2000].

\_\_\_\_\_. Estar na paisagem, habitar, caminhar. In: CARDOSO, I. L. **Paisagem Patrimônio**. Évora: Dafne Editora/CHAIA, 2013.

BEZZI, M. L. **Região: uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2004.

\_\_\_\_\_; MARAFON, G. J. **Historiografia da ciência geográfica**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2005.

\_\_\_\_\_; *et al.* **RS: uma proposta de regionalização considerando os aspectos geoeconômicos**. Relatório técnico. (PROADE 2/FAPERGS). Universidade Federal de Santa Maria, 2006.

BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 145-149.

BRASIL. **Chancela da Paisagem Cultural Brasileira**. Portaria 127 de 30 de abril de 2009. Disponível em: <<https://iphanparana.files.wordpress.com/2012/09/portaria-iphan-chancela-da-paisagem-cultural.pdf>> Acesso em: 20 de jan. 2018.

BRUM NETO, H. **Regiões Culturais: A Construção de Identidades Culturais no Rio Grande do Sul e sua Manifestação na Paisagem Gaúcha**. 2007. 319 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

\_\_\_\_\_. **Os territórios da imigração alemã e italiana do Rio Grande do Sul**. 2012. 331 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista “Julho de Mesquita Filho”. Presidente Prudente.

\_\_\_\_\_; BEZZI, M. L. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. **Sociedade e Natureza**. Uberlândia, vol. 20, n. 2, p. 135-155, 2008a.

\_\_\_\_\_; BEZZI, M. L. A materialização da cultura no espaço: os códigos culturais e os processos de identificação. **Geografia**. Rio Claro, vol. 33, n. 2, p. 253-267, 2008b.

CAETANO, J. N. **A influência cultural portuguesa na reorganização do espaço da microrregião geográfica de Cruz Alta/RS**. 2012. 270 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

CALDAS, W. **Cultura**. Coleção para entender. 5 ed. São Paulo: Global editora. 2008.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

CANTON, J. P.; CANTON, M.; CANTON, O. **Serafina Corrêa seu tempo, sua gente**. Porto Alegre: EST Edições, 2005.

CHABASON, L. Lepaysagedansleslois d’amenagementet d’urbanisme. In: AA. VV. Seminário sobre el paisaje. **Debate conceptual y alternativas sobre su Ordenación y Gestión**. Sevilha, CETU, 1989, p. 122-125.

CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.C.; CORRÊA, R. L.; (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 89-117, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Gugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

\_\_\_\_\_. A volta do cultural na geografia. **Mercator**. Ano 01, n. 01, 2002.

\_\_\_\_\_. **Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.

COFCEWICZ, G; ZAMBENEDETTI, D. **Serafina Corrêa: História e Estórias**. D.C. Luzzatto Editora. 1988. 185 p.

CONSTANTINO, N. S. Ítalo-gaúchos: imigrantes na cidade e identidade étnica. In: CONSTANTINO, N. S. et al. **Diversidade étnica e identidade cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 89-98, 1994.

CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009.

\_\_\_\_\_.; ROSENDAHL, Z (Orgs.). **Geografia Cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000a. 168 p. Coleção Geografia Cultural.

\_\_\_\_\_. (Orgs.) **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000b. 112 p. Coleção Geografia Cultural.

\_\_\_\_\_. (Orgs.) **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. 196 p. Coleção Geografia Cultural.

\_\_\_\_\_. A Geografia Cultural no Brasil. **Revista da Anpege**. Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 97-102, 2005.

\_\_\_\_\_. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 9-18, 2007.

COSGROVE, D. A ideia de cultural: uma resposta a Don Mitchell. **Espaço e Cultura**, 8, p. 59-61, 1993.

\_\_\_\_\_. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Da UERJ, 1998, p. 92-123.

\_\_\_\_\_. JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Geografia Cultural: um século (2)** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 15-32.

CUNHA, M. C. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

DI MÉO, G.; BULÉON, P. **L'espace social**. Lecture géographique des sociétés. Paris: Armand Colin, 2007.

DUNCAN, J. S.; JOHNSON, N. C.; SCHEIN, R. H. (Orgs.). **A companion to cultural geography**. Malden; Oxford; Carlton: Blackwell, 2004.

\_\_\_\_\_. O supraorgânico da Geografia cultural americana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 63-102.

FERREIRA, L. F. "Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo" In: **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, n" 9, pp. 65-83, jul./dez., 2000, p. 65-83.

FREYRE, G. **A presença do açúcar na formação brasileira**. 2 ed. Florianópolis: Americana, 1975.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Coredes**: perfil socioeconômico. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/>> Acesso em: 23 de nov. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, J. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade**: o direito como instrumento de transformação social; a experiência dos EUA. São Paulo: Renovar, 2001.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 169-190.

\_\_\_\_\_. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, D. From Space to Place and Back Again: Reflections on the Condition of Postmodernity. In **Mapping the Futures: Local Cultures, Global Change**, ed. Bird, J. et al., London: Routledge, 1998.

HEIDRICH, A. L. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (Orgs.). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra1, p. 15-33, 2016.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**. Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-85, 1997.

\_\_\_\_\_. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 67-78, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades – Serafina Corrêa**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/serafina-correa>> Acesso em: 23 de nov. 2017.

KUHN; T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

LE BOSSE, M. As questões de identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

LEFÈBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.

LIMA, A. M. L., KOZEL, S. Lugar e mapa mental: uma análise possível. In: **Geografia** - v. 18, n. 1, jan./jun. 2009 – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências.

LORENSI, D. C. **Geografia cultural e música gaúcha**: a construção da paisagem cantada da 13ª região tradicionalista do Rio Grande do Sul. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

MACIEL, M. E. S. Considerações sobre gaúchos e colonos. In: CONSTANTINO, N. S. et al (Org.) **Diversidade étnica e identidade cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 31-42, 1994.

MAESTRI, M. **Breve História do Rio Grande do Sul**: da Pré-história aos dias atuais. UPF editora; 2010. 461 p.

MANFROI, O. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. 2 ed. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. N. **Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINELLI, M; PEDROTTI, F. A cartografia das unidades de paisagens: questões metodológicas. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, São Paulo, p. 39-46, 2001.

MASSEY, D. A global sense of place. In.: BARNES, T., GREGORY, D. (Orgs.). **Reading human geography**. London: Arnold, 1997, p. 315-323.

MAXIMIANO, L. A. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. R. RA´E GA, Curitiba: Editora da UFPR, n. 8, p. 83-91, 2004.

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. et al (Org.) **Geografia Humana**: Sociedade, Espaço e Ciência Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONDANA, L.; SÖDERSTRÖM, O. Do texto à interação; percurso através da Geografia Cultural contemporânea. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Coleção Geografia Cultural, p. 133-156, 2004.

OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA Jr. E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. (Orgs.) **Qual o espaço do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. Tradução: Eduardo Marandola Jr. In: MARANDOLA Jr. E; HOLZER, W; OLIVEIRA, L. (Orgs.) **Qual o espaço do Lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PESAVENTO, S. J. **RS: Agropecuária Colonial e Industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. (Série Documenta, 17).

PESSÔA, V. L. S. Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. **Geo UERJ**. Rio de Janeiro, n. 23, v. 1, p. 4-18, 2012.

PICCIN, E. **O código cultural religião como uma das manifestações da identidade cultural da quarta colônia de imigração italiana/RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

PIMENTA, M. A paisagem cultural: multiplicidade interpretativa e políticas de preservação. **Ateliê Geográfico**. Goiânia, v. 10, n. 2, p. 97-114, ago. 2016.

Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa. **Hino municipal**. Disponível em <<http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/site/conteudo/?gCdConteudo=31>> Acesso em: 24 de jul. 2018.

\_\_\_\_\_. **Histórico do município**. Disponível em: <<<http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/>> Acesso em: 18 de ago. 2017.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia (Rio Claro)**, v. 04, n. 07, p. 01-25, 1976.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SÁ, T. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 2, p. 209-229, 2014.

SALVADOR, D. S.C. O. A geografia e o método dialético. **Sociedade e Território**. Natal, v. 24, n. 1, p. 97-114, 2012.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTOS, J. V. T. **Colonos do vinho**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp. 1996.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6 ed. São Paulo: Ed. Da USP, 2014.

SAQUET, Marcos A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. 2002. 259 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista.

\_\_\_\_\_. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. **Geosul**. v. 22, n. 43, p. 55-76, 2007.

SAUER, C. O. The morphology of landscape. In: LEIGHLY, J. (Org.), **Land and Life - A Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer**. Berkeley : University of California Press, p. 315-350, 1963.

\_\_\_\_\_. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998 [1925], p. 12-74.

SEEMANN, J. Mapeando culturas e espaço: uma revisão para a geografia cultural no Brasil. In: ALMEIDA, M. G.; RATTIS, A. J. P. **Geografia: Leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

SELL, J. C. **Estradas paisagísticas**: estratégia de promoção e conservação do patrimônio paisagístico do pampa Brasil-Uruguaí. 2017. 322 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

SEYFERTH, G. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, D. (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed Fundação Getúlio Vargas, 1999.

SORRE, M. **Migrações e mobilidade do ecúmeno**. Tradução: Januário Francisco Megale (Org.). São Paulo: Ática, p. 124-139, 1984.

SPOSITO, E. S. A questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In: CASTRO, I. E.; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

TORELLY, L. P. P. Paisagem Cultural: uma contribuição ao debate. In: **Portal Vitruvius**. Ano 09, v. 04, novembro de 2008. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc240/mc240.asp>>

TUAN, Y. Geografia humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1983. p. 143 – 164.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

WAGNER, P. L.; MIKESSELL, M. W. Os temas da geografia cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-62.

VASCONSELOS, M. C. A. As fragilidades e potencialidades da chancela da paisagem cultural brasileira. **Revista CPC**, São Paulo, n. 13, p. 51-73, nov. 2011/abr. 2012.

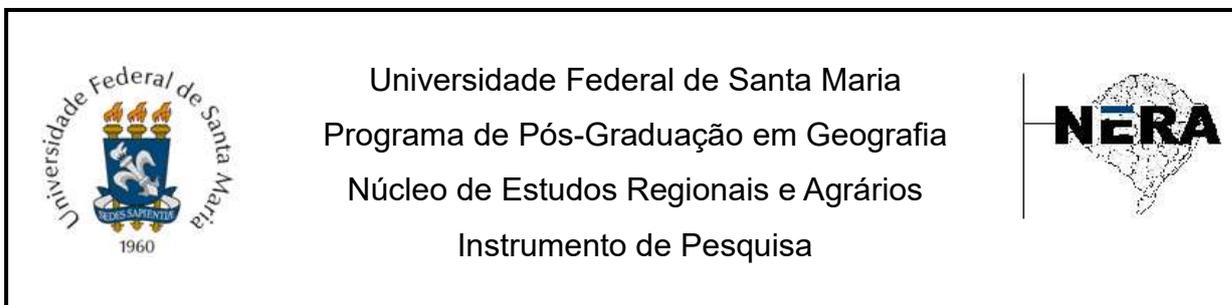
VIEIRA, E. F.; VIEIRA, M. M. F. **Espaços econômicos**: geoestratégia, poder e gestão do território. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.

VOIGT, E. **Paisagem e Diversidade Cultural**: As Identidades Culturais das Distintas Etnias em Santa Maria/RS (Santa Maria-2013) 198 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria.

WAIBEL, L. Princípios da colonização europeia no Sul do Brasil. **RBG**, v. 50, n. especial, T. 1, p. 201-266, 1988.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA ENTREVISTAR RESPONSÁVEIS DA SECRETARIA DE CULTURA DO MUNICÍPIO DE SERAFINA CORRÊA/RS.**



A presente entrevista integra a dissertação de Mestrado denominada: “A imaterialidade da cultura italiana no município de Serafina Corrêa/RS: as relações culturais rururbanas em um município agroindustrial” tendo como objetivo realizar coleta de informações referentes a pesquisa.

**Mestrando:** Ricardo Stedile Neto.

**Orientador:** Meri Lourdes Bezzi

**Entrevista para a Secretaria de Cultura do município de Serafina Corrêa/RS**

1 – De que região da Itália e a partir de quando chegaram os primeiros imigrantes a localidade que atualmente é o município de Serafina Corrêa? O processo migratório foi incentivado por políticas governamentais (qual(is)?) ou por iniciativa privada?

---



---



---



---

2 – Economicamente, os imigrantes italianos e a sua cultura tiveram influência no processo de emancipação do município? Como ocorreu este processo?

---



---



---

3 – Sabemos que o dialeto Talian é a segunda língua oficial do município. O mesmo é utilizado igualmente como a segunda língua na educação básica, ou é apenas transmitido entre familiares? Qual a preocupação em incentivar esse dialeto para a cultura local?

---

---

---

4 – Quais foram os benefícios recebidos pelo município após o dialeto Talian ter sido reconhecido oficialmente como língua oficial no município? Como se deu esse processo de lei?

---

---

---

5 – Atualmente existem algumas festividades ligadas a cultura italiana que é promovida anualmente pelo município. Elas têm papel importante para a economia e para a cultura do município? Os organizadores e patrocinadores são unicamente da sociedade serafinense ou há membros externos?

---

---

---

6 – Essas festividades foram implantadas pelos imigrantes ou pelos seus descendentes com o intuito de manter a cultura trazida por seus ancestrais? Há quanto tempo ocorrem essas festividades? Como são denominadas e em que mês(es) ocorrem?

---

---

---

---

7 – A prefeitura possui dados sobre a porcentagem de descendentes italianos que residem na área do município atualmente? Como é realizado o levantamento desses dados? Qual o intervalo temporal de atualização dos mesmos?

---

---

---

---

8 – O grupo cultural italiano desenvolve atividades específicas como: dança; corais, entre outros? Existe algum tipo de registro para torná-los oficiais? Quantos grupos oficiais existem em 2018? Esses grupos recebem auxílio público para se manterem ou são privados?

---

---

---

---

---

---

9 – Sabemos que o Rio Grande do Sul recebeu diversas correntes imigratórias durante a sua colonização. Além dos italianos, quais os outros grupos que foram responsáveis pela organização espacial de Serafina Corrêa? Eles ainda estão presentes atualmente? Existe dados sobre a porcentagem de cada grupo étnico presente no município? É possível saber em que períodos eles passaram a residir no município?

---

---

---

---

---

10 – Como a secretaria de cultura entende a criação do distrito industrial no município? Que medidas serão tomadas para que se mantenham os costumes italianos frente a nossa nova realidade econômica?

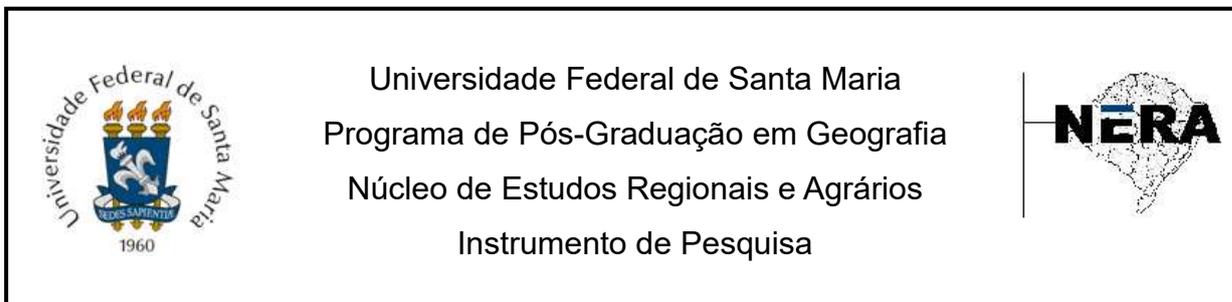
---

---

---

---

## APÊNDICE B: ENTREVISTA SEMIESTRUTURA PARA ENTREVISTAR OS MORADORES DE SERAFINA CORRÊA/RS.



A presente entrevista integra a dissertação de Mestrado denominada: “A imaterialidade da cultura italiana no município de Serafina Corrêa/RS: as relações culturais rururbanas em um município agroindustrial” tendo como objetivo realizar coleta de informações referentes a pesquisa.

**Mestrando:** Ricardo Stedile Neto.

**Orientador:** Meri Lourdes Bezzi

### Entrevista para os moradores de Serafina Corrêa/RS

1 – Você é natural do município? Se não, há quanto tempo reside no município? Por quê?

---



---



---



---

2 – Qual é sua profissão?

---

3 – É descendente de italianos? Além dessa, é descendente de alguma outra etnia? Qual?

4 – Sua família é proveniente de qual região da Itália? Sabe informar o ano em que os seus antepassados chegaram a Serafina Corrêa?

---

---

---

5 – O município é referência nacional na língua Talian. Você tem domínio dessa língua?

( ) Sim;

( ) Não.

Se sim: como ocorreu o processo de aprendizado? Esse conhecimento lhe foi ensinado em casa ou na escola?

---

---

---

6 – Você notou alguma mudança na forma como o Talian é visto após a oficialização do mesmo como segunda língua no município?

---

---

---

---

---

7 – O que você entende como sendo uma paisagem cultural?

---

---

8 – O que você destaca como sendo importante para manter os costumes trazidos pelos imigrantes italianos e que estão presentes nos dias atuais no cotidiano local?

---

---

9 – Os hábitos e costumes de seus antepassados permanecem em sua família?

Sim;

Não.

Se sim: você os considera relevantes? Quais são eles?

---

---

---

---

10 – Seu pertencimento está mais ligado ao Brasil ou à Itália?

---

---

11 – Além da oralidade e da arquitetura, quais são os demais marcos característicos do grupo étnico italiano você destaca no município?

Religião;

Música;

Gastronomia;

Dança;

Vestimenta;

Festividades;

Artes.

12 – Como você enxerga a inserção de um polo industrial no município? Acredita que isso possa vir a prejudicar a cultura italiana local com o decorrer do tempo?

13 – Você acha que as medidas para incentivar a manutenção da cultura que são tomadas pelo poder público e sociedade serafiniense são suficientes?

Sim;

Não.

Se não: o que deveria ser melhorado?

---

---

14 – Você ajuda nas festividades e atividades de cunho cultural?

Sim;

Não.

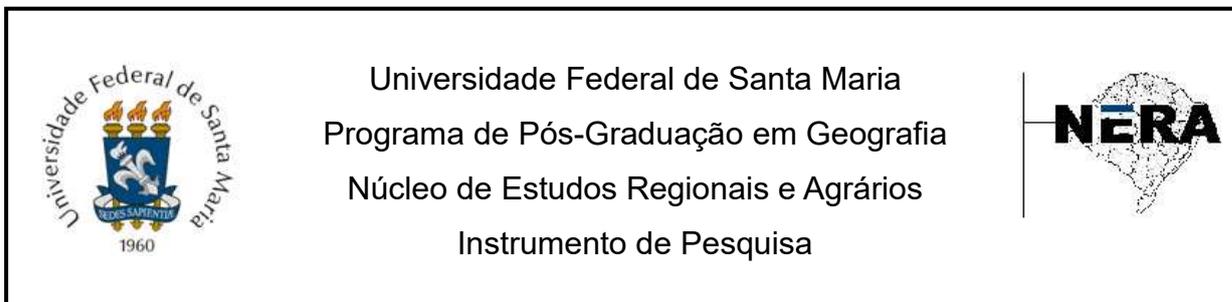
Se sim: na sua opinião, qual a importância das mesmas para o município?

---

---

---

## APÊNDICE C: ENTREVISTA SEMIESTRUTURA PARA ENTREVISTAR OS RESPONSÁVEIS PELAS INDÚSTRIAS DE SERAFINA CORRÊA/RS



A presente entrevista integra a dissertação de Mestrado denominada: “A imaterialidade da cultura italiana no município de Serafina Corrêa/RS: as relações culturais rururbanas em um município agroindustrial” tendo como objetivo realizar coleta de informações referentes a pesquisa.

**Mestrando:** Ricardo Stedile Neto.

**Orientador:** Meri Lourdes Bezzi

### Entrevista para as Indústrias de Serafina Corrêa

1 – Como e quando foi realizada a implantação do distrito industrial? Quais foram os motivos que trouxeram as indústrias para o município?

---



---



---

2 – As empresas priorizam por contratar mão de obra local?

( ) Sim;

( ) Não.

Se sim: por quê?

3 – Existe registro de quantidade de descendentes italianos que estão empregados nas indústrias locais?

4 – As empresas utilizam matéria prima das pequenas propriedades de origem familiar ou compra matéria prima de diversos municípios gaúchos?

---

---

---

5 – Quais são os principais produtos produzidos no polo industrial? A cultura italiana tem influência na escolha dos mesmos?

---

---

---

6 – O município promove diversas festividades que cultuam os costumes do grupo étnico italiano. As indústrias estão inseridas nessa realidade? Ajudam a promover as mesmas?

---

---

7 – O município possui uma estrutura fundiária na qual as pequenas propriedades familiares são expressivas. Existem algum tipo de acordo ou incentivo dos órgãos gestores municipais com as empresas para incentivarem esse tipo de unidade produtiva? A compra de seus produtos seria um dos incentivos?

---

---

---

---

8 – A manutenção da cultura e dos costumes teve influência na implantação e no crescimento da indústria no município?

---

## **ANEXOS**

## Anexo A: Hino Municipal de Serafina Corrêa

### Hino de Serafina Corrêa

Coroada de coxilhas  
Engastada em verde anel  
Serafina alegre brilha  
Em teu fúlgido painel

Agiganta-se a tua torre  
Dedo erguido para o céu  
É o sinal que nunca morre  
Firme a fé dos filhos teus

Terra amada sempre avança  
do progresso nos umbrais  
irradiando a tua pujança  
Viva herança de teus pais

Os teus lares são colmeias  
Onde ferve árduo labor  
E borbulha ainda em tuas veias  
Dos pioneiros o valor

Cristo no alto corcovado  
De visita é teu cartão  
E teu nome é afamado  
Por tua indústria e produção

Terra amada sempre avança  
do progresso nos umbrais  
irradiando a tua pujança  
Viva herança de teus pais

Do Rosário a grã Senhora  
Em seu manto maternal  
Guarda unida toda hora  
A família Paroquial

Teu melhor jardim de flores  
É dos jovens a legião  
Que cultivam seus amores  
Na integral sua formação

Terra amada sempre avança  
do progresso nos umbrais  
irradiando a tua pujança  
Viva herança de teus pais

**(2x)**